UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

# Tradução comentada do manuscrito do corsário Thomas Cavendish

Orientador: Prof. Dr. John Milton
Orientando: Paulo Edson Alves Filho

São Paulo
2002

ALVES FILHO, P.E.A.
2002

# TRADUÇÃO COMENTADA DO MANUSCRITO DO CORSÁRIO THOMAS CAVENDISH


## RESUMO

A base desta dissertação é a tradução para o português do manuscrito do corsário inglês Thomas Cavendish que, após tentar alcançar a China em 1591, descreve todos os acontecimentos que ocorreram em sua viagem pela costa do Brasil e da Patagônia.
Esse trabalho inicia-se com a contextualização histórica de Cavendish, do Brasil Colonial e a produção literária de viagens e explorações do editor Samuel Purchas. Purchas foi um destacado editor de narrativas de viagem e produziu uma vasta compilação de relatos de viajantes do século XVI.
Em um segundo momento, é realizada uma análise dos aspectos lingüísticos e tradutológicos e são destacados o inglês elisabetano que Cavendish emprega e seu estilo pessoal de redação.
A partir desse estudo, são apresentados glossários náuticos e de outros termos bem como um conjunto de possibilidades ao tradutor, em termos de possíveis registros do texto original na língua portuguesa. Essa seção enfoca os modelos propostos de tradução de certos acadêmicos e uma análise de traduções e de manuscritos semelhantes.
Segue-se então uma tradução acadêmica integral da narrativa de Cavendish, acompanhada de notas explicativas e comentários referentes ao processo de tradução.



## ABSTRACT

The basis of this dissertation is the translation into Portuguese of the manuscript of Sir Thomas Cavendish, an English corsair, who, after trying to reach China in 1591, describes all events that took place on his voyage along the coast of Brazil and Patagonia.
This work begins by making a historic contextualization of Cavendish, Colonial Brazil and Samuel Purchas' travels and exploration literary production. Purchas was a great editor of narratives of travel and produced a vast compilation of travellers' accounts in the XVI century.
After this step, an analysis of linguistic and translation aspects is made, and the early Modern English Cavendish used and his very personal features are highlighted.
A glossary of nautical and other terms and the options for the translator, in terms of the possible Portuguese registers, are then presented. This section looks at the translation models proposed by certain scholars and an analysis of similar manuscripts and translations.
A complete academic translation follows, with footnotes and comments regarding the translation process.

***Meus sinceros agradecimentos às seguintes pessoas*:**

*Luis Otávio* e *Francisco Baddini* por terem me levado a Ilhabela em janeiro de 1996, local que desde então, além de Sorocaba e Londres, considero como "meu lugar";

*Henrique Cavalcanti*, que sugeriu transformar minha pesquisa em dissertação de mestrado;

*Nádia Dalla Dea* pelo auxílio na elaboração do glossário;

*David Meagher, Marcello di Ferrari, Alan Hartley, Lya Wyller e Fábio Ramos* pelos preciosos comentários e elucidações referentes a assuntos náuticos;

*Stella França*, da Secretaria de Cultura de Ilhabela, pela enorme colaboração relativa a informações sobre a ilha de São Sebastião e por me colocar em contato com vários moradores da ilha;

*Dr. Og Natal Menon* e *Dr. Jose Vicente Serafim Pietroforte*, componentes da banca de qualificação, cujas críticas e sugestões contribuíram muito para o aperfeiçoamento desta obra;

*Tereza Cristina Melo de Brito Carvalho* e *José Roberto Amazonas*, professores da Escola Politécnica da USP pelo conhecimento que adquiri em uma área tão diversa da que estudei na FFLCH;

*Charlotte Biggs*, do National Maritime Museum de Londres, pela atenção e presteza em me localizar os microfilmes necessários;

*Fiona Easton*, do Hakluyt Society de Londres, pela atenção e gentileza em me ceder volumes extras de obras do catálogo daquela distinta instituição;

*Dr. Adone Agnolin* por ter me ensinado de forma concisa uma parte da história da América Latina;

*Luis Mauro Nascimento* pela revisão de toda a dissertação;

*Marcia de Grandi*, da biblioteca da FFLCH da USP, pela sua dedicação em me localizar diversas obras e material de referência;

***Meu especial agradecimento***:

ao Prof. Dr. *John Milton*, por acreditar neste meu projeto, por ter contribuído significativamente, em todo esse tempo, no processo de tradução, e por toda dedicação e orientação no desenvolvimento desta pesquisa;

à *FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo*, que pôde, graças ao apoio financeiro, proporcionar-me dedicação integral a este projeto.

São Paulo, abril de 2002

*"Piratas: de tantas vozes que falam sobre eles, uma se sobressai, com sentido de mão única.*

*Espanha, que para Cristo e em nome de Cristo, tomara para si a missão de conquistar as almas que habitavam o desconhecido, teria, também, que expulsar os demônios do caminho.*

*Demônios que tentavam, que queriam possuir-lhe o corpo – um corpo de terras e mares.*

*O mar: esse grande desafio, onde a solidão e a distância do conhecido que se deixava para trás, propiciava a emboscada e o bote."*

*Sheila M. Doula, em "Piratas: Discursos e Silêncios"*

**Índice**

**Introdução** 7

**1. A Europa no século XVI e os fatores que propiciaram expedições como a de Thomas Cavendish** 14
*Contextualização histórica - O cenário político da Europa no século XVI propício às expedições ultramarinas inglesas - As relações políticas entre o reinado inglês e a Coroa Espanhola - A União Ibérica e as atividades dos europeus no Novo Mundo.*

**2. Thomas Cavendish – Sua vida e seus feitos** 18
*Biografia do corsário Thomas Cavendish, suas viagens e atividades; sua passagem pelo Brasil Colônia e os registros documentais dessas atividades – Ataques bem sucedidos e falência de sua última expedição.*

**2.1 Biografia do corsário Thomas Cavendish** 18

**2.2 Os atrativos das vilas coloniais do Brasil para um corsário do século XVI** 19

**2.3 A passagem de Thomas Cavendish pelo Brasil em 1591** 21

**2.4 Thomas Cavendish nos registros literários no Brasil** 31

**2.5 Thomas Cavendish e Ilhabela** 36

**2.6 O Manuscrito de Thomas Cavendish** 40

**3. O Processo de registro do manuscrito de Cavendish na língua portuguesa** 42
*Abordagem tradutológica ao manuscrito - Análise das estratégias e escolhas feitas pelo tradutor- O inglês seiscentista contido no manuscrito,glossários de termos e expressões contidas no manuscrito – O estudo comparativo de obras similares – Informações adicionais à tradução do manuscrito.*

**3.1 Análise preliminar do manuscrito de Cavendish** 42

**3.2 A publicação do manuscrito de Cavendish por Samuel Purchas** 45

**3.3 Análise de elementos isolados sob o aspecto tradutológico** 47

**3.3.1 Glossários do manuscrito de Cavendish** 51

**3.3.2 Considerações sobre notas de rodapé na tradução do manuscrito de Cavendish** **71**

**3.4 Possíveis soluções na tradução do manuscrito** **71**

**3.4.1 Estudo de modelos aplicados à tradução do manuscrito** **71**

**3.4.2 As soluções de Guiomar Franco e Higino Pereira do relato de Anthony Knivet aplicadas no manuscrito** **80**

**3.4.3. Uma adaptação do manuscrito de Cavendish** **84**

**4. Tradução do manuscrito de Cavendish** **89**
*A tradução na integra do manuscrito - Comentários sobre o processo de tradução e notas explicativas*

**5 Conclusão** **168**

**6. Bibliografia** **169**

**7. Notas Explicativas** **173**

**Introdução**

No dia 3 de janeiro de 1996, eu e alguns amigos decidimos ir a Ilhabela, no litoral norte paulista. Como de costume, era uma época chuvosa, embora aquela semana em particular registrasse uma precipitação pluviométrica um pouco acima do comum e, como o tempo não estivesse propício à praia, ficamos a maior parte do tempo na pousada, ora tocando piano, ora jogando ou nadando na piscina, embaixo da chuva intermitente. No terceiro dia, o passeio estava começando a ficar enfadonho e na tarde do dia 6 resolvi correr ao longo da estrada que liga o centro da cidade ao extremo sul da ilha. O céu estava totalmente nublado, contudo parecia que a chuva tinha dado uma trégua. Mas só por pouco tempo: após ter corrido 40 minutos, o temporal desabou. Parecia que naquelas poucas horas quando não havia chovido fez com que acumulasse mais água no céu para ser despejada de uma vez só. A chuva estava tão forte que era dificil correr. Logo ficou impossível até de respirar com aquele dilúvio caindo sobre o meu rosto e, como não havia nenhum abrigo melhor, parei embaixo de uma árvore próxima a Praia Grande da ilha. Só me restava esperar, encharcado, aquela chuva torrencial cessar. Foi nesse momento que notei algumas folhas de papel amarelo, já amassadas e sujas, junto às raízes da árvore e, olhando mais atentamente, percebi que eram partes de uma brochura turística sobre a Ilha de São Sebastião e mencionava que um pirata utilizava aquelas paragens como esconderijo. A primeira imagem que me veio à cabeça foi o semblante de alguém como Capitão Gancho, com um papagaio ao ombro, tapa-olho e só alguns dentes na boca. Na verdade nunca havia imaginado piratas em terras brasileiras. Parecia algo muito improvável pelo que conhecia das aventuras de personagens como a do Capitão Kidd ou de histórias como a "Ilha do Tesouro" de Robert Stevenson. Meu passeio em Ilhabela naquele momento começava a ter outro sabor. E assim que consegui voltar à pousada onde nos hospedávamos, decidi ir até a biblioteca local e tentar encontrar maiores informações sobre o "terrível Cavendish" que era citado naquele papel imundo. Eu realmente havia por acaso encontrado um tesouro naquele temporal. Só que era apenas um pequeno indício, perto da grandiosidade e complexidade do que estaria por pesquisar nos anos que se seguiriam. Como se fosse a ponta de um *iceberg* que despontava no mar.

Para minha frustração, naquela tarde, na pequena biblioteca do município, não consegui encontrar nenhum registro da passagem (ou estada) do corsário inglês no litoral paulista. Mas

começava a ver a ilha de São Sebastião com outros olhos depois de então. Voltei a Sorocaba e comecei a pesquisar na Internet e na biblioteca da Universidade local mais informações sobre o tal "corsário vermelho", quando me deparei com um interessante relato de um de seus marujos, Anthony Knivet. Esse relato descrevia em detalhes a passagem do navegador inglês em águas brasileiras além de conter um rico material descritivo sobre o Brasil Colônia, pois Knivet havia sido abandonado no litoral paulista e viveria aqui por mais 20 anos antes de retornar à Europa. Ainda assim, o melhor documento que encontraria era a reprodução do manuscrito de Cavendish, lançado pela *Chicago University Press* em 1975 e que estava disponível para venda no *site* de uma livraria americana. Nesse ínterim, eu e o diretor teatral Álvaro Marcolan tentamos esboçar o roteiro de uma peça de teatro sobre a viagem de Cavendish. Nessa época, já estava pesquisando intensamente pirataria inglesa e Brasil Colônia e, a partir da idéia da peça de teatro, que não concluímos, e dos resultados dessas pesquisas, comecei a escrever um livro (que até hoje encontra-se inacabado com apenas 3 capítulos) chamado "Trágicos Reinos", inspirado no *Tragic Kingdom* - segundo CD da banda americana de rock *No Doubt*, onde descrevia a história de Thomas e acrescentava algumas personagens e passagens fictícias, sempre tendo o cuidado para não alterar os acontecimentos reais narrados por Knivet.

"Trágicos Reinos" foi minha primeira tentativa de abordagem literária à aventura de Cavendish, seguindo os moldes da obra "Pilares da Terra" de Ken Follet onde, no final da saga, uma de suas personagens participa do assassinato verídico de um cardeal. Nos primeiros capítulos intercalei a narrativa com fatos históricos: um ataque realizado por Cavendish a um galeão espanhol e as atividades piráticas da lendária rainha Grainne O'Malley, que liderou seu clã na costa ocidental da Irlanda até seus 70 anos de idade. Misturando realidade e ficção, narro naquele meu trabalho o que aconteceu no ano de 1579: a recém-viúva O'Malley dera abrigo a dois mercadores náufragos na região de Galway e com um deles, Hugh de Lacy, tem um filho. A criança nascendo e não sendo pertencente à linhagem nobre da clã de Galway, é entregue ao inglês Samuel Younge, o segundo náufrago resgatado junto com de Lacy. Adrian Younge cresce sem saber de sua verdadeira identidade até que em uma determinada situação O'Malley o reconhece como seu filho (devido a uma marca de nascença). Não podendo ter o *status* de filho nobre, muda-se para Londres para trabalhar na forjaria de seu tio (irmão de Samuel Younge), a qual fornecia a maioria dos canhões que equipavam os galeões ancorados no porto do Tâmisa, incluindo os barcos de Cavendish. Younge, minha personagem fictícia, acompanha

Cavendish em sua aventura pelo Brasil: toda a narração da trama é feita por ele, que também é o responsável pela morte do corsário inglês no trajeto de volta à Inglaterra.
Em "Trágicos Reinos", aproveito as lacunas documentais das atividades de Cavendish e descrevo um enredo (tomando os devidos cuidados para não contradizer os fatos reais) que ilustra e justifica a tragédia que acometeria toda a expedição. Ainda mais, tento (em um exercício árduo) descrever a aventura de um "príncipe bastardo" que, vindo do úmido, gélido e verde litoral ocidental irlandês, integra a tripulação da esquadra corsária inglesa e vive por algum tempo perambulando pelos engenhos e matas da região da vila de Santos. Ele também é o único marujo que detém a cópia do mapa de um suposto tesouro abandonado na atual praia de Castelhanos e sua determinação em encontrá-lo, leva-o a promover um motim contra o comandante Cavendish.

Foi por volta de 1998, quando escrevia o "Trágicos Reinos", que um amigo, Henrique Cavalcanti, sugeriu que apresentasse a tradução do manuscrito de Cavendish como projeto de dissertação de mestrado. Até aquele momento já tinha um esboço dessa tradução preparada - apesar de imperfeita e adaptada devido à grande complexidade do conteúdo original - e a cópia da narrativa do marujo Anthony Knivet. Fui até a Universidade de São Paulo e lá me indicaram o professor John Milton, da área de Língua e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, que aceitou o projeto. A partir de então demos início a uma pesquisa aprofundada sobre teoria da tradução, História do Brasil Colonial, História da Inglaterra, navegações portuguesas e inglesas.

Voltando a Ilhabela no mesmo ano, estive em contato com a Sra. Stella França, secretária da Cultura da Prefeitura de Ilhabela e algumas outras pessoas da comunidade, e tive um maior conhecimento do "mito" de Thomas Cavendish entre os ilhéus. Foi interessante notar que a grande maioria da população local pouco sabe sobre suas atividades por aquelas paragens. Nessa reunião, tivemos a oportunidade de trocar algumas informações sobre Cavendish. Contei-lhes que estava trabalhando na tradução do manuscrito e sobre alguns detalhes de sua passagem pela costa paulista. Eles por sua vez me disseram que um advogado, da cidade de São Sebastião, estava procurando um suposto tesouro deixado pelos ingleses nos arredores do Saco do Sombrio, parte Oriental da ilha e de difícil acesso. Essa procura estava sendo feita de forma tão secreta, que o advogado, dono de terras naquela parte da ilha,

mantinha, inclusive, alguns vigilantes para manter afastada qualquer pessoa que chegasse próximo daquela enseada.

Acredita-se que o Saco do Sombrio tenha sido utilizado como esconderijo de Thomas Cavendish e seus homens, porém tal crença não é justificada em nenhum registro documental conhecido e, conforme o teor de seu relato, é evidente que ele se estabelecia na parte ocidental da ilha, separado do continente pelo canal de São Sebastião, podendo assim ter uma maior visibilidade estratégica da movimentação dos portugueses na costa. Um outro fator que retrata o Sombrio como um local desfavorável a ancoradouro é a péssima condição das marés naquela região, que, devido ao mar bravio, tem registrado vários naufrágios próximos a seus escolhos. Mais algumas informações que obtive na ilha: é crendice popular que os caiçaras de olhos azuis da praia do Bonete são descendentes de Cavendish e seus marujos, embora seja uma suposição de difícil constatação de veracidade, pois são muitas gerações passadas. Devido ao fato de Cavendish ser sempre lembrado na ilha, lá ocorre um festival anual de artes onde é entregue o troféu Cavendish aos destaques da comunidade. Eu vi um desses troféus: são confeccionados em acrílico e têm a imagem de um pirata muito semelhante ao Capitão Gancho, com venda em um dos olhos e um papagaio no ombro, aquele estereótipo que muito se difere da aparência real de Cavendish e seus contemporâneos, os quais são retratados com vestimentas e adornos típicos de nobres europeus. Essa difundida imagem de piratas que tanto os ilhéus como nós temos, é aquela das figuras estilizadas hollywoodianas, piratas do século XVIII, que exerciam suas atividades predatórias de ladrões do mar, verdadeiros fora-da-lei, sem pátria, nada aristocráticos, e que ostentavam nos mastros de seus navios a *Jolly Roger* (a típica bandeira negra com um crânio e dois ossos cruzados). Segundo pesquisas as quais neste trabalho deixo explícito, trata-se de imagens bem diferentes de vultos do século XVI como Thomas Cavendish, Francis Drake ou Richard Hawkins.

Dando início à elaboração de meu plano de trabalho em cima do manuscrito, levantei um considerável número de obras, que serviam como fontes históricas, para contextualizar o manuscrito e concomitantemente colhi material relacionado à teoria da tradução, com a finalidade de propor modelos para a produção do texto na língua de chegada, o português. Identifiquei no meu objeto de estudo três principais dificuldades para a execução da tradução: o inglês seiscentista de Cavendish, a desordem de sintaxe, ortografia e pontuação (devido à

fluência coloquial de sua narrativa) e a terminologia naval empregada na descrição de detalhes e manobras no mar.

Quanto às fontes históricas para referência, notei que muito pouca informação específica sobre Cavendish é disponível na literatura brasileira de referência. Ora as obras citam a passagem de Cavendish baseadas principalmente no relato de Knivet, ora contém apenas informações básicas, ora contém informações imprecisas, como mais a frente demonstrarei neste trabalho. É bem verdade que Cavendish não era considerado um herói dos mares da mesma magnitude de Drake ou mesmo Hawkins e que suas façanhas são consideradas por muitos estudiosos como tentativas de copiar Drake, sem obter o sucesso que este último conseguiu. Em face disso, dentro da perspectiva de que a história do Brasil seiscentista é tão pobremente documentada, acredito que sua passagem pelo nosso litoral não possa ser subestimada, especificamente no que tange a história da capitania de São Vicente, de Santos e do Espírito Santo: ele foi o primeiro dessa linhagem de corsários a causar um grande ataque àquelas vilas desprotegidas e essas atividades muito evidenciam a posição política tomada pela Inglaterra de Elizabeth em relação a União Ibérica, ou seja, sua rivalidade com a Coroa Espanhola, fornecendo-nos um interessante panorama da vida cotidiana daquela época, especificamente no que diz respeito à seqüência de atos de Cavendish e seus homens, uma rica ilustração do choque entre duas culturas tão diversas.

Do ponto de vista tradutológico, o estudo a cerca desse documento foi conduzido sob certos aspectos sem um amparo teórico consistente com meu tema: a maior parte das obras que abordam a teoria da tradução encontradas por nós, não tratam especificamente da tradução de textos ingleses seiscentistas para o português. Isso me obrigou a traçar um paralelo com, conforme julguei ser, o que mais se aproximava do meu trabalho: as discussões sobre traduções de clássicos da literatura (em especial a grega) para o inglês moderno e aquelas relacionadas ao estudo de traduções técnicas em geral. Foram poucos autores encontrados que abordaram especificamente traduções similares para a língua portuguesa.

A tradução do manuscrito na íntegra me obrigou a recorrer a uma extensa pesquisa e ao profundo conhecimento do professor John, sem o qual duvido que teria conseguido realizar um trabalho fidedigno. É notória a falta de dicionários e glossários náuticos bilíngües português –

inglês e, devido a isso, precisei consultar traduções de obras correlatas, como "História Trágico-Marítima" (*Tragic History of the Sea*), "Ilha do Tesouro" (*Treasure Island*), "Vário Fado e Estranha Fortuna" (*The Admirable Adventure and Strange Fortune*), entre outras para, primeiramente, elaborar um glossário que viabilizasse e desse suporte à tradução em português. Na elaboração dessa fase do trabalho, percebi que o problema de equivalência entre as duas línguas na área naval não residia somente no âmbito lingüístico, mas também no âmbito cultural: como exemplo citaria o trecho que contém a palavra *mizzen*, que em inglês refere-se a um tipo de vela totalmente diferente da "mezena" em português. Outro exemplo é a expressão *bill of adventure* que simplesmente não existe em português por não fazer parte dos procedimentos náuticos lusitanos e que neste trabalho fui forçado a adotar um neologismo para designá-la ("carta de aventura").

Após a elaboração dessas seções e pesquisas, consegui então ter os subsídios necessários para iniciar o extenso trabalho de elaborar uma tradução que considero ser a mais adequada aos fins acadêmicos propostos, sem desconsiderar modelos que poderiam também ser versões "comerciais" ou destinadas a um público infanto-juvenil, alteradas ou editadas com a finalidade de tornarem-se mais atrativas a leitores específicos, emulando, de alguma forma, o estilo literário de obras de aventura como, por exemplo, "A Ilha do Tesouro" de Robert Stevenson.

Finalmente concluí que esse relato nos serve como interessante objeto para uma discussão interdisciplinar abrangendo as áreas de lingüística, história e estudos da tradução.
No meu estudo agreguei o estudo lingüístico do manuscrito a um levantamento histórico; contextualizamos sua narrativa pungente, que tanto diz respeito aos primórdios na nação brasileira quanto ao apogeu das navegações inglesas durante o reino de Elizabeth I, analiso o inglês seiscentista contido no manuscrito, demonstro o processo de tradução de sua narrativa para a língua portuguesa, destaco as dificuldades e as possíveis soluções com as quais o tradutor possa se deparar e apresento o manuscrito de Cavendish traduzido integralmente para a língua portuguesa contendo suas impressões pessoais em face aos tenebrosos acontecimentos que o acometeram em águas brasileiras.

Para melhor organização do conteúdo, este trabalho estará dividido em três partes principais: a parte **histórica**, onde contextualizamos as atividades e o relato de Thomas Cavendish, a parte **lingüística**, onde analisamos o manuscrito, suas implicações literárias e lingüísticas sob o ponto de vista tradutológico e a **tradução** propriamente dita da narrativa de Cavendish.

## 1. A Europa no século XVI e os fatores que propiciaram expedições como a de Thomas Cavendish

Entre as nações européias que por volta do século XVI desejavam atingir as especiarias, os perfumes e as jóias do Oriente além do Atlântico, poucas pareciam em condições de participar dessas conquistas. A Itália encontrava-se ocupada em defender o Mediterrâneo contra os turcos; a França estava dilacerada pela guerra; a Inglaterra tinha a necessidade de seus barcos nas próprias costas. Só a Espanha e Portugal disputavam entre si os continentes novos que eram repletos em minas de ouro, prata e rubi mal guardados por civilizações, como as dos incas e astecas, que também eram mal armadas. Em breve os galeões carregados atravessariam o Oceano e a riqueza dos reis da Espanha tornaria-se fabulosa.

Entre os países europeus, o império governado por Felipe II era o que mais tinha possessões. Além de parte da América do Sul, ele era o senhor do Mediterrâneo, detinha as províncias borgonhesas, o comércio flamengo e a embocadura do Reno. Sua potência financeira e comercial parecia invencível. Em contra-partida, ao norte encontrava-se a Inglaterra, um pequeno país com poucas riquezas, poucos amigos e muitos inimigos, entre eles a Espanha, cujas relações diplomáticas encontravam-se em progressivo desgaste. Aos comerciantes ingleses, condenados a cheirar de longe o prodigioso festim dos reis católicos, pouco restava.

Os soberanos ingleses não ousavam romper com a formidável Espanha e mesmo a rainha Elizabeth exigia que "oficialmente" nenhum ato de hostilidade fosse cometido contra as colônias espanholas. A palavra polêmica aqui é "oficialmente", pois os mercadores ingleses não viam razão alguma para respeitar acordos que excluíam as regiões mais ricas do mundo (Maurois 1938: 117). Se a pirataria inglesa já era célebre no século XV, no século seguinte ela atingiria dimensões patrióticas e isso incomodava, e muito, Felipe II.

Ele havia tentado casar-se com Elizabeth mas, ao contrário do que o mundo esperava, ela não aceitou os conselhos da corte para garantir a consolidação do império espanhol. Uma decisão corajosa para uma filha ilegítima de 21 anos, no comando de um reino quase falido e pronto a explodir em um conflito entre protestantes e católicos.

Em sua juventude Elizabeth, talvez por ter testemunhado a turbulência e as idas e vindas no cenário da sucessão real, talvez tivesse adquirido o senso de prudência e um pragmatismo que a aconselhava a não se preocupar com as grandes causas, agir em função dos fatos, trabalhar com astúcia, mentir para ocultar seus desígnios e estar sempre pronta para mudar de atitude no último momento. Mais do que tudo, soube ganhar a confiança de seu povo priorizando os interesses nacionais. E entre as atividades de interesse nacional, a pirataria de corso se destacava.

Um capitão que fosse pilhado por um navio estrangeiro recebia "cartas de corso", que o autorizavam a reembolsar-se à custa de qualquer outro navio da mesma nacionalidade do agressor. Os próprios tribunais estrangeiros reconheciam essas "cartas de corso" e tratavam como comerciantes os piratas que as traziam, em vez de enforcá-los. Marinheiros ingleses, proprietários de um barco armado com alguns canhões, faziam abertamente profissão de pilhar os navios portugueses e espanhóis que voltavam das Índias. Outros promoviam incursões proveitosas nas colônias ibéricas, entrando em concorrência com os corsários franceses, que tinham grande experiência em tais empresas.

Desde a ascensão da rainha Elizabeth ao poder, as esperanças da Espanha católica haviam diminuído. O papa Alexandre IV, tendo dividido o mundo em partes iguais entre espanhóis e portugueses, não dava aos ingleses motivos para reconhecer a validez dessa divisão. Que direito se adjudicava aquele que eles chamavam de bispo de Roma para dividir uma terra que não lhe pertencia? Alguns selvagens de pele vermelha não interessavam aos ingleses, porém a carga transportada das colônias em galeões espanhóis e portugueses, sim.
Um dos primeiros ingleses a se tornar milionário com os expedientes dessa pilhagem foi Richard Hawkins e a rainha Elisabeth, ao mesmo tempo que condenava suas atividades, convidou-o a ser seu conselheiro. Logo após apareceria Francis Drake que atingiria o *status* de herói nacional com suas audaciosas investidas contra as colônias espanholas do Pacífico e as naus de Filipe II, que cortavam o Atlântico de volta à península Ibérica.

A Espanha, sentindo-se muito perturbada com suas atividades, designou então seu embaixador em Londres para protestar. Elizabeth, como sempre, respondeu que desconhecia as atividades de Drake. A relação entre os dois países chegaria a um ponto intolerável e a guerra

entre a Espanha e a Inglaterra tornar-se-ia inevitável. Na Espanha, a Inquisição era encarregada de julgar como hereges os marinheiros ingleses feitos como prisioneiros. Sir Francis Drake, após arruinar várias colônias, afirmava o direito dos marinheiros ingleses à liberdade dos mares e de culto. Nesse ínterim, Felipe II dava ordem que fosse preparada em Cadiz uma grande Armada para atacar a Inglaterra. O audacioso Drake fez a volta à Espanha, penetrou nesse porto fortificado e aí destruiu a tiros de canhão as embarcações espanholas de combate.

Como não faltava tenacidade ao rei Felipe, a despeito dos estragos provocados por Drake, a Espanha começava a articular uma nova "armada" contra os ingleses, um plano impotente e engenhoso. Em 1588 parte de Lisboa a enorme esquadra de combate espanhola em direção a Plymouth. Seria um enorme desastre: além do enorme estrago causado pela artilharia inglesa, uma tempestade também auxiliara na dispersão dos guerreiros. Essa derrota dos espanhóis em 1588, seria talvez o clímax do reinado de Elizabeth e a guerra contra os espanhóis, sendo naquele momento oficial, inspiraria muitos outros navegadores ingleses, como Richard Grenville, George Clifford, Walter Raleigh e Thomas Cavendish, a investirem contra embarcações e posses da coroa da Espanha. Entre as posses espanholas incluía-se Portugal desde 1580, que passava por uma crise sucessória.

Em 1578, o rei Dom Sebastião I morrera na batalha de Alcácer-Quibir contra os mouros, no norte da África, não deixando herdeiros. Assumira o trono português, como regente, o cardeal Dom Henrique, seu tio-avô, que morreu em 1580. Extinguia-se com ele a dinastia de Aviz. Vários candidatos, por ligações de parentesco, apresentaram-se para a sucessão. Filipe II, por ser neto de Dom Manuel, o Venturoso, julgava-se o candidato com mais direito ao trono português. Assim, as forças espanholas invadiram Portugal, em 1580, e Filipe tomou a Coroa portuguesa, unindo Portugal e Espanha na chamada União Ibérica, que se estenderia até o ano de 1640.

Como conseqüência direta para o Brasil, a União Ibérica fomentava as invasões de sua costa (lugares como Salvador, Recife e São Vicente) por ingleses e holandeses inimigos da Espanha sem o caráter de ocupação mas sim com a intenção de pilhagem e saques. Os ingleses atacavam essas vilas movidos pelo desejo de diminuir o poderio espanhol, de obter riquezas e a reputação que aventureiros conferiam nas últimas décadas do século XVI perante a corte

inglesa, uma vez que a Inglaterra era então inimiga declarada da coroa espanhola (Holanda 1972: 170). A costa brasileira era ponto estratégico para os corsários e navegantes ingleses que tentavam alcançar o Mar do Sul (ou seja, o Oceano Pacífico), fechado a estrangeiros pelos espanhóis. Por esse caminho podia-se chegar às ricas minas de metais preciosos da América do Sul, às Índias e às Filipinas através do Estreito de Magalhães, e no Brasil os aventureiros encontrariam víveres para o reabastecimento, além de terem a oportunidade de pilhar navios carregados de bens da colônia com destino à metrópole.

Um dos pioneiros a ter sucesso foi Francis Drake, que liderou uma expedição pelos mares dominados pelos espanhóis e levou riquezas das colônias espanholas até Londres, onde inflamou as imaginações e estimulou outros navegadores a imitarem suas façanhas.

## 2. Thomas Cavendish – Sua vida e seus feitos

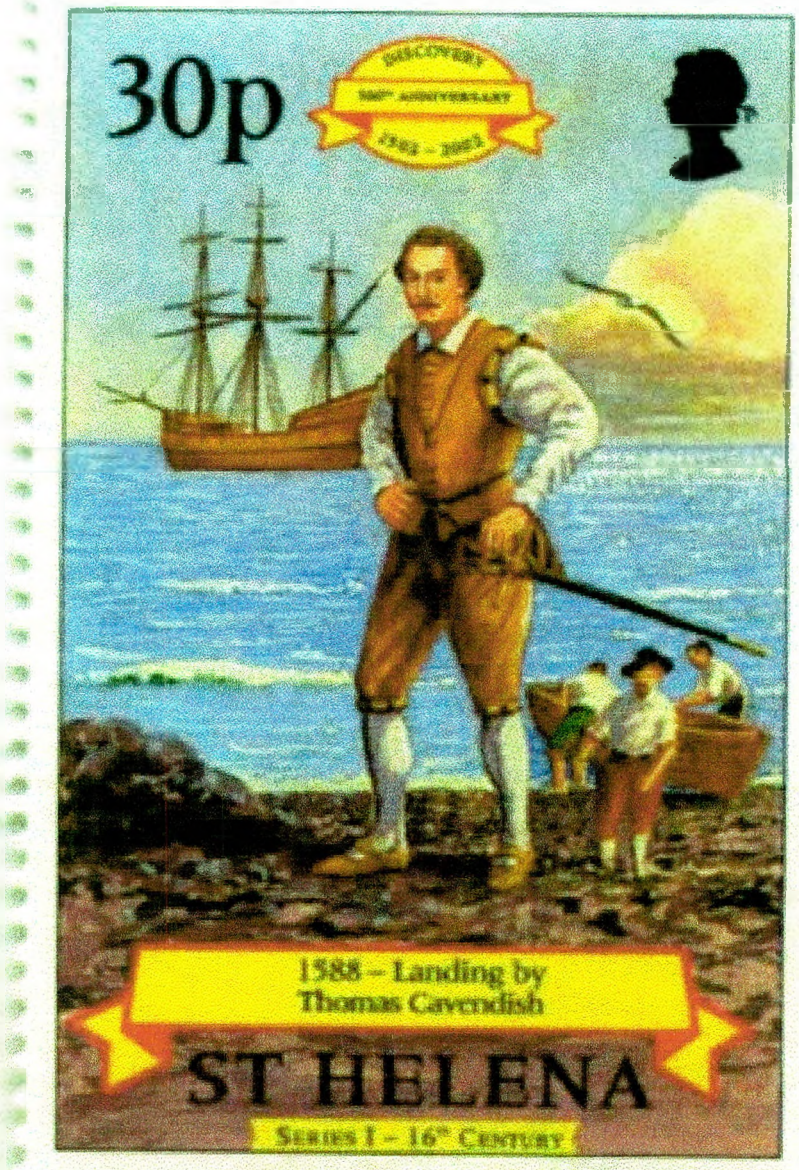
### 2.1 Biografia do corsário Thomas Cavendish

Thomas Cavendish nasceu em 1560[1] em Trimley, pequeno povoado ao sul da Inglaterra, filho de William Cavendish e Mary Wentworth. Aos 12 anos, herdou muitas terras de seu pai e foi criado por seu tio, Lord Wentworth, na localidade de Nettleshead, no condado de Suffolk. Ingressou no Corpus Christi College, em Cambridge, aos 15 anos de idade, e abandonou os estudos 2 anos mais tarde para administrar as terras de sua propriedade. Por ser de família nobre, sua irmã, Anne Cavendish, conseguiu o posto de dama de companhia da rainha Elizabeth e com isso facilitou o ingresso de Thomas no círculo social da corte real.

Com 21 anos começou a se interessar pelas expedições ultramarinas que eram planejadas por um grupo de homens do poder, sendo que uma delas em particular lhe chamara a atenção: a arquitetada por Walter Raleigh que tinha como destino "Wyngandacoya" (atual estado de Virgínia nos EUA) em 1585. Em 9 de abril, Cavendish parte na condição de capitão do *Elizabeth*, uma embarcação de 50 ton. com destino ao novo mundo. Certamente sua intenção não foi a de estabelecer-se juntamente aos 108 colonizadores na nova terra, pois retornou à Inglaterra em outubro.

Adquiriu experiência suficiente com essa viagem para comandar a que viria a ser a mais longa e a mais rendosa viagem das três que faria em sua vida por mares intercontinentais.
Após ter montado uma esquadra própria, partiu em julho de 1586 com o claro intuito de circunavegar o globo, imitando assim o famoso corsário Francis Drake. Essa expedição tinha como objetivo atravessar o Estreito de Magalhães e atacar os espanhóis que se encontravam navegando pelo Pacífico, conhecido naqueles tempos como *Mares do Sul.*

Atracaram na Ilha de São Sebastião, litoral norte do atual Estado de São Paulo, em novembro de 1586 e lá ficaram por um mês. Seria a primeira vez que Thomas atracaria naquelas paragens da costa brasileira. Foram bem sucedidos na travessia do Estreito de Magalhães e levaram mais um ano para atingirem a costa da Califórnia, onde Cavendish se depararia com o navio mais valioso que saqueou em toda sua vida, o *Santa Ana,* de 600




Selo comemorativo da descoberta da ilha de Santa Helena

toneladas, carregado de ouro, pérolas, cetim, seda e outros carregamentos valiosos. Sua abordagem foi realizada facilmente, já que os espanhóis estavam desprovidos de armamento pesado para se defenderem dos ingleses.

Sua passagem pelo oriente foi igualmente aterrorizante, saqueando vilarejos e portos de Java, Índia e Filipinas. Após contornar o Cabo da Boa Esperança na África, retornou à Inglaterra em setembro de 1588, para encontrar um país em clima festivo devido à recente vitória sobre a esquadra espanhola, a *Invencível Armada*. Cavendish voltou enriquecido por ter pilhado os espanhóis e exaltado pela corte devido a seu feito. Era o terceiro homem na história da navegação a contornar o globo terrestre[2]. Autoconfiante, logo começaria a planejar sua próxima expedição, que tinha como objetivo mais importante o estabelecimento do comércio entre a coroa britânica e a China, o Japão e as Filipinas.

## 2.2 Os atrativos das vilas coloniais do Brasil para um corsário do século XVI

A presença no Brasil de corsários ingleses, que seguiam em direção aos mares do Sul, dá-se principalmente devido à necessidade de reabastecimento e, obviamente, à oportunidade de vingança contra o reinado de Felipe. Contudo, nota-se que as atividades de Drake, Edward Fenton, James Lancaster e Thomas Cavendish no litoral brasileiro variavam em grau de interferência e violência. Enquanto Fenton tentou uma abordagem pacífica, não se pode dizer o mesmo de Lancaster em Recife e Cavendish em Santos, São Vicente e Vitória.

As vilas de Santos e São Vicente, fundadas no início do século XVI, tinham como atividade econômica principal o cultivo da cana e a produção de açúcar. Era comum encontrar nessas vilas grandes propriedades com muitos escravos. Em meados do século XVI, Santos e São Vicente tinham uma população de 800 colonos europeus e mais de 3.000 índios[3]. Esses núcleos de povoamento mantinham uma estreita ligação com as ilhas atlânticas portuguesas Madeira e Açores. Por volta do ano de 1580, existiam pelo menos cinco grandes engenhos na ilha de São Vicente e a maioria da

população dedicava-se ao cultivo da cana. Contudo, além dessa monocultura, eram bem difundidos o plantio de arroz, de trigo, a criação de gado, aves e caprinos, trazidos da Europa. Para o escoamento da produção à metrópole, utilizava-se o porto da vila de Santos (local chamado pelos indígenas de "Enguaguaçu"), privilegiada geograficamente e naturalmente protegida pelo rio de São Vicente (atual Estuário de Santos) e o primeiro empório marítimo da costa (local que atualmente se encontram as ruínas do Porto das Naus), que serviam como excelentes portos para atracamento de embarcações (Frigerio 1992: 46).

São Vicente vendia açúcar e aguardente para outras capitanias brasileiras além de exportar os produtos para a Europa. Conforme a vila prosperava, muitos colonos portugueses pensavam em mandar vir as famílias que haviam deixado para trás, pois o movimento econômico da ilha e redondezas estava lá concentrado. Além das culturas praticadas pelos colonos europeus, os índios cultivavam ainda a mandioca, o milho, o algodão, vários espécies de batatas, industrializavam a farinha de mandioca e produziam um variado artesanato e tecelagem.

Vitória, no Espírito Santo, era bem menor, menos desenvolvida do que as vilas da ilha de São Vicente e tinha em torno de 1589 uma população de 180 colonos, 700 escravos e 9.000 índios. A agricultura e a pecuária eram atividades *sine qua non*, já a região apresentava dois problemas relativos a obtenção e produção de alimentos: os poucos engenhos, instalados no início do século, haviam sido totalmente desmantelados até o ano de 1549 por ataques de indígenas e, com o fim do embarque de açúcar em seu porto, não havia barcos provenientes do Velho Mundo, fazendo com que a obtenção de suprimentos ocorresse de modo precário através de São Vicente ou de Salvador.

No entanto, essas três vilas coloniais eram excelentes pontos de paradas para os corsários, famintos e doentes, que atravessavam o Atlântico com destino ao Estreito de Magalhães, tanto pela fartura de víveres quanto pelo sistema deficiente de defesa que eles encontravam no litoral brasileiro. Motivado pela aversão ao império católico

espanhol, pela glória que a rainha Elizabeth conferia aos intrépidos exploradores, pelas possíveis riquezas a serem interceptadas em águas do Novo Mundo e pelo desejo de repetir a façanha de Francis Drake, Thomas Cavendish e sua tripulação fariam parte de uma página da história da civilização brasileira.

### 2.3 A passagem de Thomas Cavendish pelo Brasil em 1591

Na tentativa de repetir sua bem sucedida viagem de 1586, Cavendish parte com uma esquadra de cinco embarcações[4] e aproximadamente 350 homens, em agosto de 1591. Em dezembro do mesmo ano se instala novamente na ilha de São Sebastião e lá planeja atacar Santos, o que ocorreria durante o natal. Aquele vilarejo serviria como base de provisionamento (em especial alimentação fresca) para a longa viagem pelo Pacífico que estava por vir. No dia 21 de dezembro de 1591 os navios atracaram no canal de São Sebastião (entre a atual ilha de São Sebastião e a cidade de São Sebastião), e Cavendish, enquanto aguardava na ilha, enviara o *Daintie*, o *Desire* e o *Black Pinnace* para fazerem o reconhecimento da vila.

O ataque à vila de Santos não foi feito com todo o contingente de Cavendish simultaneamente. Primeiro apenas 3 de suas embarcações chegaram à barra, mas oito dias depois todos os navios já estavam ancorados naquele porto. Teodoro Sampaio nos dá o seguinte relato[5] do ataque:

> *"Não era sem razão, e até parece que obedecia a plano bem combinado, essa preferência do corsário inglês pela vila de Santos. Ao tempo desses sucessos, era essa localidade o melhor porto e certamente o estabelecimento mais importante dessa parte meridional do continente do lado do Atlântico, ao sul do Rio de Janeiro. Como estação de refresco para uma expedição que visava o Estreito de Magalhães e o oceano Pacífico, Santos não só oferecia as condições desejadas, como até era o único porto a servir a tal mister. Sabiam-no bem os ingleses, pelas relações de comércio que entretinham com esse porto[6], desde antes da sujeição de Portugal à Espanha: sabiam-no por informações seguras de gente de sua nação há muito domiciliada nessa localidade, e também pelos sucessos, ainda recentes e bem conhecidos, da expedição de Eduardo Fenton.(...)*

*Cavendish decidiu-se, portanto, pela tomada da vila de Brás Cubas, que sabia, ao demais, estar desguarnecida e sem fortificações; e dessa empresa encarregou a Cocke, capitão da Roebuck, a nau vice-almiranta.*

*Na véspera do dia de Natal, dois dos navios da esquadrilha surgiram em frente à barra de Santos, já noite alta; e expedindo para terra dois batéis, com cem homens de guarnição, apoderaram-se do povoado ao amanhecer do dia 25 de dezembro, de surpresa e à hora em que os moradores se achavam à missa na igreja[7]".*

Francisco Martins Santos[8] também tece algumas explicações a respeito do ataque dos ingleses e da fragilidade de Santos:

*"O porto de Santos já era então mais opulento que a capital e o capitão Cocke, valendo-se da noite escura e tormentosa de 24 de dezembro de 1590 (sic), investiu a Barra e passou despercebido ante a fortaleza de Santo Amaro, levantada pelos espanhóis, em 1.584, fundeando em frente da vila na manhã do dia 25. Ali mandou Cocke uma intimação ao pequeno forte da Praça de Nossa Senhora do Monte Serrate, existente junto à enseada de Enguaguaçu. Que se rendesse ou seria destruído imediatamente pelos canhões da armada, já assestados.*

*Como havia alguns anos que a paz da Vila não era perturbada por assessores do mar afora, e uma grande Fortaleza agora defendia a estreita passagem do porto, desprevenidos e descuidados estavam os homens do pequeno Forte, tanto quanto os moradores de toda a vila, e, assim, nenhuma resistência foi feita aos poderosos corsários, reconhecidamente numerosos e bem armados.*

*Ao inútil aparato bélico apresentado contra uma população entregue ao exercício de sua devoção na matriz do Colégio, por ser hora da missa e ser dia de Natal, seguiu-se a invasão da vila pela gente desembarcada, brutal e esfomeada, e retirada da igreja, por ordem de Cocke, a parte do povo que ali se achava.*

*Ao invés, porém, de se proverem do acessório para abastecimento dos navios do chefe corsário, os homens de Cavendish se entregaram ao saque, ao deboche, às depredações e à orgia, provocando a fuga de quase todos os moradores com suas mulheres e filhas, para os sítios mais próximos, para refúgios já construídos prevendo tais invasões, e até para as matas vizinhas, onde ficassem a salvo da sanha corsária."*

Um pouco mais pessoal, Anthony Knivet, marujo que participou da expedição e também produziu um relato[9], complementa a cena da invasão com detalhes:

*"Logo que os navios entraram no porto, todos os mestres e capitães foram a bordo da nau principal, a fim de saber de que modo o nosso general pretendia tomar a vila de Santos, resolvendo unânimes que o nosso grande bote e nossa chalupa apenas, com uma centena de homens seria suficiente para a tomada dessa localidade, pois o piloto português[10] nos dissera que nela não havia fortificação alguma.*

*À véspera do Natal, por volta das dez horas da noite, quando os botes deviam dirigir-se à praia, havia tantos homens que lá queriam ir, que começamos a brigar e a atirar-nos uns aos outros de bordo para dentro do mar; mas logo que o nosso general percebeu o tumulto, ordenou que retornassem todos a bordo do navio. Receando o general, e desejoso de ir à terra com os primeiros, pois já havia experimentado que aqueles que iam por último nada arranjavam, rastejei-me sob o assento da chalupa, onde fiquei pelo espaço de duas horas; quando porém o bote estava cheio de homens, não pude sair e aí teria sido sufocado, se não fosse William Waldren, nosso timoneiro, que ao dar partida ao bote, ouvindo-me a gritar sob seus pés, arrancou fora as pranchas, salvando-me a vida. Pelas três horas da manhã encontramos uma canoa – bote que os naturais fazem de um único tronco de árvore – na qual aprisionamos quatro portugueses e duas mulheres; uma delas devia casar-se nessa manhã. Depois que apressamos essa embarcação, navegamos bem junto à praia; e havendo esperado uma hora pelo nosso bote ouvimos um sino tocado pelos portugueses; nesse momento Gaspar Jorge, o piloto português disse-nos que era tempo de desembarcar, pois sabia por esse sino que eles estavam na metade de sua missa, e que nesse instante o sacerdote levantava o pão sacramentado diante do povo para que o cultuasse.*

*Nem bem havia falado, já tínhamos saltado todos à praia e encaminhando-nos para a igreja, tomamos a espada de cada homem, sem resistência, e aí permanecemos até às sete horas à espera do nosso bote grande e do resto da nossa companhia, pois éramos ao todo vinte e três, não ousando assaltar a cidade com tão poucos. Dessa sorte, alguns portugueses que estavam em suas casa escaparam com seus e com o dinheiro que possuíam.*

*Aqui havia grande porção de víveres e fartura de doces caseiros, açucar e farinha de caçabe, da qual fizemos ótimo pão. Na igreja havia trezentos homens, além das mulheres*

*e crianças. Assim que demos saque à vila e pusemos todos nossos homens a postos, fizemos relatar ao nosso general tudo o quanto havia sido feito. Depois que o general mandou resposta de volta à cidade, foi dada liberdade a todos os portugueses, e nos fortificamos na cidade, conservando apenas sete ou oito dos mais importantes e principais prisioneiros; o senhor Cocke, capitão da nau vice – almiranta, ficou como capitão de toda a companhia que descera em terra; ele favoreceu-me muitíssimo e ordenou-me que tomasse a cela de um religioso para alojar-me, no Colégio de Jesus, onde ele mesmo se instalou com muitos capitães e jovens fidalgos.*

Os ingleses[11] permaneceriam no Colégio dos Jesuítas por dois meses. Nesse ínterim, construíram mais uma embarcação, a *Crow*.

Francisco Santos ainda acrescenta: *"Dizem relatos que apareceram então ao chefe filibusteiro alguns indígenas da vizinhança, oferecendo-lhe aliança e coadjuvação para que ele tomasse conta da terra com o extermínio total dos portugueses, de quem haviam eles graves ofensas, já porque os tinham em escravidão, já porque lhes impunham excessivos trabalhos sob brutal tratamento e outras coisas mais de que os acusavam, traduzindo em seu gesto apenas sua revolta. Essa oferta porém, fora recusada por Cavendish, cujo intento não era tomar as terras, conservá-las e defendê-las, e sim apresar navios de corso a que se havia entregue, roubando—os e queimando-os em seguida, como até ali o fizera."*

Na verdade além de queimar vários navios no porto, Cavendish causou grandes estragos a Santos e à vila de São Vicente, pois *"a posse da vila não lhe ficava bem segura. A atitude dos moradores que ficaram, como os dos fugitivos, não obstante os reféns que lhes tomaram, inquietava. A notícia do sucesso não tardaria a provocar socorros de outras partes da colônia. Os rebates falsos se repetiam. Cavendish, temendo um ataque de surpresa, entricheirou-se e procurou aterrar o inimigo, destruindo e devastando. Mandou lançar fogo aos matos em torno; queimou, depois de saqueados, todos os navios que encontrou surtos no porto; queimou e saqueou também cinco engenhos de açúcar no caminho de São Vicente; destruiu boa parte dessa vila e ainda assim não logrou o seu intento; ao contrário, espalhou a desolação ao redor de si."*[12]

Colégio dos Jesuítas em Santos (à esquerda) onde Cavendish e seus homens se alojaram entre dezembro de 1591 e fevereiro de 1592. Gravura de Benedito Calixto.

Permanecendo em terras brasileiras mais tempo que deveriam, Cavendish e seus homens enfrentariam enormes dissabores a partir de fevereiro de 1592 pelo mau provisionamento de seus navios e principalmente devido às tempestades e adversidades climáticas em prenúncio ao inverno no hemisfério sul, conforme iam se aproximando da Patagônia. Nesse curso, Cavendish e seus homens sofreram terríveis tormentas e tempestades, causando enorme desgaste psicológico e físico aos tripulantes. É nesse ponto que a sorte começa a lhe faltar.

Partindo de Santos com bom vento, em início de fevereiro de 1592 as condições climáticas já não eram tão favoráveis. As sucessivas tempestades destroem parte de seu contigente naval. Seus homens o pressionam a retornar a Santos, manobra que muito agrada a marujada mas não Cavendish, que no comando de seu galeão *Leicester* se separa de John Davis, comandante do galeão *Desire*.

As versões dessa separação são contraditórias nos relatos. De um lado, John Janes[13] afirma que Davis acreditara que Cavendish havia mudado de rumo durante a noite e de outro, Cavendish afirma que havia sido traído e abandonado por Davis.

O manuscrito na verdade dá início ao relato de seu destino a partir dessa separação, próximo ao Estreito de Magalhães. Sua esquadra tinha sido reduzida a quatro embarcações, uma vez que o *Daintie* voltara à Inglaterra com o resultado do saque feito a Santos. Como os navios não se encontraram no caminho à Patagônia, John Davis, no *Desire*, decidira seguir em direção ao Porto Deseado[14] e a caminho de tal local, encontrara com o *Roebuck* .

Cavendish, apesar de estar sendo pressionado por seus homens a voltar a Santos, encontra-se com o *Black Pinnace* e com o galeão *Leicester* e desse modo tem as quatro embarcações de sua esquadra juntas novamente. Cavendish relata que nesse momento as tempestades eram tais que *"piores não poderiam ser suportadas"*[15] e refere-se à sua tripulação como a *"mais abjeta e amotinadora que já partiu da Inglaterra"*[16]. Possivelmente devido à atmosfera do *Leicester*, Cavendish troca de embarcação e se junta à tripulação do *Desire*. Como a tentativa de transposição do Estreito de Magalhães ocorria durante o outono, a esquadra de Cavendish viria a enfrentar terríveis dificuldades, tanto é que, conforme o manuscrito, 40

homens do *Leceister* morreram, 70 adoeceram e nem 50 conseguiam ficar em pé no convés no período de 7 ou 8 dias. Contrariamente aos planos de John Davis, Cavendish cogita a possibilidade de atingir a China através do Cabo da Boa Esperança na África, uma vez que ele também conhecia aquela rota e teria a possibilidade de encontrar com outros navegadores ingleses. Mas, de acordo com seu testemunho, seus homens logo lhe entregam uma petição expressando lealdade a Cavendish como comandante da expedição e propondo voltarem ao Brasil para se abastecerem com mais víveres e material para as embarcações. Apesar de contrariado, Cavendish aceita tal proposta e volta para o Brasil. John Janes, que seguia na embarcação de John Davis, afirma que Davis era totalmente contrário a tal decisão. A esquadra se manteve unida até o dia 20 de maio de 1592, quando, encontrando-se próximos à latitude de 47° S, as embarcações se separam. Nesse episódio crucial, as versões de Davis e Cavendish são contraditórias.

Davis, em sua obra "*The Seaman's Secret*[17]"afirma:

*"Fui apenas induzido a ir com o mestre Candish em sua segunda tentativa aos Mares do Sul por suas constantes promessas a mim, de que quando chegássemos à Califórnia, deveria ter sua pinaça com meu próprio barco para buscar aquela descoberta noroeste naquelas partes remotas da América, mas Deus de outra forma dispôs nossos propósitos em seus julgamentos divinos, já que o senhor Candish, estando a meio caminho pelos Estreitos de Magalhães e impaciente com as furiosas tempestades daquele local, tendo seus navios e sua tripulação retornado ao Brasil, pela autoridade de seu comando, quando com um vento condutor nós poderíamos ter passado os Estreitos, e retornando mais de 80 léguas em direção ao Brasil, eu me encontrando em seu navio chamado Desire, sem barco, remos, velas, cabos, cordame, víveres ou saúde de minha tripulação suficiente para tal tentativa, fui separado em um tempestade terrível, e forçado a procurar a próxima margem para meu descanso e retornando a um porto, por nós chamado de Porto Desejado, encontrando-se na latitude de 48 graus, lá saciei minhas mais miseráveis necessidades e ficando lá por quatro meses na mais lamentável penúria, concluí, com minha tripulação, tentar passar outra vez pelos Estreitos, como minha melhor maneira de conseguirmos suprimentos. E por três vezes estive nos Mares do Sul, mas contudo fui forçado, devido ao tempo furioso, a voltar: todavia, todo esse trabalho em realizar a viagem para seu lucro e me salvar (já que eu e meus bons amigos, por*

*minha causa, investimos 1100 libras na expedição), o senhor Candish se contentou em me responsabilizar como sendo o autor de sua derrocada e em escrever, prestes a morrer, que eu fugi dele, quando seu próprio navio estava de volta muitos meses antes de mim.*

*Apreciaria em fazer este relato a Vossa Excelência apenas para satisfazê-la com minha explicação, já que fosse eu culpado de um crime tão sórdido, seria merecedor de dez mil tormentos."*

Quaisquer que sejam os motivos da separação das naus, é de se estranhar que o galeão *Leicester* e o *Roebuck* tenham seguido um rumo e o *Desire* e o *Black Pinnace* outro. Mais uma vez, a separação da esquadra traria sérias conseqüências e Cavendish não aceita, de forma alguma, ser o culpado de tal.

Todavia, Cavendish no comando do *Leicester* e do *Roebuck*, seguira de volta à costa brasileira e na altura da foz do Rio da Prata depara com uma terrível tempestade, a qual descreve como *"a mais intensa que qualquer cristão já suportara nos mares"*[18]. De volta à baía de São Vicente no Brasil, Cavendish consentiu que seus homens realizassem ataque às fazendas e engenhos de portugueses, ato que resultaria desastroso, pois o capitão inglês perderia 25 de seus melhores homens em tal empreitada.

Decidido a voltar à ilha de São Sebastião, tenta sem sucesso, devido a pouca profundidade do canal de Bertioga onde se encontravam, pôr abaixo o casario da vila de Santos com os canhões do *Leicester* e do *Roebuck*. Tinha planos de retirar e transferir ao *Leicester* tudo de útil que se encontrasse no *Roebuck* e lá, além de destruí-lo e queimá-lo, provisionarem-se com água, madeira e alimento.

É nesse ponto da história em que os registros de Knivet e Cavendish se contradizem: Knivet diz, em seu relato, que de Santos se dirigiram ao Espírito Santo (atual cidade de Vitória, no estado brasileiro de Espírito Santo), enquanto que Cavendish afirma que seguiram até a ilha de São Sebastião. De qualquer forma, Cavendish pretendia também realizar um ataque em Espírito Santo e nessa ação fica clara a desgastada liderança que ele exercia sobre seus homens desde a partida do Estreito de Magalhães. Ordenando um ataque à vila durante a noite, seus

homens lhe desobedecem e continuaram a desobediência durante o dia seguinte, dando tempo aos portugueses e índios aliados se prepararem para a defesa e massacrarem os ingleses de forma bem-sucedida. Em mais esse embate, de seus oitenta homens que participaram da ação, apenas cinqüenta e cinco retornam à embarcação, sendo que entre esses, muitos feridos, fazendo com que Cavendish decida voltar à ilha de São Sebastião e lá planejar qual o melhor rumo a tomar.

A situação se tornava então mais obscura: os feridos seguiam no *Leicester* e os sãos nos *Roebuck*. A idéia do corsário em destruí-lo não se concretizaria, pois os homens do *Roebuck* desejavam voltar com essa embarcação para a Inglaterra. No caminho de volta à ilha de São Sebastião, o *Roebuck* se separa do *Leicester*, seguindo em direção à Europa e levando consigo víveres mais que suficientes para seu regresso.

Cavendish, com claras evidências de depressão e paranóia, tenta mais uma vez convencer seus homens a seguirem rumo ao Estreito de Magalhães, mas eles afirmam que nunca mais voltariam lá. Apelando com um gesto desesperado de violência, ele tenta enforcar com suas próprias mãos um dos líderes da tripulação. Seus homens mais uma vez concordam em se submeterem ao seu comando.

Apesar de obterem progresso na preparação do *Leicester* e de uma nova embarcação construída na ilha de São Sebastião com o propósito de seguirem novamente ao Estreito de Magalhães, alguns de seus homens o deserdariam, fugindo sorrateiramente da ilha em direção ao continente e, em seguida, delatando os planos do comandante inglês aos portugueses, que os vigiavam continuamente. Sofrendo dessa maneira à uma emboscada noturna por parte dos portugueses e índios, Cavendish é obrigado a abandonar a ilha às pressas, deixando para trás madeira, água potável e uma vela, que estava sendo reparada para a longa viagem até a Patagônia. Apesar dessa ocorrência desfavorável, as condições no *Leicester* de alguma forma melhorava: a maioria dos noventa homens a bordo encontravam-se razoavelmente saudáveis, mas Cavendish diz em seu manuscrito que *"não conseguira de nenhuma maneira fazer com que sua tripulação desse o consentimento de prosseguirem"*, sendo que dois terços deles *"não conseguiam fazer muito mais além de erguerem âncoras"* e que ele preferia afundar com a embarcação e sua tripulação a voltar à Inglaterra. Essa sua colocação faz com que seus homens

tornem-se mais tratáveis e Cavendish propõe-lhes seguirem até a ilha de Santa Helena, na costa africana, onde poderiam obter víveres e interceptarem alguma embarcação portuguesa proveniente das Índias.

Após sucessivos desentendimentos entre ele e seus homens com relação à rota a seguir, não conseguem atingir a ilha de Santa Helena. Apesar de não ser possível descrever o estado psicológico de Cavendish, Quinn afirma que psicologicamente Cavendish estava muito abalado. O último golpe do destino que seria lançado sobre ele seria a morte de seu primo John Cocke, fazendo com que sua vontade de viver se extinguisse, desejando apenas atingir a ilha de Ascensão e lá passar seus últimos dias.

Não existem registros da data de seu falecimento, mas deve ter ocorrido entre outubro ou novembro de 1592. A conclusão de David Quinn a respeito da desastrosa terceira viagem intercontinental de Cavendish retrata claramente os elementos que a condenaram:

> *"A última viagem de Cavendish não foi uma das grandes realizações dos homens do mar elisabetanos, contudo seja fácil subestimar seu interesse. Ela ilustra muito bem vários dos problemas relacionados a conduzir, em uma expedição de longa distância pelo mar, as dificuldades da manutenção de contato efetivo entre diferentes embarcações de uma esquadra, da disciplina e alimentação de uma tripulação mista de soldados aventureiros e homens do mar, da realização de ataques em colônias espanholas e portuguesas que supririam as necessidades que os estoques dos navios não eram capazes de suprirem ou não fornecerem o suficiente para torná-los totalmente efetivos no mar. O fato é que na maioria dos contatos no Brasil, com a exceção do ataque a Santos, os colonizadores locais, seus escravos índios e aliados obtinham sucesso parcialmente devido a uma questão de sorte, embora isto refletisse a necessidade de uma vigilância maior do que a mantida tanto por Cavendish ou Davis..(...) A amarga experiência que as embarcações tiveram, em falharem ao atravessarem o Estreito, tanto no inverno quanto na primavera, sem dúvida tivera seu papel na elaboração da estória de horrores da entrada do "não tão pacífico" oceano. (...) Nos é deixado o fato de que apenas uma centena de homens voltaram nas três principais embarcações. Pelo menos duzentos da tripulação original, e possivelmente mais, tivessem perecido. Essa alta mortalidade é característica da maioria das viagens longas da época em águas tropicais, mas é sugerido que um grave erro da*

*expedição de Cavendish era ela ter sido muito grande e com muitos homens, enquanto que as embarcações aparentemente tenham sido, de forma incomum e indevida, dependentes uma das outras.(...) Talvez ele [Cavendish] tenha sido afortunado na viagem de 1586 a 1588, confundindo sorte com habilidade, de modo que tomara muito menos cuidado do que devia quando se preparava para a viagem de 1591. Para Dr. K. R. Andrews, o fracasso de Cavendish na viagem de 1591 e 1592 foi apenas a recompensa pelo descuido amadorístico de seus preparativos, e sua fraqueza como líder, quando colocado a teste. Contudo, no final, o interesse humano da viagem encontra-se em primeiro lugar. Ele reside na narrativa competente de John Janes, na vívida excursão de Anthony Knivet, e, mais que em todos, no manuscrito onde o próprio Thomas Cavendish escreveu durante os amargos embates de seus últimos dias de vida."*[19]

## 2.4 Thomas Cavendish nos registros literários no Brasil

Na literatura disponível sobre Cavendish no Brasil, apesar de boa parte tratar do corsário com precisão, notamos que algumas informações nos parecem difusas e contraditórias. Selecionamos algumas que salientam essa nossa impressão.

No livro Ilhabela e seus mistérios de Cícero Buark[20] encontramos o seguinte:

*"Cavendish, com suas 3 naus, invadiu a cidade de Santos na noite de natal de 1592. Os piratas atacaram de surpresa, quando parte da população estava assistindo a missa do Galo, enquanto outros saqueavam e incendiavam a cidade, destruindo tudo que surgisse pela frente, levando consigo o resultado do saque.*

*Após cada assalto, retornavam a ilha para comemorar e arquitetar novos planos. No entanto, uma epidemia de escorbuto, doença caracterizada pela falta de vitamina C, no organismo, vitimou seus homens e Thomaz Cavendish, sentindo sua força diminuída, procurou alcançar alto mar, mas foi surpreendido por um motim à bordo. Preso por seus próprios homens, acabou sendo enforcado no mastro de sua nau capitânia. Seus marujos rebeldes retornaram à baia, onde puseram a pique suas naus, permanecendo na ilha."*

Essa mesma informação é reforçada pelo artigo da revista "Mares do Sul"[21] a respeito de Ilhabela:

"*Thomas Cavendish saqueou Santos em 1591 e escondeu-se com seus marujos no Saco do Sombrio. A lenda diz que seus 400 homens se amotinaram, mataram o capitão e permaneceram na ilha. Deles descenderiam os caiçaras de olhos azuis.*"

Na verdade, pouco se sabe em forma documental sobre os últimos dias de Cavendish e menos ainda no que refere a um suposto tesouro deixado por ele na Ilha de São Sebastião, o qual até mesmo tem sido objeto de busca naquela ilha do litoral paulista[22].

Da mesma maneira há algumas confusões com datas no livro "Ilhabela" de Maria José Gomes e "História de Santos" de Francisco Martins Santos. Gomes afirma que Cavendish "*parte de Plymouth com cinco navios e 400 homens em 26 de abril de 1591*"[23] e que com sua tripulação "*partiram do porto de Santos em 3 de fevereiro de 1593*"[24], enquanto que Santos afirma que "*o*

*porto de Santos já era mais opulento que a capital e o capitão Cocke*[25] *valendo-se da noite escura e tormentosa de 24 de dezembro de 1590, investiu a Barra e passou despercebido ante a Fortaleza de Santo Amaro, levantada pelos espanhóis em 1584, fundeando em frente da Vila na manhã do dia 25*".

No romance histórico "O Thesouro de Cavendish" de Alfredo Ellis[26], apesar de fictício, encontramos alguns disparates como a afirmação que a partida de Thomas Cavendish da Inglaterra ocorreu em um "*Dia frio e nublado de fim de julho*" no "*Outomno de 1.590*"[27] e que, notoriamente influenciado pelo estereótipo de um pirata do século XVIII, Cavendish apresentava seu olhar "*mais sinistro por fuzilar de uma pupila única, pois o outro olho, o esquerdo, trazia-o bandado de negro, desde que o vasára um virote no horror dantesco de uma abordagem.*"

No conto "O Pirata Cavendish" de Raimundo de Menezes[28], notamos uma distorção ainda maior da real história do corsário, sendo a obra puramente fictícia. Menezes escreve:

"*...Anos depois, pelas alturas de 1588 e 1591, por duas vezes, apareceu no litoral paulista, sobressaltando-o, um famoso e perigosíssimo pirata inglês, chamado Tomás Cavendish. Era um indivíduo audacioso a mais não poder, capaz das maiores atrocidades. Seu estado maior era constituído de gente da pior espécie, catada entre os mais temíveis corsários londrinos.*

*Um dia, "corria aventuroso o oceano, em busca de adquirir, por meio de piratagem, o que havia perdido em seu país, por suas dissipações domésticas", quando, à falta de provisões, acometeu as povoações de Santos e São Vicente, sendo que a primeira, já àquele tempo, era mais opulenta do que essa última. Imediatamente, determinou que o seu lugar tenente, um tal Cook [não confundir com o navegador James Cook, que viveu dois séculos depois] o qual se intitulava vice-almirante, bem armado e municiado, fosse até a praia e trouxesse de lá o que encontrasse, mesmo contra a vontade de seus habitantes.*

*A 16 de dezembro de 1583, Cook investiu contra a Barra Grande, fundeando seus navios bem em frente da vila de Santos, contra a qual mandou abrir fogo, principalmente com o fito de atemorizar toda a gente. Nenhuma resistência veio de terra. Aliás, o corsário estava cansado de saber disso. Desembarcou todo o seu pessoal com a maior*

*facilidade e encontrou o povo na igreja, assistindo a ofícios religiosos. Aquele inútil aparato bélico contra casebres de uma população desarmada, e que só teve por vítima um homem que saiu correndo, desanimou-os de lutar. Cercaram a igrejinha e ali deixaram todos, presos, o dia inteiro. Enquanto isso, os piratas, sem nada o que fazer, entregaram-se a bebedeiras e orgias, até ficar exaustos, esquecendo-se de sua missão de pilhagem. Durante o sono, aproveitaram o ensejo os santistas para fugir para o mato, levando todos os objetos de valor.*

*Dias depois, Cavendish, cansado de esperar, fora da barra, pelo seu preposto que nunca voltava, desceu em Santos, a fim de arrecadar o saque que mandara fazer. Encontrou, com surpresa, a vila despovoada. Ninguém nas ruas. Só viu estragos e desmandos praticados pelos seus apaniguados. Inúteis foram todos os esforços do pirata inglês no sentido de fazer a população regressar aos seus lares. Todo mundo estava atemorizado e fugido pelos matos. Cavendish mandou contar-lhes uma bonita história: falou-lhes em nome de um rei, que dizia haver reassumido o trono de Portugal, restaurando-o do poder da Espanha... Tudo em vão. Nada surtiu efeito. Ninguém teve coragem de voltar. Retiraram-se os piratas de Santos ainda mais desprovidos do que quando ali aportaram. Tão raivosos estavam, tão fora de si, que, ao passarem por São Vicente, incendiaram essa vila, arrasando-a.*

*Antônio Knivet fazia parte da expedição de Cavendish, e era o mais letrado de todos. Escreveu, mais tarde, a relação de sua viagem, publicada em inglês no princípio do século 18. Conta que, naquele dia de Natal (1583), pela madrugada, uma chalupa com 23 homens, atacou a vila e que "a igreja se achava com 300 pessoas, e que, tanto a igreja quanto a vila, foram saqueadas". Essa relação não pode deixar de ser filauciosa [presunçosa], comenta Azevedo Marques, pois é incrível que 23 homens pudessem desarmar e fazer fugir 300... "No dia seguinte (é ainda Knivet quem fala) foi que desembarcou Cavendish com 200 homens, fez lançar fogo à vila e alojou-se no convento dos Jesuítas com muitos dos seus, demorando-se dois meses em Santos. Além do dinheiro e gêneros, levaram muito ouro de um certo lugar chamado Mutinga [hoje bairro de Osasco, nas proximidades do morro do Jaraguá]. Acrescenta ainda que foram por terra à vila de São Vicente, e que, no caminho, queimaram cinco engenhos. Daqui, dirigiu-se Tomás Cavendish, com sua esquadrilha, ao estreito de Magalhães, mas, dezesseis dias depois, sobreveio-lhe a tempestade que lhe fez grandes avarias na esquadrilha e perdas*

*de vida na tripulação. Voltando a Santos, cerca de dois meses depois, fez desembarcar os capitães Staford, Soutowell e Barker, com mais vinte pessoas, em um batel feito de caixas de açúcar e aduelas de pipa e, chegando em terra, assenhorearam-se do engenho [para que trazer tanto açúcar e cachaça se iam assaltar um engenho?]; ali encontraram um barco grande, apossaram-se dele, enchendo-o de víveres, enviando-o aos navios da esquadrilha. Ao terceiro dia de saque e pilhagem, armaram-se os portugueses que haviam fugido para o interior, e surpreenderam os assaltantes, matando-os todos."*

*Essa narrativa difere da de August de Saint-Hilaire (1779-1853), em seu livro "Viagens à Província de São Paulo". Diz o viajante francês que Tomás Cavendish chegou pela segunda vez à altura de São Vicente no dia 25 de agosto de 1591 e que, oito dias depois, destacou uma partida de sua gente, que desembarcou e saqueou a nascente povoação de Santos, impondo aos moradores uma pesada contribuição para o resgate. Em vez, porém, de a fazer realizar de pronto, entregou-se ele e o seu séquito ao deboche e à embriaguez e, durante o sono, fugiram os moradores para o mato com todos os seus objetos de valor: muito ouro do Jaraguá e muita prata do Peru. Acrescenta, ainda, o mesmo autor, que oito dias depois (2 ou 3 de setembro), desembarcava outra vez Cavendish e, não encontrando os moradores, lançou fogo à vila de São Vicente e retirou-se, sofrendo na viagem um grande temporal, que desbaratou sua frota.*

*Deixando São Vicente, Cavendish rumou para a Capitania do Espírito Santo, onde não teve melhor fortuna. Retornou às praias paulistas. Aportou à ilha de São Sebastião e nela deixou alguns homens da sua tripulação que estavam enfermos, entre os quais Antonio Knivet, o autor da narrativa da viagem, falecendo quase todos, e alguns dos que sobreviveram foram aprisionados pelos moradores do Rio de Janeiro. Antes de chegar a Santos, Tomás Cavendish havia aportado a Cabo Frio, onde aprisionou um navio português que ia para o Rio da Prata. Chegou, depois, à Ilha Grande, saqueou a população, e fez-se vela no dia seguinte.*

*Foi, então, que o perigoso pirata se sentiu seriamente doente. Atacado de violenta febre, "a febre da terra, com seus acessos e tremores", não mais se levantou da enxerga [colchão ordinário]. Além disso, outro sofrimento o torturava: "uma flecha envenenada ferira-o num braço e punha-lhe em xeque a vida, enchendo-lhe o corpo de chagas". Lembrou-se, em tão terrível emergência, de regressar a Santos, em cujo Hospital da Misericórdia pensava tratar-se e ficar bom. Mas, em Santos, uma medonha surpresa o*

*esperava: a resistência estava organizada e repeliu-o. Haviam descido as tropas da vila de Piratininga e o pirata inglês deu, em tempo, "às de vila Diogo"...*

*Com sua armada rechaçada, sem maiores esperanças, Cavendish, doente como estava, não podia pensar noutra coisa senão na morte! E mesmo às portas do outro mundo, não esqueceu, não esqueceu os seus tesouros. Eram tesouros imensos! Talvez vencesse aquela cartada... Não vencera outras contra os homens? Longe da terra, não tendo a quem deixar tanta riqueza, lembrou-se de escondê-la, enterrando-a. E foi o que tratou de fazer, quanto antes. Sem dizer nada a ninguém, ancorado no largo de Bertioga, pensou na ilha da Moela, ali perto. Seria, sem dúvida, um bom esconderijo.*

*"Mandou descer para um batel as arcas dos despojos daqueles últimos anos, o tesouro que acumulara em saques e abordagens. Desceu, também, com alguns homens desarmados e, ordenando a Cook que se conservasse naquele ponto, seguiu para longe, disfarçando o itinerário na sinuosidade da costa. Por fim, contornou a ilhota escondida, fora da vista de seus galeões distantes. E o chão da Moela abriu-se, num certo ponto, para receber o tesouro do pirata."*

*Em seguida, Cavendish, como se fizesse a coisa mais natural do mundo, passou a matar, friamente, a golpes de adaga, aqueles três ou quatro homens desarmados que se achavam consigo. Matou o primeiro... trucidou o segundo... abateu o terceiro, mas, quando chegou ao último, esse, num pulo feroz, precipitou-se nágua e saiu nadando como um doido, rumo a Santo Amaro. Sumiu-se na distância, embrenhou-se nas matas, e dele nunca mais se teve notícia. Quem seria tão estranho personagem? Pois os leitores ainda não adivinharam? Pois bem, outro não era senão o súdito inglês de existência tão misteriosa, que fomos encontrar, anos depois, vivendo pacatamente, na vila de São Paulo, trabalhando como ferreiro e fundidor, dizendo-se católico, casado com d. Úrsula... O tal Taylor, lembram-se agora ?"*

Nota-se que o autor deve ter tomado como base o relato de Anthony Knivet ou mesmo o de Cavendish para escrever sua estória, mas de qualquer forma há elementos fictícios, como as datas de chegada dos corsários às vilas de Santos e São Vicente, sua doença, o assassinato de três de seus homens e o suposto tesouro que havia sido deixado na Ilha da Moela, próxima à cidade de Santos. A narrativa de Menezes, a partir desse ponto segue tendo como protagonista

Taylor, o último dos homens de Cavendish que havia se atirado nas águas na tentativa de escapar da investida do corsário. A parte seguinte da estória se desenrola com Taylor voltando à ilha da Moela e tentando resgatar, sem sucesso, o tesouro que Cavendish havia enterrado.

Entre todos os registros que encontramos sobre Thomas Cavendish publicados em língua portuguesa, talvez o que mais se aproxime do conteúdo do seu manuscrito seja o conto adaptado "O Erro de Thomas Candish", escrito por Eduardo San Martin e que faz parte de sua coletânea "Terra à Vista"[29]. Por ser um trabalho muito próximo do original analisaremos esse texto com maior detalhamento no capítulo 2 deste trabalho considerando-o uma outra abordagem de apresentação do relato do corsário aos leitores de língua portuguesa.

**2.5 Thomas Cavendish e Ilhabela**

Entre todos os locais do Brasil por onde Cavendish passou, a ilha de São Sebastião talvez tenha sido um dos mais importantes para o corsário, tanto em sua viagem de circunavegação em 1586, quanto a sua última e fatídica viagem em 1591.
Lá ele esteve por um mês em 1586, depois alguns dias em 1591, pouco antes do natal, e em 1592, ocasião a qual grande parte de seus marujos o deserdaram, tanto para voltarem à Inglaterra como para se renderem aos portugueses que se encontravam no continente.
A Ilha registrava alta atividade de piratas desde 1553, pois as caravelas portuguesas, que por aqui passavam rumo aos portos de Santos e São Vicente, eram um grande atrativo para piratas de todos os quadrantes.

É amplamente divulgado em *sites* da Internet, revistas, informações turísticas do litoral norte do Estado de São Paulo que corsários ingleses como Thomas Cavendish, Francis Drake e Edward Fonton, costumavam utilizar as águas calmas do Saco do Sombrio, na parte oriental da ilha, para esconder seus navios e esperar que embarcações comerciais passassem ao largo da baía de Castelhanos. Tal afirmação é justificada pela posição privilegiada daquela baía, que permitia que os piratas saíssem de sua tocaia e caíssem sobre suas presas sem serem notados. Além disso, água doce em abundância, também faria do lugar um suposto esconderijo ideal para os ladrões do mar.

Contudo, se analisarmos os relatos de Cavendish e Knivet, temos a impressão que não era naquela enseada que os ingleses deviam ter atracado. Knivet faz menção em sua obra[30] de que Cavendish havia abandonado alguns de seus marujos doentes e moribundos na parte norte da ilha, próximo a um rio, depois de voltar do Espírito Santo.

Cavendish também cita em seu manuscrito que alguns irlandeses, integrantes de sua tripulação, durante uma noite em que se encontravam na ilha, haviam-no deserdado, indo até o continente para renderem-se aos portugueses. A distância que os separavam do local onde esses portugueses se encontravam era de aproximadamente 1 milha (1,6 km), que eqüivaleria, grosso modo, a distância entre a ilha de São Sebastião e as praias do continente onde atualmente se localiza a cidade de São Sebastião.

Abaixo selecionamos e comentamos algumas informações (com várias imprecisões), encontradas em *sites* da Internet sobre as supostas atividades de Cavendish na ilha e o local onde ele atracava:

*Site* 1: www.ilhabela.org:

> *"... Com medo, parte da tripulação amotinou-se e se refugiou na Ilha. O capitão do navio Roembuk, Abraham Cocke, teria descido definitivamente em Ilhabela com seus homens. O fato é que nunca mais se ouviu falar deles. Cavendish tentou retornar à Inglaterra com o Leicester, mas morreu doente à bordo, no final de 1592, antes do navio alcançar seu destino."*

"Roembuk" refere-se a um dos navios da esquadra de Cavendish, o "Roebuck" e "Abraham Cocke" ao primo de Cavendish "John Cock", que veio a falecer logo depois que Cavendish saiu da ilha em 1592. Segundo o relato de Cavendish, Cock encontrava-se doente e, como era um dos poucos homens fiéis a seus planos, não o abandonaria, mesmo que estivesse com saúde, nem ficaria na ilha. Além disso, não existe registro das condições em que Cavendish morreu.

*Site* 2: www.itapemar.com.br:

> *"...Conta-se que muitos tesouros teriam sido escondidos na Ilha, por piratas que estiveram aterrorizando a região e que aqui Thomas Cavendish fora enforcado pela tripulação de seu navio durante um motim."*

As circunstâncias da morte de Cavendish são desconhecidas.

*Site* 3: www.decolar.com.br:

> "*A rota da pirataria durou até meados de 1592, quando Cavendish saqueou e incendiou a cidade de Santos, buscando depois refúgio na ilha, onde, segundo alguns historiadores, acabou enforcado por seus próprios marujos, que se amotinaram e nunca mais deixaram a terra dos Tupinambás. A presença dos ingleses na ilha explica a cor azul dos olhos de alguns caiçaras, descendentes dos piratas.*"

A afirmação de que existam caiçaras descendentes de piratas pode até ter fundamento, pois muitos deles foram abandonados ou se refugiaram na ilha.

*Site* 4: www.trilhaseaventuras.com.br:

> "*A região do Saco do Sombrio é o local onde se supõe que exista um valioso tesouro escondido pelo famoso pirata Thomas Cavendish, o segundo inglês a dar a volta ao mundo. Muitos grupos de aventureiros buscam pista de tal tesouro, que seria indicado pelo conhecido mapa da Trindade.*"

Não existe indicação precisa de que Cavendish tenha deixado qualquer tesouro na ilha. A ver pelas situações em que o corsário se encontrava quando estava na ilha, segundo seu relato, é uma possibilidade bem remota de que alguma coisa de valor foi deixada lá.

*Site* 4:www.litoralnorte.matrix.com.br:

"*Segundo relatos do inglês Anthony Knivet, o pirata britânico Thomas Cavendish (1555 – 1592) teria enterrado, nas areias da Praia dos Castelhanos, um fabuloso tesouro, roubado da Vila de São Vicente, no natal de 1591.*"

Em nenhuma parte de seu relato Knivet afirma que Cavendish tenha enterrado um tesouro na ilha; muito menos faz referência a qualquer item que o corsário poderia ter apanhado na vila de São Vicente.

Foi publicado no jornal Folha de São Paulo[31] um artigo sobre duas pessoas, Osmar Soalheiro e Roberto Thyri, os quais afirmam terem um mapa do tesouro que traz indícios do local onde supostamente Cavendish enterrou esse tesouro. O mapa, segundo Soalheiro, teria pertencido a um descendente de corsário e entregue ao pai de Thyri em 1939. Apesar de o mapa

não fazer referência ao local que pretende indicar, pois são três locais descritos e apenas um verdadeiro, fez com que os dois demarcassem uma área de 20 mil metros quadrados em uma encosta do Saco do Sombrio, um local encravado no morro e com uma formação rochosa, para lá procurarem o sinal.

Soalheiro tem se dedicado a essa procura desde 1961, e apesar de não existirem fatos documentados, ele tem esperança de alcançar seu objetivo. Ele afirma que "*existe um grande enigma sobre a existência do tesouro, pois ninguém sabe dizer o que foi escondido na ilha.*" Além disso, o Serviço de Documentação Geral da Marinha, no primeiro volume da História Naval Brasileira, reconhece as passagens de Cavendish por Ilhabela, mas não faz referência a esse suposto tesouro.

Panfleto publicitário de restaurante em Ilhabela. Nota-se que até hoje o mito Cavendish é conhecido entre os moradores da ilha de São Sebastião.

## 2.6 O Manuscrito de Thomas Cavendish

É pouco antes de sua morte, em 1592, que Thomas Cavendish, desconsolado e deprimido, dá início a seu manuscrito. Nesse relato destinado a Tristam Gorges, seu amigo e testamenteiro, ele descreve, em retrospectiva, seu destino forçado após a fracassada tentativa de atravessar o Estreito de Magalhães em direção à China e após sua separação da nau de John Davies.

O texto apresenta a visão de um homem típico da Renascença, com uma linguagem de grande interesse psicológico e literário, tornando-o uma relíquia, tanto no âmbito pessoal quanto dramático, de valor lingüístico e histórico inigualável. Ele não o escreveu somente para informar a Gorges os motivos de sua falha em obter sucesso na expedição, mas também como uma apologia a essa falha.

David B. Quinn, em sua introdução à edição do manuscrito[32] publicado pela *University of Chicago Press*, faz a seguinte observação:

> *"Em seu leito de morte, Cavendish é o completo romântico – ou o supremo egoísta – julgando o mundo perdido, uma vez que o sucesso fugia a seu controle, assim como também determinado a lançar a culpa em seus companheiros. (...). Ele [o manuscrito] é inteiramente escrito de maneira firme e homogênea. Mesmo quando na trigésima-quinta página ele escreve: "mas agora me tornei tão fraco e abatido que mal consigo segurar a pena em minha mão[33]," a escrita não falha. Nem o vigor nem a força da narrativa enfraquecem até o ponto da morte do capitão Cocke, quando a partir de então história se desenrola em desespero. Quaisquer que fossem as conclusões que possamos chegar a respeito do julgamento de Cavendish sobre a viagem, ou qualquer que fosse o estado mental dele quando escrevia, é inegável que ele fornece um testemunho lúcido e sincero das causas da falha de sua expedição da maneira que, ele, através da angústia e da doença, as presenciou (...). Para os historiadores da expansão ultramarina da Europa, para os historiadores navais interessados tanto nos perigos como nos prazeres da navegação do século XVI e para os estudantes de história cultural, o manuscrito tem atrações peculiares."*

Poderíamos acrescentar a essa observação que o manuscrito é de interesse até mesmo aos historiadores brasileiros que enfocam o século XVI em particular, dada a grande informação relacionada ao Brasil colonial que ele traz à tona. O manuscrito relata, em retrospectiva, os acontecimentos pelos quais Cavendish enfrentou desde o momento em que seu navio se separou da nau de John Davies, nos arredores do Estreito de Magalhães.

De acordo com David B. Quinn, era certo que no momento em que escreveu seu *manuscrito*, Cavendish apresentava um certo grau de paranóia e que estava determinado a morrer, uma vez que "*na verdade ele nos leva a supor que sua intenção era, se caso ele atingisse Ascensão*[34], *cometer suicídio.*"[35]. Paradoxalmente, de acordo com o próprio manuscrito, existem claras discrepâncias entre o cuidado, uniformidade, clareza de escrita e as condições físicas e o estado de espírito de Cavendish. Quinn ressalta o seguinte:

> *"Um homem que está prestes a morrer no mar normalmente não produziria um documento com forma e estrutura tão coerentes. A palavra crítica aqui é "normalmente". Cavendish era um homem de determinação excepcional e o personagem do manuscrito poderia muito bem ser um tributo a uma força de vontade ferrenha e constituição inflexível. Ou talvez ele não estivesse tão doente quanto supunha. (...) O manuscrito era sua justificativa: ele também tentava salvaguardar, para seus herdeiros, associados na viagem e seus amigos, o que restasse, caso ainda restasse alguma coisa que sobrevivesse ao desastre que ele julgava estar sofrendo e não necessariamente seus companheiros, conforme ele escreve. Ele desejava em suas últimas linhas emergir como o sacrifício do destino assim como também o vingador (uma vez que ele acreditava ser a vítima) dos homens que ele acreditava, contudo erroneamente, terem falhado a ele ou o traído.*[36]
>
> *(...) Sua determinação, sem dúvida fruto do orgulho assim como da instabilidade, em nunca voltar à Inglaterra e a determinação de seus homens, vitoriosos apenas no amargo fim, em nunca voltarem ao Estreito, cria um dramático conflito na última parte da viagem. Assim o é, que não pode ser descrita a não ser como tragédia, e é muito estranho que nenhum dramaturgo a interprete como tal. Mas era mais obscuro, pelo menos no início, em sua própria mente do que era na realidade. A treva profunda que o cobria e o desejo por morrer que vinha com isto, fez Cavendish superestimar os perigos, tão grandes como eram, que afligiam sua embarcação e seus consortes. É um comentário*

*irônico que no final não apenas o galeão Leicester, mas o Roebuck e o próprio Desire, sobreviveram e fizeram suas viagens de volta seguramente, embora o Desire tinha apenas alguns de sua tripulação vivos."*[37]

## 3. O Processo de registro do manuscrito de Cavendish na língua portuguesa

Nesta parte será conduzida a análise da linguagem utilizada por Cavendish em seu relato e dois tipos genéricos de estudo, sob a perspectiva da tradução, do manuscrito de Cavendish. O primeiro estará focado em itens isolados e o segundo sobre o universo de discurso do manuscrito. Estas análises têm como objetivo ilustrar o material inicial que o tradutor poderá trabalhar dentro do processo de registro em português do escrito e as opções que ele terá em fazê-lo.

### 3.1 Análise preliminar do manuscrito de Cavendish

O manuscrito original de Cavendish foi redigido em 39 folhas agrupadas em 5 encadernações, sendo que a última provavelmente tenha se perdido. Ele encontra-se atualmente na biblioteca Beinecke da Universidade de Yale e utilizaremos para nossa análise a transcrição feita por David Quinn lançada pela *University of Chicago Press.*Essa transcrição tipográfica a partir de próprio manuscrito, convenciona que todas as letras e palavras omissas no original (tanto devido a danos quanto a imperfeições) sejam grafadas entre chaves, tendo como fonte o texto de Samuel Purchas, trechos do testamento de Cavendish e ocasionalmente por conjectura do editor.

A utilização de maiúsculas e minúsculas também não é homogênea e Cavendish parece utilizá-las aleatoriamente. Contudo, no que se refere a nomes próprios, Cavendish parece utilizá-las de modo correto. De um modo geral, a pontuação, ortografia e vocabulário do manuscrito têm fortes características de um material literário inglês do período elisabetano. O manuscrito contém algumas palavras grafadas de duas ou até mais maneiras diferentes, como é o caso de *"vittaile"*, *"vittayle"*, *"chefeste"*, *"chefest"*, *"robuck"*, *"rooe bucke"*, *"roobuck"*, *"roebuck"*, *"ancor"*, *"ankar"*, entre outras. Na época de Cavendish, ao contrário de hoje em dia, não se fazia necessário grafar uma palavra sempre da mesma maneira.

A pontuação utilizada por Cavendish é também inconsistente, tanto que algumas de suas frases não chegam nem mesmo a ser pontuadas adequadamente. Ele raramente usa um ponto final, embora use-o acompanhado com uma barra " ./ " ou simplesmente uma barra " / ". Via de regra, ela é utilizada como uma vírgula, embora sua pontuação predileta seja um ponto médio " · ", que ele utiliza livremente como vírgula ou como ponto final, embora Quinn[38] afirme que " *não é fácil ter certeza se ele tem a intenção de colocá-la sobre a linha ou acima dela. A utilização desse ponto médio não era desconhecido de seus contemporâneos; contudo, não era muito difundido*".

Cavendish também faz uso de outras características lingüísticas que Morton Bloomfield em sua obra, "*A Linguistic Introduction to the History of English*"[39], aponta como inerentes ao inglês jacobino - elisabetano: o grafema " s " se assemelha ao " f " (exceto no final de palavras, onde é grafado como " s " mesmo). Os grafemas " u ", " v " e " i " podiam tanto representar uma vogal como uma consoante. Era comum dobrar-se a consoante final (como, por exemplo, a palavra *continuall* no manuscrito) e grafar palavras com o grafema " e " no final (como, por exemplo, as palavra "*mayne*", "*lengthe*", "*returne*" e "*selffe*"), em contraste com a sua versão em inglês atual.

Mas talvez a maior diferença entre o inglês do manuscrito e o atual seja relacionado ao significado, ao grau de formalidade e à freqüência de uso das palavras. Para ilustrar essa diferença, apontamos as seguintes palavras do manuscrito quanto ao seu significado, uma vez que fariam pouco sentido no inglês atual : "*bable ditche*" (bauble ditch), "*gynne wheate*" (guinea wheat), "*vnyarye*" (unyary).

Quanto à freqüência do uso de palavras e expressões, apontamos os termos "*chiefeste*", "*tymber-woode*", "*betymes*" que com o passar do tempo foram tornando-se arcaicas, e aquelas que se tornaram outras como, por exemplo, "*shifte of sayles*" (set of sails), "*shoulde*" (shoal) e "*a fore*" (before).

Cavendish também recorre a utilização de adjetivos superlativos duplos, típicos do inglês jacobino-elisabetano. Encontram-se em seu relato perífrases como "*moste sensibleste*", "*moste desolateste*", "*moste carefullest*". Essas formas duplas gradualmente desapareceram

do inglês após o século XVI, em grande parte devido à condenação dos estudiosos da gramática à não padronização do inglês[40]. Outra característica típica do estilo contemporâneo de Cavendish e seu constante emprego de sentenças negativas sem verbos auxiliares como, por exemplo, ele escreve: "*yet I doubted not*".

### 3.2 A publicação do manuscrito de Cavendish por Samuel Purchas

O manuscrito se insere nesse processo de mudanças na língua inglesa quando, no início do século XVII uma cópia do texto chega às mãos de Samuel Purchas, através de Richard Hakluyt[41]. Purchas, que copilou vários escritos a respeito de descobertas e viagens dando seqüência ao trabalho de Hakluyt, era vigário em Essex e conviveu com vários navegadores durante o desempenho de seu ofício. Como editor e compilador, ele procurou, com sucesso, o interesse do público geral de seu tempo, em uma época que a literatura sobre viagens tinha propósitos patrióticos de inspirar os ingleses a participarem de expedições ultramarinas. Muito embora não tivesse a genialidade editorial de Hakluyt, sua extensa obra é freqüentemente a única fonte de informação relativa à história geográfica e de explorações de seu tempo, embora ele mesmo nunca houvesse viajado além de duzentas milhas de seu local de nascimento. Ele traz, de modo zeloso e infatigável, inspiração e estímulo aos homens que o sucederam, tendo suas narrativas em comum um forte espírito de nacionalismo. Raramente encontra-se uma que não demonstre orgulho pela Inglaterra.

No que diz respeito aos feitos de Cavendish e Drake, Purchas expressa esse orgulho no seguinte trecho:

"(...)*vemos isto por completo, e o sentimos diariamente em nós mesmos; aqui em mestre Candish, em Sir Francis Drake anteriormente, os dois queridos dos mares, neles, e por causa deles, vivendo e morrendo; se a dissolução do corpo pode ser chamada de uma morte, quando a alma alcança o céu, o nome preenche a terra, as façanhas são precedentes à posteridade, e a Inglaterra, seu país, tem a glória unicamente de ter apresentado dois ilustres capitães e generais, que abraçaram afortunadamente a cintura de sua grande mãe, sem o desperdício de vida, reputação e substancia; vitoriosos sobre inimigos elementais, ilustres em riquezas e honra, eles retornam, como o sol em um dia de verão, aparecendo maior e mais próximo de seu lar noturno, todo o céu os entretendo e dando boas vindas em um festival escarlate e cores dispostas de triunfo.*"[42]

Purchas, "*como a maioria dos escritores de seu tempo, adora anotar as excentricidades e peculiaridades do universo e celebra o maravilhoso. Quando ele introduz uma narrativa trágica, como a do desafortunado Cavendish em sua última*

*viagem, ele refina a ocasião. A última carta de Cavendish a seu amigo e testamenteiro, Sir Tristram Gorges, é uma página patética em nossa literatura; uma vez que o homem moribundo, com mão febril, lá expõe o mais profundo de seu infortúnio. Ele fala de tempestades, frio, fome, covardia, motim e infortúnios da guerra, dizendo:*

*E agora por isso, o que com pesar por ele [seu parente, John Locke[43]] e o contínuo importúnio que suportei entre tais demônios, meu ânimo estava exaurido desejando estar em qualquer lugar deserto do mundo, para lá morrer, ao invés de abjetamente retroceder.... E agora pondere se um coração feito de carne, seria capaz de suportar tantos transtornos, todos recaindo sobre mim sem interrupção. Agradeço a Deus que no meu fim, ele tenha se contentado em me esconder mais transtornos e azares.*

*Contudo essa pungente narrativa não escapa da pena "preciosa" de Purchas, que havia bebido da fonte Eufuística. Ele compara a vida do navegador com a mudança do sol para a sombra; do dia para a noite; do verão para o inverno."*[44]

O manuscrito de Cavendish fora editado na obra *Hakluyt Posthumus or Purchas his Pilgrimes, v.IV*[45] com a ressalva de que *"algumas declarações veementes do Senhor Candish contra algumas pessoas em particular não engajadas nessa expedição foram vetadas, algumas outras eu deixei passarem"*[46]. Na verdade, as pessoas a que Purchas se refere são Henry Seckford, Carew Ralegh, ambos patrocinadores da viagem de Cavendish, sendo esse último irmão do célebre navegador Walter Ralegh. Ele omite em sua compilação, entre outros, o trecho onde cita suas dívidas para com os esses patrocinadores.

Talvez Purchas tenha decidido fazer tal edição devido às óbvias implicações das afirmações que Carew Ralegh *"importunaria infinitamente"*[47] Tristam Gorges, seu testamenteiro e que Henry Seckford era *"um homem faminto"*[48]. Seu trabalho certamente seria o primeiro destinado ao público contendo o manuscrito de Cavendish e talvez não fosse conveniente, e nem de interesse do leitor, conter aquela passagem. O mesmo justifica os trechos em que Cavendish faz referencia às dividas de seus servos e as para com George Carey e Henry Palmer. Quase no final do manuscrito, Purchas também omite um trecho em que Cavendish faz referência novamente a Seckford:

*"Althoughe hee looke for gaine / yow shall fynd him a verie fitte man in some Respectes, to Ioyne with yow.f"*

Como resultado de seu trabalho de reescrita, tem-se uma obra com um inglês atualizado e nota-se o seu cuidado quanto à pontuação, ortografia e concordância.

Cavendish assim escreve:

> *"(...) by that tyme the Indians were Come downe into the forte againe & shotte at our men, they which were a lande perceaveinge the arrowes flye amonge them rane againe at the forte syde & shotte in at the loope hole with their musketes/"*

Purchas, em seu trabalho, faz as seguintes alterações:

> *"(...) by that time the Indians were come downe into the Forte againe, and shotte at our men. They which were a land (perceiving the arrowes flye among them) rane againe to the Forts side & shot in at the lower hold with their Muskets."*

A edição de Purchas será de grande valia no nosso trabalho de tradução, uma vez que torna o manuscrito mais claro em comparação à escrita original de Cavendish, principalmente no que diz respeito à pontuação obscura do original. Contudo, temos a impressão de que a "desorganização" em expor suas idéias também evidencia a própria condição emocional na qual Cavendish se encontrava e que tal característica pode ser perdida quando o manuscrito for traduzido para outra língua.

Como tarefa preliminar para a tradução do manuscrito, elaboraremos um glossário que destaca palavras e termos que possam ser potencialmente problemáticos.

### 3.3 Análise de elementos isolados sob o aspecto tradutológico

Consideramos de grande utilidade um glossário que contenha algumas palavras e expressões chaves, uma vez que propicia um maior detalhamento deste manuscrito, oferecendo uma compreensão maior ao leitor. Dentre as inúmeras possibilidades de se trabalhar com o manuscrito de Cavendish sob o ponto de vista terminológico, optamos por restringir nosso levantamento baseados no grupo de palavras pertencentes à terminologia náutica (termos que estejam relacionado com embarcações, com navegação e com rotina a bordo da viagem descrita no manuscrito), bélica (termos que identifiquem armamentos ou instrumentos de ataque utilizados ou citados por Cavendish e seus homens em sua narrativa), geográfica (termos referentes a pontos geográficos citados no manuscrito), e à terminologia de especial dificuldade

(que engloba os termos ou palavras que estão em desuso no inglês atual) na tradução para português.

Humberto Leitão em referência à elaboração de seu *Dicionário da Linguagem da Marinha Antiga e Actual*[49] faz a seguinte consideração:

> "*Nas consultas que fizemos a dicionários e glossários estrangeiros, de marinha, usamos das necessárias cautelas, porquanto é bem sabido que nem sempre à semelhança de dois termos de línguas diferentes corresponde igualdade de significados. Atente-se. p. expl., na palavra <misaine> com que os franceses designam o papafigos do mastro do traquete – a que chamamos de traquete redondo – e no termo português <mesena> que hoje é o latino quadrangular do mastro da mesena, e outrora, a vela bastarda que armava no dito mastro em naus, galeões, caravelas e outros navios.*"

Tal afirmação ilustra o cuidado que se deve tomar na análise de termos, nesse caso náuticos, para elaborar uma tradução. O próprio Cavendish faz menção a "mezena" da embarcação *Roebuck* e para uma melhor compreensão do termo, detalharemos neste glossário com a definição correta.

Definimos como línguas de trabalho o inglês e*lisabethano – jacobino* (*Early Modern English*), o inglês contemporâneo e o português brasileiro moderno. Consideraremos a primeira como a Língua de Partida (LP) e a última, a Língua de Chegada (LC).

**Obras:**

DAP – Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa

DBQ – The Last Voyage of Thomas Cavendish, editado por David B. Quinn

DMA – Dicionário de Marinha Antiga e Actual, de Humberto Leitão

ECD – The English Collins Dictionary

HTM – História Trágico-Marítima, organização de Ricardo Gomes de Brito

ILH – Ilhabela, de Maria Jose Gomes

MAC – Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Tomo XVIII, editado por Avelino Teixeira de Mola

MDP – Michaelis Dicionário Prático Inglês – Português

MNS – Um Manuscrito Náutico Seiscentista reencontrado, de Avelino Teixeira de Mota

OED – Oxford English Dictionary

PSP – Pilgrims, de Samuel Purchas

TFI – A Ilha Selvagem, de Théo-Filho.

TGL – The Galleon, de Peter Kirsch

VFG – Vária Fortuna e Estranhos Fados, de Anthony Knivet traduzido por Guiomar Franco.

**Páginas na Internet (*websites*):**

DSH – Diário de um Soldado Holandês (http://guararapes.exercito.gov.br/artigos/holandes/julho.htm)

ILH – Ilha Grande, RJ (http://www.ilhas.com.br/ilhagrande.htm)

KJB – King James Bible (http://www.jesus-is-lord.com)

MEM – Michigan Early Modern English Materials (http://www.hti.umich.edu/dict/memem)

TIL – The Treasure Island de Robert Stevenson (http://digital.library.upenn.edu/books)

WUD - Webster's Unabridged Dictionary (http://www.bibliomania.com/Reference/Webster/)

YOB - Ye Olde Booke O' Seadogs (http://www.jps.net/rossw/seadog/)

**Especialistas**:

DM - David Meagher

MF - Marcello di Ferrari

Dado o objetivo deste glossário, o trabalho de levantamento de equivalência do inglês seiscentista torna-se tarefa minuciosa. Como exemplo, quando se trata da busca da equivalência de termos náuticos e bélicos, deparamo-nos com empecilhos de ordem local e cultural e, pelo menos uma vez, o objeto de estudo (contido no texto de Cavendish) não tem um equivalente na cultura de chegada (no nosso caso, na língua portuguesa). Da mesma forma, o material para consulta em inglês é mais vasto e preciso, principalmente no que diz respeito a *sites* especializados na Internet e publicações em geral. Há uma grande variedade de informações relativas a assuntos bélicos, navais e ao inglês elisabetano disponível na rede mundial de computadores.

O modelo de ficha terminológica apresentará os seguintes campos, quando possível:

- o termo original dentro de sua fonte, ou seja, em inglês elisabetano – jacobino;
- o eqüivalente ao termo em inglês contemporâneo;
- o termo dentro de outros contextos;
- o eqüivalente do termo em português;
- variações lexicográficas do termo em português;
- peculiaridades ou informações adicionais do termo em forma de nota enciclopédica;
- a citação da(s) fonte(s) de pesquisa através de abreviações.

Exemplo da ficha terminológica:

| | |
|---|---|
| ***1. Termo*** | Língua de Partida |
| ***2. Variantes de uso*** | O termo em inglês contemporâneo |
| 3. Descritores | Definição contextualizada no manuscrito |
| **4. Equivalência** | Língua de Chegada |
| ***5. Variantes de uso*** | Variantes do termo na língua de chegada |
| 6. Descritores 2 | Definição contextualizada em outros textos |
| 7. Nota Enciclopédica | Observações e informações adicionais |
| (Fonte) | Nome / Abreviação da Fonte |

| | |
|---|---|
| ***Termo*** | ***Variantes de uso*** |
| Descritores | |
| **Equivalência** | ***Variantes de uso*** |
| Descritores 2 | |
| Nota Enciclopédica | |

### 3.3.1 Os glossários do manuscrito de Cavendish

*Parte I – Glossário de termos náuticos do manuscrito de Cavendish*

| | |
|---|---|
| ***ancor, ankar*** | *anchorage* |
| "... we were Constrained to Come to an **ancor**..."<br>"... an **Ankar** in the baye of Saint Vyncent..." | |
| **ancoradouro** | -- |
| " *...and there to come to an **Ankor**, of purpose to vnderstand what land that was...*" (MEM) | |
| As palavras "ancoração" e "ancoragem" são palavras arcaicas relativas a "ancoradouro" (DMA) | |

| | |
|---|---|
| ***ankar*** | *anchor* |
| "*... as we had ground to **ankar** in ....*" | |
| **ancorar** | -- |
| -- | |
| -- | |

| | |
|---|---|
| ***barre*** | *bar* |
| "*...Carrie bothe my Shippes over the **barre**, at Spiritus Sanctus...*" | |
| **barra** | -- |
| -- | |
| Entrada de um porto que segue entre dois lados da terra mais ou menos afastadas ou por entre baixos ou ilhotas. (DMA)<br>Parte final do curso de um rio, na região em que ele se lança ao mar. (DMA) | |

| | |
|---|---|
| ***barred harbor*** | *barred harbour* |
| "*...for Port San Iulian is a **barred harbor** over...*" | |
| **porto de barra** | abra, porto abrigado, porto bloqueado |
| **"...**O nome Abrão ou Abraão deriva da palavra "abra", que em náutica significa uma abertura na costa, um **porto abrigado..."** (ILH) | |
| A função de proteção de um porto abrigado é conseguida pela criação de quebra-mares ou barreiras feitas de pedras depositadas para tal propósito. Os mesmos amenizam a ação da arrebentação assim como o movimento de placas de gelo que podem danificar as embarcações. (DM)<br>Um porto naturalmente bloqueado, por bancos de areia ou recifes, necessitaria de um piloto experiente para entrar ou então aguardar os movimentos de maré cheia. (MF)<br>Abra é uma pronunciada reentrância na costa que dá acesso a um ou mais portos. (DMA)<br>Porto de barra – é um porto que só dá acesso na maré alta. (DM)<br>Abrigado significa que o porto é resguardado da violência do vento ou do mar, vindos de determinadas direcções. (DMA) | |

| *bayling* | *bailing* |
|---|---|
| "*...watcheing pumpeing & **baylinge**, for I muste saie trulye...*"<br>"*...as 6 or 7 men Continuallye **baylinge** water...*" | |
| **achicando** | escoando, esvaziando, baldeando água |
| -- | |
| Achicar: Ir diminuindo ou secando a água. Esgotar a água. (DMA) | |

| *beare vppe* | *bear up* |
|---|---|
| "*...wee woulde then **beare vppe** agayne & so accordinge vnto theire requestes goe for the Coste of Brasele...*" | |
| navegar à popa | navegar em popa |
| -- | |
| To bear up: Colocar o leme para cima (ou na direção do vento) e assim colocar o navio atrás do vento; o mesmo que "bear away".(WUD)<br>Navegar à popa: Navegar com vento que sopre da popa, aproximadamente na direção à quilha. (DMA) | |

| *beate* | *beat* |
|---|---|
| "*...as we had ground to ankar in & tydes to helpe vs wee **beate** into the Straightes some 50 leagues haveinge for the moste part the wyndes contrarye ...*"<br>"*...The Companye I woulde put owt of the harbor & **beate** to get thorroughe so longe as the furies & westerlie wyndes woulde suffer vs...*"<br>"*..then I shewed them that I woulde **beate** for Sainte Elena...*" | |
| barlaventear | navegar contra o vento, bordejar |
| -- | |
| Beat: navegar contra o vento (DM).<br>Beat: fazer progresso contra o vento, navegando em zigue-zague ou transversalmente. (WUD)<br>Barlaventear: ganhar caminho para o lado donde sopra o vento. Ganhar barlavento (DMA) | |

| *byll of adventure, billes of adventure* | *bill of adventure* |
|---|---|
| "*...there is a **byll of adventure** to my Coussen...*"<br>"*...the reste haue all **billes of Adventure** but the rune in the vittaile...*" | |
| **carta de aventura** | -- |
| -- | |
| bill of adventure:<br>Certificado emitido por um mercador que declara que os bens em seu poder ou em poder de seus agentes são de propriedade de terceiros, tendo a sua negociação feita sob riscos destes. (ECD)<br>Declaração dispondo que os bens embarcados estão sob risco do proprietário. (WUD) | |

| *captayne* | *Captain* |
|---|---|
| *"...**captayne** Morgan affirmenge the place to be verie narrowe..."* | |
| **capitão** | |
| "...lastimosas cousas que aconteceram ao capitão Manuel de Sousa Sepúlveda..." (HTM) | |
| Inicialmente ele (o capitão) não era um oficial naval mas sim um fidalgo, um cortesão com pouco conhecimento de navegação, cuja proficiência naval não era a base da escolha ao posto. (TGL)<br>Capitão: comandante de um navio mercante. Comandante de um navio solto ou que fizesse parte de uma armada. (DMA) | |

| *carackes* | *carracks, caracks* |
|---|---|
| *"...where wee shoulde mete with the **Carackes**..."* | |
| **carracas** | -- |
| "...avistado abaixo da ilha Terceira uma **carraca** hespanhola (que são os maiores navios que ha, nos quaes podem embarcar mais de mil homens) alli ancorada..." (DSH) | |
| Carracas:<br>Grandes embarcações antigas para viagens de longo curso. (DAP)<br>Nome que os italianos davam às naus. (DMA)<br>Galeão do Mediterrâneo que servia como navio mercante nos séculos XV e XVI. (ECD)<br>Modelo grande de navio antigamente utilizado pelos espanhóis e portuguêses no comércio com as Índias Orientais, um galeão. (WUD) | |

| *cocke boote* | *cock boat* |
|---|---|
| *"...that be able to defend them selffes from a **Cocke boote** muche lesse that they..."* | |
| **barquinho** | escaler |
| -- | |
| cock boat: pequena embarcação, especialmente a utilizada próxima às margens de rios. *(WUD)* | |

| *drawinge (muche) water* | *drawing (much) water* |
|---|---|
| *"...the other bote **drawinge muche water** was a ground..."* | |
| **fazendo muita água** | -- |
| -- | |
| -- | |

| *Desier* | *Desire* |
|---|---|
| *"...I haue giuen Sir George Carie the **desier** if ever shee Retume..."*<br>*"...and furder the **Desier** had bydden the like extremitie..."*<br>*"...in which place Davys in the **Desier**..."* | |
| -- | -- |
| "... a vice-almiranta, o Roembuck era dirigida pelo capitão Cocke, a contra-almiranta Desire tinha por comandante John Davies..." (ILH) | |
| O galeão Desire tinha entre 120 e 140 toneladas e também participara da viagem de circunavegação que Cavendish havia efetuado entre 1586 e 1588. (DBQ) | |

| ***easte northe east*** | *east north east* |
|---|---|
| *"...from 18 degrees to 16 **east northe easte**..."* | |
| **és-nordeste** | lesnordeste |
| "... Bangoa está em 19 graos e meo e correçe com a ponta que se chama Sabere Bangoa lesnordeste oessudeste e ha na rota..." (MNS) | |
| és-nordeste: Ponto do horizonte a meia distância angular do E. e do N.E. (Abreviação: E.N.E) (DAP) | |

| ***easte southe east*** | *east south east* |
|---|---|
| *"...hit the winde beinge continuallye at **east southe Easte** the moste contrariest wynd that could blowe..."* | |
| **és-sueste** | |
| "... Os ventos ordinários na monção dos ponentes são desde abril até Setembro e Outubro são susueste, sueste e lessueste..." (MNS) | |
| és–sueste: Ponto do horizonte a meia distância angular do E. e do S.E. (Abreviação: E.S.E) (DAP) | |

| ***fathame*** | *fathom* |
|---|---|
| *"...the Shippes came in lesse water then 5 **fathame** with suche Constant affirmations as hee desired not to live if hee shoulde not performe this..."*<br>*"...the moste water to be but 3 **fathame**..."*<br>*"...that hee mad[e] accompte there had not bynn lesse water then 5 **fathame**..."* | |
| **braça** | --- |
| "... hum tiro de espingarda da terra são 16 e 17 braças lama..." (MNS) | |
| braça: antiga medida de comprimento, que varia de país para país. Entre nós (os portugueses) a braça marítima tinha cerca de 8 palmos, que correspondia a cerca de 1,76 m. A actual corresponde a duas jardas, e portanto, a cerca de 1,83 m. (DMA)<br>braça: unidade de medida equivalente a seis pés, usada para medir a profundidade de água. (ECD) | |

| *forettope sayle* | *fore topsail* |
|---|---|
| *"...for we had but 4 sayles our spritte sayle & **foretoppe sayle** being wanteinge..."* | |
| **gávea do traquete** | velacho baixo |
| -- | |
| gávea: qualquer das velas que envergam nas vergas de gávea e, portanto, as segundas a contar de baixo. A do mastro de proa é chamada "velacho" ou "gávea de proa". (DMA) | |

| *hatches* | *hatches* |
|---|---|
| *"...there was not 50 men that were able to stand vppon the **hatches**..."* | |
| **escotilhas** | -- |
| "... duas vezes fui pôsto nas escotilhas para ser lançado ao mar..." (VFG)<br>"...and twice I was brought vpon the Hatches to bee cast into the Sea..." (PSP) | |
| escotilha: abertura feita em um pavimento do navio, destinada à passagem do pessoal, à carga e descarga, a arejamento, ou, ainda, à passagem da luz. (DMA) | |

| *hals of* | *Hauls off* |
|---|---|
| *"...noe Ankors will holde to **hals of** anye my Shippe..."* | |
| **alterar o curso** | -- |
| -- | |
| To haul off: Alterar o curso de uma embarcação de modo a evitar um obstáculo, águas rasas, etc. (ECD)<br>Haul: rebocar, sirgar, mudança de curso, de direção. (MDP)<br>Pelo fato de o local ser muito "estreito" (narrowe place) a crítica de Cavendish ao local como ponto de ancoragem é clara pois não existe espaço para que a âncora agarre ao fundo.<br>Quando a âncora é lançada do barco, deve-se soltar cabo, para que, quando este cabo for trancado ou preso às abitas (peça de madeira ou ferro que serve para fixar a amarra) da embarcação, a âncora corre pelo fundo até ficar presa em alguma rocha, coral, etc.<br>Se o espaço no local é pequeno, pouco cabo pode ser solto e a âncora fica muito próxima do barco e a inclinação do cabo fica muito pequena, elevando a tensão no mesmo quando ocorrer uma mudança de vento fazendo o barco girar ou mesmo quando o vento ou a correnteza aumentarem de força. Esse não é um tipo de ancoragem segura. (MF) | |

| *leagues* | *leagues* |
|---|---|
| *"...that hit was but 600* ***leagues*** *thither..."*<br>*"...wee gotte within 60* ***leagues*** *of the Iland..."*<br>*"...almoste 80* ***leagues*** *to the westewarde..."* | |
| **légua** | -- |
| "... um lugar chamado Ilha Grande, a vinte léguas de Santos..." (VFG) | |
| légua: medida itinerária ou de comprimento cujo valor diferia de nação para nação. A légua marítima portuguesa correspondia, aproximadamente a 3,2 milhas atuais, de 1.852m. (DMA)<br>Uma unidade obsoleta de distância de comprimento variável. Geralmente equivale a 3 milhas. (ECD)<br>Uma unidade de distância equivalente a 3 milhas náuticas ou 3.041 braças. A légua francesa continha duas ou três milhas, a espanhola três e a légua comum alemã 4. (OED) | |

| ***master*** | -- |
|---|---|
| *"...this* ***Master*** *Morgane made knowne amongste them..."*<br>*"...that was* ***Master*** *of the Roobucke a moste Cowardlie villaigne..."*<br>*"...of the* ***Master*** *and Cheefeste of the Companye to retume home..."*<br>*"...the* ***master*** *of the Shippe..."*<br>*"...that was* ***Master*** *of the Roobucke..."*<br>*"...they all Came to the* ***master*** *& desired him to speake..."*<br>*"...willinge the* ***Master*** *and his Companye to sayle east northe east..."*<br>*"...and likewise* ***Master*** *Heton the customer of..."*<br>*"...I haue taken order with the* ***Master*** *of my shippe to se[e]..."*<br>*"...I praye forget not* ***Master*** *Carey of Cockington..."*<br>*"...Which Indian Ran from his* ***master*** *at my laste being there..."* | |
| **mestre** | -- |
| "... relação do naufrágio da Nao Conceição de que era capitão Francisco Nobre..." (HTM) | |
| mestre: o sargento mais graduado ou antigo da classe de manobra que faça parte da guarnição do navio. Está presente em todas as fainas em que o comandante compareça, e em todas as manobras com as âncoras. Depois do piloto, era a pessoa de maior consideração a bordo. Intendia, especialmente, nas manobras do velame entre a proa e o mastro grande. Era considerado oficial e usava um apito de prata suspenso no pescoço por um cordão do mesmo metal. (DMA)<br>Era sempre um marinheiro profissional. Organizava as guardas, tinha direitos de punição e supervisionava as pessoas que trabalhavam com o massame. Media a altura do sol e das estrelas com seu astrolábio e tinha que saber a distância que o navio havia navegado e seu curso. Em navios maiores o mestre compartilhava as tarefas de navegação com o piloto. (TGL) | |

| *mayne* | *mainland* |
|---|---|
| *"...were makeinge Rafes to goe over to the mayne..."*<br>*"...gotte ouer to the mayne..."*<br>*"...went presentlie againe over to the mayne..."* | |
| **continente** | -- |
| -- | |
| main: forma arcaica de "mainland" (ECD) | |

| *mayne saile* | *main sail* |
|---|---|
| *"...except hir mayne saile..."* | |
| **vela grande** | -- |
| -- | |
| vela grande: o papa-figos do mastro grande. (DMA) | |

| *meere notherlie* | *mere northerly* |
|---|---|
| *"...stered northe easte & meere northerlie..."* | |
| **um pouco a norte** | -- |
| -- | |
| De ENE a NE é uma alteração de curso de 67° 30' para 45°; pode ser que toda a frase "northe easte & meere northerlie" seja equivalente a NE por N, que equivale a 33° 45', embora "meere northerlie" seja uma aproximação grosseira de alguma direção um pouco mais ao norte que NE. (DBQ) | |

| *misson* | *mizzen* |
|---|---|
| *"... Came inthe Robuck haveing spent all her Mastes but there misson ..."* | |
| **mezena** | -- |
| -- | |
| mezena: nos antigos navios – naus, galeões e caravelas – vela de bastardo que armava no mastro da mezena, o terceiro a contar da proa. (DMA) | |

| *mutanus* | *mutinous* |
|---|---|
| *"...moste abiect mynded & mutanus Companye..."* | |
| **amotinadora** | -- |
| -- | |
| -- | |

| *mutanye* | *mutiny* |
|---|---|
| *"...I kepte moste secret for feare of some **mutanye**..."*<br>*"...they would fourthewith haue fallen into a most extreme **mutanye**..."* | |
| **motim** | -- |
| -- | |
| -- | |

| ***muten, mutinie*** | *mutiny* |
|---|---|
| *"...amonge theym settles to **muten** and murmer..."*<br>*"...they fourthwith openlie begane to murmer & **muten**..."*<br>*"...by my Companye which never ceassed to practise and **mutinie** againste me..."* | |
| **amotinar** | -- |
| -- | |
| -- | |

| *ose* | *ooze* |
|---|---|
| *"...for the Ryver is all **Ose**. and if a shippe Come a ground..."* | |
| **lodo** | vaza |
| -- | |
| -- | |

| *pilote* | -- |
|---|---|
| *"...aborde me whoe toke vppon hym to be a **Pilote**..."* | |
| *piloto* | |
| "...o piloto e o mestre, não conhecendo a terra, foram assim metendo com a nau na enseada, ..." (HTM) | |
| Piloto: a pessoa que tinha a seu cargo a navegação bem como as manobras do navio. Era a entidade mais importante a bordo, a seguir ao capitão, e, no serviço que lhe competia, a ninguém era dado a interferir, mas quando o capitão o entendesse fazer, havia de se lavrar um auto, a fim de ele, piloto, ficar livre da responsabilidade. (DMA)<br>O piloto tinha conhecimento de especialista dos baixios, linhas costeiras e proximidade de portos. A principal característica em um piloto é saber onde ele está. (TGL) | |

| *pennis, pinnises* | *pinnace, pinnaces* |
|---|---|
| *"... where I found the Roobucke the Desire and* ***the Pennis****..."* | |
| *"... haveinge noe* ***Pinnises*** *nor greate Bootes left..."* | |
| **pinaça** | -- |
| "...Pinaça Negra comandada por Randolf Cotton..." (VFG) | |
| A pinaça é uma embarcação do século XVI com aproximadamente 20 ton. com dois mastros normalmente equipados com velas quadradas e uma vela de pendão no principal. (YOB) | |

| *put of into the sea* | *put off into the sea* |
|---|---|
| *"...to gett owt of that badd Rode &* ***to put of into the sea****..."* | |
| **irmos de mar em fora** | -- |
| -- | |
| ir de mar em fora: fazer-se ao mar; seguir para o alto mar. (DMA) | |

| *rigge* | *rig* |
|---|---|
| *"...the Rest to* ***Rigge*** *the Shippe & mend sailes..."* | |
| **mastrearem** | -- |
| -- | |
| mastrear:pôr os mastros em seus lugares. (DMA) | |

| *rode* | *road* |
|---|---|
| *"...that the* ***Rode*** *was So ill as wee were scante able to Ride there..."* | |
| *"...the* ***rode*** *so dannigerous as neuer shippes ridde in..."* | |
| *"...was to gett owt of that badd* ***Rode****..."* | |
| *"...to tarie in for the* ***Rode*** *was so badde..."* | |
| **fundeadouro** | pouso, escápula (arcaico) |
| -- | |
| road: um ancoradouro parcialmente protegido. (ECD) | |

| | |
|---|---|
| ***Robuck, Rooe bucke, Roebuck, Roobuck, Roobucke*** | -- |
| *"...The **Rooe Bucke** lefte ire in the moste desolateste Cayse..."*<br>*"...deliuer hym if the **Roobucke** be returned 2 demye culveringes..."*<br>*"...where I found the **Roobucke** the Desire and the Pennis..."*<br>*"...15. daies and never harde of the **Roobucke**..."*<br>*"...the 17th dai Came in the **Robuck** haveing spent all her..."*<br>*"...and to haue Caste of the **Roobucke** for that by noe meanes..."*<br>*"...to fynde some shippes to repaire the **Roobucke** againe..."*<br>*"...the **Roobuckes** Boote rowinge furder into the Baye see where three shippes were..."*<br>*"...that was Master of the **Roobucke**.."*<br>*"...but the Companye in the **Roobuck** instantelie desired nothinge more then..."*<br>*"...these villaynes in the **Roobucke** that nighte we Roode..."*<br>*"...and if the **Roobucke** be not returned..."* | |
| **Roebuck** | -- |
| "... a vice-almiranta, o Roembuck era dirigida pelo capitão Cocke, a contra-almiranta Desire tinha por comandante John Davies..." (ILH) | |
| -- | |

| | |
|---|---|
| ***shoulde*** | *shoal* |
| *"...wee founde the River so narrowe by Reason of a **shoulde**..."* | |
| **banco de areia** | -- |
| -- | |
| -- | |

| | |
|---|---|
| ***spritte sayle*** | *spritsail* |
| *"...for we had but 4 sayles our **spritte sayle** & foretoppe sayle..."* | |
| **cevadeira** | -- |
| -- | |
| cevadeira: vela que em naus, galeões, bem como em caravelas de razoável porte construídas em fins do século XVI, se não antes, e no século XVII, armava em verga própria.(DMA) | |

| | |
|---|---|
| ***stemmed*** | *stemmed* |
| *"...as that wee mighte haue **stemmed** from 18 degrees to 16 east northe easte..."* | |
| **diminuído** | diminuído a latitude |
| -- | |
| diminuir: ganhar caminho em latitude quando o navio navegava com rumo que o aproximasse do equador.(DMA) | |

| | |
|---|---|
| ***surgeons, surgons*** | *surgeons* |
| *"...aborde of them both the **surgeons**..."*<br>*"...Caried awaye our **surgons** & all their provision..."* | |
| **cirurgião** | -- |
| -- | |
| surgeon: o cirurgião viajava em navios de guerra. Esperava-se que ele tivesse as qualificações necessárias para sua profissão. Seu baú de remédios tinha que ser bem equipado com instrumentos e remédios, e era inspecionado no começo de uma viagem. Durante uma batalha seu lugar era no porão. (TGL) | |

| | |
|---|---|
| ***tacke about*** | *tack about* |
| *"... I called them to **tacke abowt** the Shippe..."* | |
| **virar de bordo** | -- |
| -- | |
| virar de bordo: manobrar para que o navio passe a receber vento pelo bordo contrário àquele em que o recebia. (DMA) | |

| | |
|---|---|
| ***tackle*** | -- |
| *"...the snowe & froste decayed our sayles and **tackle**..."*<br>*"...withowt sailes mastes or anye manner of **tackle**..."* | |
| **massame** | talha |
| -- | |
| massame: o conjunto dos cabos que se empregam no aparelho do navio. (DMA) | |

| | |
|---|---|
| ***tunes*** | *tons* |
| *"...that he hadd brought in shippes of an100 **tunes**..."* | |
| **toneis** | tonelada |
| -- | |
| tonel: medida usada na antiga construção naval para estabelecer ou avaliar a capacidade de carga dum navio. No século XVII, para o cálculo do número de tonéis duma nau levavam apenas em conta o porão e o espaço entre a primeira e segunda coberta. É o volume de 100 pés cúbicos ingleses. (DMA) | |

| *tunes* | *tun* |
|---|---|
| *"...haueinge lefte in the shipp not 3* ***tunes*** *of water..."* | |
| **toneis** | |
| *"...whereof the Generall tooke three tunne for his prouison..."* (PSP) | |
| tun: um casco, um grande recipiente para vinho. (OED) | |

| *tymber woode* | *timber-wood* |
|---|---|
| *"...wee Could gett in all our water &* ***tymber woode*** *and other necessaries..."* | |
| **madeira** | |
| -- | |
| timber-wood: uma madeira adequada para propósitos estruturais. (OED) | |

| *vittaile, vittailes, vittayle, vittayles* | *victual, victuals, victualer* |
|---|---|
| *"...Run in the* ***vittayles*** *as all other adventures dothe..."*<br>*"...the decaye of my men & expence of my* ***vittayle****..."*<br>*"...wee had not lefte 4 monethes* ***vittaile****..."*<br>*"...wee mighte both provide* ***vittaile*** *to retume againe..."*<br>*"...and taste of all our* ***vittailes*** *to be moste shorte..."*<br>*"...the Portingales farme howses to get some freshe* ***vittaile*** *which I graunted..."*<br>*"...where they gotte some* ***vittaile****..."*<br>*"...greate Releef & the onelie place in Brasele for* ***vittaile****..."*<br>*"...wee shoulde releue our* ***vittailes*** *by salteinge of sailes & birdes..."* | |
| **vitualhas** | víveres |
| -- | |
| vitualhas: víveres, provisão de boca (DMA) | |

| *vnyarye* | *unyary* |
|---|---|
| *"...have bynn vppon the shore by Reason of her vnyarye workeing..."* | |
| **inativo** | -- |
| -- | |
| vnyarye workeinge: a palavra "unyary" é a forma negativa de "yare" (ativo, ágil), e pode ser um dos primeiros exemplos, relacionados a navios, de uma nau não controlável, não respondendo ao leme, e no contexto, tornando-se não dirigível. (DBQ) | |

| *watcheing* | *watching* |
|---|---|
| *"...with continuall **watcheing** pumpeing & baylinge..."*<br>*"...which were there **watcheing** nothinge but an oportunitie..."* | |
| **guarda** | -- |
| -- | |
| -- | |

| *waye our ankor* | *weigh our anchors* |
|---|---|
| *"...so as we we[re] noe more than able to **waye our Ankors**..."*<br>*"...the shippe were noe more then able to **waye our Ankors**..."* | |
| **levantar nossas âncoras** | -- |
| -- | |
| -- | |

| *wendinge* | *winding* |
|---|---|
| *"...as wee were almoste a ground in **wendinge**..."* | |
| **recolhendo (as âncoras)** | revolvendo |
| -- | |
| -- | |

*Parte II - Glossário de termos bélicos do manuscrito de Cavendish*

| | |
|---|---|
| ***bable diche*** | *bauble ditch* |
| *"... durste not land vppon a **bable diche** as they tearmed hit..."* | |
| **fosso de brincadeira** | vala que não serve para defesa |
| **"...**So silly Indians barter Gold and Pearls For **Baubles**..." (MEM)<br>"...Hunts-man hunteth wild beasts: whilest he either allureth them into **ditches** & pit-falls, and running them through..." (MEM) | |
| A expressão "bauble ditch" no linguajar de escárnio da época equivale a "Toy Ditch"(fosso de brinquedo), que não tem nenhum valor para defesa. (DBQ) | |

| | |
|---|---|
| ***burde bolte shotte*** | *bird bolt shot* |
| *"...a bove a **burde Bolte shotte** over..."* | |
| **flechada** | -- |
| -- | |
| Bird bolt: uma flecha com ponta contundente utilizada para caçar pássaros (OED) | |

| | |
|---|---|
| ***culveringe*** | ***culverin*** |
| *"... that beyond a poynte not a **Culveringe** shote of...."* | |
| **Colubrina** | **columbrina** |
| "Nos canos da columbrina, em primeiro lugar, introduzia-se a pólvora, e, em segundo a bala." (TFI) | |
| Canhão utilizado entre os séculos XVI e XVII. A palavra **Culveringe** deriva do Latim "coluber", que significa serpente.<br>Ela era de pequeno calibre relativo a seu comprimento e, devido a isto, de grande alcance. (YOB) | |

| | |
|---|---|
| ***demye culveringes*** | *demi culverin* |
| *"...be returned 2 **demye culveringes** of brasse..."* | |
| **meia colubrina** | -- |
| -- | |
| Meia colubrina, na opinião de alguns autores, tinha 31 embocaduras de comprimento e atirava balas de 15 a 20 libras e, segundo outros, tinham 27 embocaduras. (DMA)<br>meia colubrina, peça de artilharia mais comum encontrada em navios ingleses de guerra, era uma versão menor da colubrina. (TGL) | |

| *loope hole* | *loop hole* |
|---|---|
| *"...shotte in at the **loope hole** with their musketes..."* | |
| **seteira** | |
| *"... That not one of the towne do so much as appeare at their defences or loop holes..." (OED)* | |
| loop-hole: uma abertura estreita e vertical, geralmente alargada na parte interna, feita na parede ou em outra defesa para permitir a passagem de projéteis. (OED)<br>seteira: abertura longas e estreitas feitas em uma muralha, por onde se atiram setas contra os sitiantes. (DPA) | |

| ***musket, musketes*** | -- |
|---|---|
| *"...so as I Rode within **musket** shotte of the shore..."*<br>*"...then our men let flye theire **musketes** at them..."*<br>*"...shotte in at the loope hole with their **musketes**..."* | |
| **mosquete, mosquetes** | -- |
| -- | |
| mosquete: arma de fogo semelhante ao arcabuz, porém mais reforçada e pesada, sendo, por isso, necessário apoiá-la em uma forquiha para fazer fogo. (DMA) | |

| ***musket shotte*** | *musket shot* |
|---|---|
| *"...so as I Rode within **musket shotte** of the shore..."* | |
| **mosquetada** | tiro de mosquete |
| -- | |
| mosquetada: tiro de mosquete (DMA) | |

| ***sconce, sconces*** | -- |
|---|---|
| *"...betweene the two **sconces**..."*<br>*"...**sconce** was in highe somme 10 fote made of stone..."*<br>*"...knowinge the **sconce** on the wester side to be weaklie manned..."*<br>*"...Called to them in the **sconce** and willed them to forsake..."*<br>*"...Came owt of the **sconce** againe and retired to theire boote..."* | |
| **fortim** | -- |
| -- | |
| fortim: pequeno forte destinado a proteger um lugar estratégico (DAP) | |

***Parte III: Glossário de termos arcaicos e peculiares do manuscrito de Cavendish***

| | |
|---|---|
| ***bate*** | *abate* |
| *"...A sufficient revenge of the Portingal[es] for all their villanyes donne vnto vs, or that they woulde pynche & **bate** half the allowance they had before & so to goe for England..."* | |
| **diminuir** | racionar |
| **"...**He must either **bate** the laborer's wages, or not employ or not pay him." (WUD) | |
| Bate:to lessen by retrenching, deducting, or reducing; to abate; to beat down; to lower. (WUD) | |

| | |
|---|---|
| ***chefest, cheefeste*** | *chiefest* |
| *"...some of the **Chefest** of them desired me with teares in their eies..."*<br>*"...of the Master and **Cheefeste** of the Companye to retume home..."* | |
| **líder, líderes** | -- |
| **"...**And whosoever of you will be the **chiefest**, shall be servant of all..." (KJB) | |
| chiefest: muito comum no século XVI e XVII e ainda freqüente no uso literário (OED) | |

| | |
|---|---|
| ***gynne wheate*** | *guinea wheat, corn* |
| *"...they sent my Boote againe with **Gynne wheate** and .6. hennes..."* | |
| **milho** | -- |
| "... Boate againe laden with Sugar and Guinee Wheate..." (PSP) | |
| guinea wheat: um nome antigo do milho indiano. (OED) | |

| | |
|---|---|
| ***relefe, reliefe*** | *relief* |
| *"...by reason of there late **Releife**..."*<br>*"...they muste performe withowt **Relefe**..."*<br>*"...went backe againe for Porte Desire. a place of **Releife**..."*<br>*"...there was noe othere **Relefe** to be hadd..."* | |
| **descanso** | abastecimento, suprimento, reabastecimento |
| -- | |
| -- | |

| | |
|---|---|
| ***spoile,spoyle*** | *spoil* |
| *"...withowt vtter **spoyle** to vs all..."*<br>*"...the reste on lande **a spoyle** for the Indians..."*<br>*"...lefte those braue, men **a spoyle** for the Portingales..."* | |
| **destruição** | espólio, desgraça |
| -- | |
| spoil: um ato ou exemplo de destruição, estrago ou lesão. (OED) | |

| ***suffer*** | *Allow* |
|---|---|
| *"...so longe as the furies & westerlie wyndes woulde **suffer** vs..."* | |
| **permitir** | -- |
| -- | |
| suffer (archaic). to permit (CED) | |

*Parte IV: Glossário de termos geográficos do manuscrito de Cavendish*

| | |
|---|---|
| ***Brasele*** | *Brazil* |
| *"...onelie place in **Brasele** for vittaile & all other..."* | |
| **Brasil** | -- |
| -- | |
| -- | |

| | |
|---|---|
| ***Caba bona spe*** | *Cape of Good Hope* |
| *"...other by the waye of **Caba bona spe**..."* | |
| ***Cabo da Boa Esperança*** | -- |
| "...às parte das Índias até que se perdeu no cabo de Boa Esperança no ano de 1554..."(HTM)<br>"...the Desire set out on her long run to the Cape of Good Hope..." (DBQ) | |
| *Cape of Good Hope:* cabo no sudoeste da África do Sul, ao sul da Cidade do Cabo, *(ECD)* | |

| | |
|---|---|
| ***Ilande of Saynt Sabastion*** | *Island of Saint Sebastian* |
| *"...go backe againe to the **Ilande** of saynt sabastion..."* | |
| **Ilha de São Sebastião** | -- |
| "...e por volta das seis horas chegamos a ilha de São Sebastião..." (VFG) | |
| A ilha de São Sebastião foi descoberta por Américo Vespúcio, que tinha por objetivo batizar os lugares por onde passasse, do nordeste ao sul da costa brasileira. É uma das maiores ilhas costeira do Brasil com 346 km quadrados. (ILH) | |

| | |
|---|---|
| ***Porte Sa Iulian*** | *Port San Julian* |
| *"...**Porte Sa Iulian** is a barred harbor over which two of my Shippes woulde not goe..."* | |
| **Porto San Julian** | -- |
| -- | |
| -- | |

| | |
|---|---|
| ***Ryver of Plate*** | *River of Plate* |
| *"...I was passed to the Southwarde of the **Ryver of Plate**..."* | |
| **Rio do Prata** | |
| -- | |
| -- | |

| | |
|---|---|
| ***Saint elena, Sainte elena*** | *Saint Elena* |
| *"...Companye that I woulde goe for **Saint Elena**..."*<br>*"...I shewed them that I woulde beate for **Sainte Elena**..."* | |
| **Santa Helena** | |
| -- | |
| -- | |

| | |
|---|---|
| ***sainte vycent*** | *Saint Vicent* |
| *"...An ankar in the baye of **sainte vyncent**..."* | |
| **São Vicente** | |
| -- | |
| -- | |

| | |
|---|---|
| ***Spirictus Santus*** | -- |
| *"...bothe my Shippes over the barre, at **Spiritus Sanctus**..."* | |
| **Espírito Santo** | -- |
| -- | |
| spirictus santus: atualmente Vitória, Ilha de Espírito Santo (DBQ) | |

| ***Straighte, Straightes, Straightes of maggalanus, the Straightes of magalanus, Straightes of magalane*** | *Straight of Magellan* |
|---|---|
| *"...that in goinnge to the **Straightes of Magelanus** after I was passed..."*<br>*"...made my Course to the **straightes** warde but I was in Continuall daunger..."*<br>*".... in this weakenes wee departed for the **Straightes**..."*<br>*"...wee gate the **Straightes** in which tyme the men in my Shippe..."*<br>*"...the Costes of Brasele & the **straightes** beinge in distance not above 600..."*<br>*"...and the narrownes of the **straighte**..."*<br>*"...that there was two wayes thither the on thorroughe the **straighte**..."*<br>*"...Wee were beaten owt of the **Straighte** with a moste monsterous storme..."*<br>*"...so take a goode tyme of yeare and passe the **straightes**..."*<br>*"...at a seasonable tyme to haue gone for the **Straightes of Maggalanus**..."*<br>*"...if I hadd but named the **straightes** they would fourthewith haue fallen into a most extreme mutanye..."*<br>*"...to goe againe for the **straightes of Magalanus**..."*<br>*"...then in such case to goe for the **straightes**..."*<br>*"...if wee gotte thorrow the **straighte**..."*<br>*"...they woulde neuer goe agayne to the **straightes**..."*<br>*"...I woulde take anye other course: then to goe for the **straightes**..."*<br>*"...be gone for the **straightes of Magalane**"*<br>*"...for the **straightes** I could by noe meanes get..."* | |
| **Estreito de Magalhães** | -- |
| -- | |
| -- | |

### 3.3.2 Considerações sobre notas de rodapé da tradução do manuscrito de Cavendish

Devido às peculiaridades do teor do manuscrito de Cavendish (como o propósito de o corsário tê-lo escrito), a linguagem técnica naval e geográfica e a própria língua inglesa por ele empregada, julgamos conveniente enriquecer a tradução com notas de rodapé. Grande parte destas notas são traduções das mesmas notas que David Quinn utilizou em sua transcrição; outras são de nossa autoria com o intuito de elucidar ao leitor de língua portuguesa algumas citações que ele faz como, por exemplo, distâncias em léguas ou uma melhor descrição dos locais no Brasil que sejam familiares ao leitor brasileiro.

As notas não serão via de regra relacionadas com problemas tradutológicos (uma vez que esses estão sendo abordados em seções separadas), mas sim esclarecimentos relativos às informações contidas no relato de Cavendish que poderá contribuir para compreensão do leitor.

## 3.4 Possíveis soluções na tradução do manuscrito

Após termos discorrido sobre elementos secundários como a contextualização histórica do manuscrito, o linguajar nele contido, as palavras e expressões selecionadas no glossário e as notas de rodapé, faremos uma análise global, através da analogia com modelos propostos por estudiosos e de outras traduções relacionadas, no caso, as traduções do relato de Anthony Knivet feita por Guiomar Franco e Higino Pereira. Tais abordagens nos possibilitarão tecer um conjunto de estratégias e opções dentro do processo de tradução.

### 3.4.1 O estudo de modelos aplicados à tradução do manuscrito

Susan Bassnett, em sua obra *Translation Studies*[50], afirma que "*a tradução envolve a transferência do significado contido em um conjunto de sinais de linguagem para outro conjunto de sinais de linguagem.*" Em nossa tarefa de transferir o manuscrito de Cavendish, originalmente escrito na língua inglesa para a língua portuguesa, atentaremos para aspectos relacionados com elementos lingüísticos, temporais, culturais e específicos. Conseqüentemente a dificuldade maior que encontraremos será o problema de equivalência, discutidos nos comentários relativos a cada página traduzida do manuscrito.

Analisando a abordagem da tradução em diferentes períodos históricos da cultura ocidental, notamos uma característica comum em todos eles: a oposição presente entre a genericamente chamadas tradução "literal" e tradução "livre". George Steiner[51] afirma que "*qualquer tratado sobre a arte da tradução que se examine, a mesma dicotomia é colocada: entre 'letra' e 'espírito', entre 'palavra' e 'sentido'*". Ele sugere que estas polaridades clássicas são relacionadas à direção que uma tradução deve seguir, se deve parecer estranha ou soar natural. Abaixo destacamos alguns trechos do manuscrito que, em nossa tradução para o português, sofreu alguma alteração em favor do leitor:

> *my Shippes Rideinge withowt at Sea*
> "minhas embarcações navegando em alto-mar (p.2)", onde esclarecemos que os navios não se encontravam próximos ao litoral.
>
> *they woulde pynche & bate half the allowance they had before*
> "eles consumiriam somente metade da quantidade de ração que haviam recebido até agora (p. 35)", onde traduzimos a expressão "*pinch and bate*" de forma que a redução da ração servida aos marujos fique clara ao leitor.

Teóricos que tratam a tradução sob o ponto de vista sincrônico, como Hénri Meschonic[52] e Lawrence Venuti[53], fazem relação semelhante, embora tratem esta oposição por prismas diferentes. No caso específico de nosso trabalho, se tivermos a intenção de assumir o papel de um tradutor "invisível", conforme o modelo criticado por Venuti em sua obra "*The Translator's Invisibility*"[54], teríamos que adaptar o material original, pois segundo Venuti, o resultado obtido desta tradução invisível seria um texto com o efeito ilusório de transparência que causaria ao leitor a sensação de estar lendo uma obra "natural" e não "traduzida".

Como seria uma tradução "natural" do relato do corsário? Uma em que os elementos do universo de discurso não fossem "alienígenas", em termos culturais e lingüísticos, ao vocabulário do leitor? Venuti nos oferece respostas a esses questionamentos afirmando que tanto o texto original quanto sua tradução "*consistem de materiais culturais e lingüísticos diversos que nem o escritor nem o tradutor criam e que desestabilizam o trabalho de significância, inevitavelmente excedendo e possivelmente conflitando com suas intenções. Como resultado, um texto estrangeiro contém muitas possibilidades semânticas diferentes que são fixadas apenas provisoriamente em qualquer tradução, com base em pressupostos culturais variáveis e escolhas interpretavas dentro de situações sociais específicas e de*

*períodos históricos diferentes.(...) A viabilidade de uma tradução é estabelecida por sua condição cultural e social sob a qual ela é produzida e lida."*

Provavelmente a tradução do manuscrito que aqui apresentamos seja do tipo que Venuti defende. O tradutor do manuscrito neste trabalho não assume o papel de "invisível", pois a obra na língua de chegada incorpora vários elementos "alienígenos" ao universo de linguagem do leitor. Isto se deve ao próprio teor do relato do corsário como, por exemplo, as várias expressões e termos náuticos incomuns (ao leitor) empregados pelo corsário. Contudo, uma completa "estrangeirização" da tradução desse material poderia torná-la incompreensível em várias passagens.

Partimos da premissa de que a tradução aqui apresentada não tem nenhum compromisso com editoras. Isso nos oferece a liberdade de mantermos um trabalho com o mínimo de edição e adaptação, inclusive adicionando várias notas explicativas. Temos a concepção de que a tradução que aqui apresentamos seja adequada ao propósito acadêmico. Como seguramente esta é a primeira apresentação fiel do relato do corsário inglês ao leitor brasileiro, é nossa obrigação, como tradutores, esclarecer o máximo possível sua narrativa já que nos deparamos com vários aspectos, discutidos anteriormente, que fazem dela, mesmo em sua língua de partida (inglês), uma obra de difícil leitura.

Sob esta ótica, temos passagens do manuscrito que podem ter, em vez de uma tradução literal, uma tradução interpretativa, quando por exemplo, Cavendish usa termos arcaicos, pontuação pouco clara, sintaxe e tempos verbais confusos. Citaremos como exemplos os seguintes trechos do manuscrito:

> *these shippes beinge parted from vs wee little suspectinge of anye trecherie*
> Estes navios nos abandonando, suspeitamos pouco de qualquer traição (p.7bis)

> *knowinge verie well the whole Countrye was not able to preiudice them* (p.8)
> sabendo muito bem que toda a região não poderia oferecer-lhes perigo

Nos trechos acima tivemos que fazer adequações para que o texto em português ficasse claro ao leitor. Esse tipo de solução tradutológica tem o perfil de um dos dois tipos de abordagem que Schleiermacher sugere: aquela que traz o autor até o leitor, isto é, onde ocorre a

domesticação do texto original e facilita a compreensão do leitor. O outro tipo seria a preservação da diferença cultural e lingüística do texto original, fazendo com que o leitor seja levado até o autor e por conseguinte tornando a leitura do material tarefa que exige mais cuidados.

No caso do manuscrito em particular se tomássemos com diretriz esse último conceito de Schleiermacher, manteríamos inclusive os erros lingüísticos e a desorganização da narrativa de fatos que Cavendish apresenta em seu discurso, tornando a obra traduzida em português de difícil compreensão, além de preservarmos a tradução literal de expressões como "*moste lovinge frinde*", "*make discourse unto you*", "*by reason of there late Releife*" e "*my harte bleedes*".

Nosso trabalho situa-se entre esses dois modelos antagônicos: não "domesticamos" o texto produzido a ponto de ele perder sua identidade e teor nem apresentamos traduções de trechos que o torne de difícil compreensão ao leitor. Com a inserção de explicações, clarificação da sintaxe e a adição de notas explicativas acreditamos que nossa produção assemelha-se ao modelo de tradução sugerido por Eugene Nida[55], que propõe uma tradução dinâmica onde os ajustes só devam ser feitos "*quando uma tradução literal, ou muito próxima, resultar em expressão sem sentido ou em introdução errada*", esta sendo uma diretriz adequada para o texto que aqui apresentamos, com comentários sobre as decisões tomadas na escolha das palavras e expressões em português.

Uma peculiaridade da narrativa de Cavendish em determinadas passagens é a falta de clareza em relação ao sujeito da ação. Percebemos que seria nossa tarefa incluí-lo em nosso trabalho em português, como os seguintes exemplos:

> *the Roobucke and* ***my self*** *held our Course for Brasele*
> O Roebuck e **meu navio** mantiveram nossa rota ao Brasil (p.7bis)

> *for the portes where* ***their towns*** *stand were all barred harbors*
> pois todos os portos onde ficavam as **cidades dos portugueses** eram todos portos de barra (p.13)

> *I haue taken order with the* ***Master of my shippe*** *to se[e] his peeces of ordinance to be deliuered to him,* ***for he knowethe*** *them, and if the Roobucke be not returned, then I haue*

*appointed* ***him*** *to deliver* ***him*** *two brasse peeces owt of this shippe which I praye see performed*
Ordenei ao mestre de meu navio, **Steven Seaver**, que veja suas peças de artilharia serem entregues a ele, **já que Sir Carey as conhece**. Caso o Roebuck não retorne, então designei **Seaver** para entregar a **Sir Carey** duas peças de bronze deste meu navio, o que rogo ver realizado (p.38)

Como se nota nas passagens acima, Cavendish não teve a preocupação de deixar explícito a quem se referiam os pronomes "*they*" ou "*him*". Tentamos também enquadrar trechos da obra de acordo com a classificação da tradução elaborado por Diva Camargo[56] onde ela aponta 3 modalidades do ato tradutório: a tradução literal, onde as palavras e seqüências de tradução apresentam uma estreita correspondência lexical e têm exatamente a mesma ordem e estrutura gramatical; a transposição, onde há a ocorrência de mudança da classe gramatical, fusão, desdobramento ou inversões de ordem, sem alterações no estilo ou no sentido; e a modulação, onde ocorrem alterações semânticas ou estilísticas mais ou menos profundas, apesar de manter uma identidade quanto a situação. Como exemplos da tradução do manuscrito, temos os seguintes:

a) Tradução literal:

"*whom to name my harte bleedes I meane my Coussen Cocke*"

"*um dos quais em citar meu coração sangra; me refiro a meu primo Cocke*"

b) Transposição:

"*Sir Henrie Palmer adventured 20li praie seen hym annswered*"

"*Sir Henry Palmer investiu 20 libras. Rogue vê-lo satisfeito*"

c) Modulação:

"*my Shippes Rideinge withowt at Sea*"

"*minhas embarcações navegando em alto-mar*"

Elaborando uma classificação própria dos trechos em que recorremos à tradução não literal do manuscrito, poderíamos agrupá-los em quatro grupos distintos e com características próprias quando traduzidos para o português. Eles seriam:

<u>Grupo 1:</u> Tradução não literal onde empregamos expressões ou palavras correspondentes no português ou onde haja alteração da informação para a melhor compreensão do leitor. Apesar de as palavras ou expressões constantes nestes trechos terem uma palavra ou expressão

correspondente no português, optamos por utilizar uma outra que ilustre a narrativa do corsário de modo mais explícito ao leitor de língua portuguesa, de modo que a idéia que ele tenta transmitir seja preservada. Citamos alguns trechos como exemplos:

*but I moste vnfortuna[te] villaine* (p.2)
Mas eu (o mais desgraçado)

*knowinge verie well the whole Countrye was not able to preiudice them* (p.8)
sabendo muito bem que toda a região não poderia oferecer-lhes perigo

*said that beyond a poynte not a Culveringe shote of* (p.8)
a uma distância não maior que um tiro de colubrina

*for the Ryver is all Ose* (p.11)
pois o rio tinha muita lama

*for there Ryseth not a bove a fote of water* (p.11)
uma vez que a profundidade da água não era superior a um pé

*we were Constrained to let our Revenge passé* (p.11)
fomos forçados a deixar de lado nossa vingança

*our greate wantes did Constraine vs to seeke some Course of relefe* (p.12)
nossas extremas necessidades nos forçavam a procurar um caminho para reabastecimento

*a place indede of greate Releef* (p.13)
um local na verdade para excelente reabastecimento

*and further wee see all the Countrey to be fired rounde abowt* (p.16)
Além do mais, vendo que os moradores daquela região tinham armas

*I seeing there greate Importunitie was Contented to give theme leave to goe* (p.17)
Notando que a grande perturbação deles havia sido satisfeita em dar-lhes minha permissão para partirem

*some of hare braine sailers begane to sweare* (p.19)
alguns marujos precipitados começaram a afirmar

*desired nothinge more then to returne home* (p.23)
desejou nada mais do que retornar à Inglaterra

*at that present laye a borde my shippe* (p.24)
naquele momento encontrava-se enfermo no meu navio

*perceiveinge me to goe roundelie to worke with him* (p.29)

percebendo que eu ia claramente lidar com ele

*my spirit was Cleene spent* (p.35)
meu ânimo estava totalmente exaurido

*see hit paid* (p.36)
providencie que ela seja paga

*for I alwayes promised hym her if shee returned and a little parte of her getinge* (p.37)
(para quem já o havia prometido se ele retornasse) e pequena parte do que traga consigo

Grupo 2: Tradução não literal de trechos onde alteramos a sintaxe, pontuação e tempos verbais para uma melhor adequação à língua portuguesa. Grande parte da pontuação que empregamos no relato traduzido para o português foi baseada na pontuação empregada na edição de Samuel Purchas. Alguns exemplos:

*and our Shippe in daunger to sinke in the sea 3 tymes which with extremitie of mens labor wee recovered* (p.2)
nosso navio na iminência de afundar no mar por 3 vezes foi recuperado com o árduo trabalho de nossos homens

*these shippes beinge parted from vs wee little suspectinge of anye trecherie* (p.7bis)
Estes navios nos abandonando, pouco suspeitamos de qualquer traição

*beinge in this case alwaies expectinge the cominge of the Portingales* (p.30)
Encontrava-me nesta situação, sempre esperando a chegada dos portugueses

*withowte more lose of men which I had noe neede of, for I had not lefte above 90 men or little over, I notwithstandinge my wantes of woode & water & my bote beinge not sufficientlie mended was in noe possibilitie to doe me pleasure, in this case was I forced to departe, fortune neuer ceaseinge to laye her greateste aduersities vppon me* (p.32)
sem a perda de mais homens (o que seria desnecessário); por não me restar mais que 90 homens, eu não suportando minha falta de madeira e água e meu barco (não estando suficientemente reparado) não podendo me servir nesta situação, fui forçado a partir; o destino nunca deixando de me cobrir com grandes adversidades.

*I thancke my god that in endinge of me he hath pleased to Ridde me of all furder troble* (p.36)
Agradeceria meu Deus se no meu fim ele tivesse se contentado em livrar-me de mais transtornos

Grupo 3: Tradução não literal de trechos onde incluímos algum tipo de informação tanto pelo fato de Cavendish não deixar claro a quem ele se refere quanto ao próprio processo de transferência da equivalência para a língua de chegada, onde a tradução literal não seria capaz de transmitir a idéia do texto original. As seguintes passagens ilustram esse tipo de recurso:

> *beinge sore hurte in 3 places* (p.10)
> tinha ferimentos em 3 partes do corpo
>
> *I knowing Righte well that if they landed not they coulde receave noe preiudice for if their*
> *shippes hadd bynn able to have withstoode them it was in their power to goe from them beinge starke Calme* (p.17)
> Eu sabendo bem que se eles não descessem a terra eles não poderiam sofrer prejuízo, se seus navios pudessem suportá-los, fugir dos portugueses, dependeria da capacidade de meus homens, estando o mar calmo
>
> *some havinge 3 arrowes stickeinge in them some 2* (p.20)
> alguns deles com 3, outros com 2 flechas no corpo
>
> *I haue taken order with the Master of my shippe to se[e] his peeces of ordinance to be deliuered to him, for he knowethe them, and if the Roobucke be not returned, then I haue appointed him to deliver him two brasse peeces owt of this shippe which I praye see performed* (p.38)
> Ordenei ao mestre de meu navio, Steven Seaver, que veja suas peças de artilharia serem entregues a ele, já que Sir Carey as conhece. Caso o Roebuck não retorne, então designei Seaver para entregar a Sir Carey duas peças de bronze deste meu navio, o que rogo ver realizado

Um outro recurso ao tradutor seria a emulação de um português antigo na obra traduzida para se obter o mesmo efeito que o texto original causa em leitores que têm como língua-mãe o inglês contemporâneo. Seria a tentativa de recriar a atmosfera do inglês seiscentista contido no manuscrito através da utilização de um português arcaico.

Paulo Ronai cita em sua obra "A Tradução Vivida"[57] que "*o caso mais conhecido é do nosso Tristão da Cunha, que no prefácio de sua famosa tradução do Hamlet afirma que a linguagem devia evocar a atmosfera da época. Haveria tanto anacronismo em fazer falarem a de hoje personagens do teatro da Renascença, quanto em tratar de coisas do nosso tempo em discurso seiscentista.*

*A esse raciocínio pode-se replicar que aos ouvidos das personagens seiscentistas a língua de Shakespeare soava natural e nada tinha de arcaico.*"

Selecionamos um trecho da obra "*Um Manuscrito Náutico Seiscentista Reencontrado*"[58] para ilustrar o efeito que uma tradução desse gênero causaria a um leitor de língua portuguesa contemporâneo:

"*Esta ylha com o dito Cabo de Santo Aleixo se emfia quasy ao susueste tocando da 4ª de leste, e parecia limpo e alto mas não se pode çondar e emtre estes baixos não podem faltar canais de bastante fundo e largura mas como sejão tão mal assombrados e não sejão çondados não faço delles menção, alembrando que a nenhum nauio que não seia carauela ou galiota conuem meterçe entre elles e a costa ainda que o fundo pareça bastante, porque sendo todo de lama solta e os baixos tantos facilmente piriguirá. (...) ao longo nauegas veras hua terram bem alta e cortada a pique chea de aruoedo, e fas hum modo de escada tão alcatelada que hum tiro de espingarda da terra são 16 e 17 braças de lama. (...) Nestas ylhas de Querimba não ha onde possão entrar embarcações mais que na Ylha de Ybo e ande ser embarcaçõis que demandem quatro ou sinco braças de agoa o mais.*"

Rónai em sua obra[59] conclui que "*esse tipo de tradução, de inegável virtuosismo, tem antes um valor de curiosidade que o de uma versão eficiente.*" Não seria de nossa competência traduzir o manuscrito em questão para um português arcaico e, tendo como justificativa a dificuldade de compreensão, não utilizaríamos tal recurso. Da mesma forma não seria uma solução interessante a que aponta a um recurso diametralmente oposto a este, o da utilização de um discurso altamente legível com uma modernização estilística que poderia dissolver a atmosfera da obra original.

A coletânia de narrativas de viagens marítimas portuguesas contida na obra "História Trágico Marítima"[60], serve como outro modelo útil para o tradutor. Está redigida com ortografia moderna, contudo mantém várias palavras e expressões arcaicas, que muitas vezes faz o leitor a recorrer a notas explicativas, embora nem todas estas palavras ou expressões que possam ser potencialmente estranhas ao grande público tenham sua definição explicitada por tais notas. Nota-se tal característica nesta passagem:

"*(...) e o piloto, por lhe fazer a vontade, o fez; pela qual razão foram ver a Terra do Natal e, estando à vista dela,* ***se lhe fez o vento bonança****, e foi correndo a costa até ver o cabo das Agulhas,* ***com prumo na mão e sondando****; eram os ventos tais, que um dia*

*ventava levante, outro se levantava poente. E Sendo já em onze de Março, eram nordeste e sudoeste, com o Cabo de Boa Esperança vinte e cinco léguas ao mar, ali lhe* ***deu o vento oeste e o és-noroeste com muitos fuzis****. E sendo perto da noite o capitão chamou o mestre e o piloto e lhes perguntou que deviam fazer com aquele tempo, pois lhe* ***era pela proa, e todos responderam que era bom conselho arribar****.*
*As razões que davam para arribar foram que a nau era muito grande e muito comprida, e ia muito carregada* ***de caixaria e de outras fazendas****, e não traziam outras velas senão as que traziam* ***nas vergas****, que a outra* ***equipação*** *levou um temporal que lhe deu na* ***Linha*** *e estas eram tão rotas que se não fiavam nelas; e que se parassem,* ***e o tempo crescesse****, e lhes fosse necessário* ***arribar****, (...)* ***os papa-figos*** *grandes ambos baixos, porque dando-lhe somente a vela de proa, era tão velha que estava mui certo levar-lha* ***o vento da verga****, pelo grande peso da nau e, ambos juntos, um ajudaria ao outro. E vindo assim arribando, (...)* ***meteu tanto mar*** *que cada balanço que o galeão tomava parecia que o* ***metia no fundo****.*

A narrativa segue com palavras e expressões tais como: "*três machos do leme*", "*so-os polegar*", "*traquete de proa*", "*os aparelhos e costeiras da banda de bombordo*", "*mar muito grosso*", " *polés das coroas*", "*a gávea e enxárcia*", "*aparelhos e enxárcia da outra banda*", "*mastaréu*", "*entena*", "*arreataduras papa-figo*" e " *verga grande*". Como também nos deparamos com termos náuticos em nosso trabalho, optamos por incluir um glossário e notas de rodapé de modo a elucidar tais expressões ao leitor.

### 3.4.2 As soluções de Guiomar Franco e Higino Pereira do relato de Anthony Knivet aplicadas no manuscrito

O marujo Anthony Knivet participou da mesma viagem de Cavendish em 1591 e produziu um relato, que foi alguns anos depois publicado por Samuel Purchas. Esse relato foi traduzido para o português por Guiomar Franco em 1945 e por Higino Pereira em 1878 e nos servem como modelo para aplicarmos ao relato de Cavendish, uma vez que narra a mesma viagem (com certas divergências que abordaremos nas notas de rodapé) e tem como texto original o editado por Purchas. Enquanto a obra de Franco foi vertida diretamente do original

em inglês, o de Pereira foi escrito a partir a tradução para o holandês publicada por Peter Von Aa em 1707.

A tradução de Guiomar Franco é fluente e ao mesmo tempo literal, seguindo fielmente a edição de Purchas. Nota-se que o texto original de Knivet contido no *Pilgrims* apresenta uma melhor organização do que o texto original de Cavendish. Seu trabalho é acompanhado de uma introdução informativa, que contextualiza a obra e prepara o leitor para um melhor entendimento do relato do marujo. Ambas traduções possuem inúmeras notas de rodapé, que ilustram de forma mais aprofundada a narrativa de Knivet. Para o público brasileiro talvez a obra de Guiomar Franco seja bem mais assimilável que a obra de Pereira, pelo fato de ter sido escrito recentemente no português atual do Brasil; em contra-partida, temos o trabalho de Pereira que foi escrito em Portugal no fim do século XIX.

Apresentaremos um trecho do relato de Knivet e as respectivas traduções de Guiomar Franco e Higino Duarte Pereira para tecermos algumas considerações a serem aplicadas na tradução do manuscrito de Cavendish:

"*After the Generall had sent answere againe to the Towne, all the Portugals were set at libertie, and we fortified our selues in the Towne, keeping onely seuen or eight of the chiefest and principall prisioners, Master Cooke Captaine of the Vice-admirall, went Captaines and young Gentlemen. It was my chance going up and downe from Cell to Cell, that I looked under a bed standing in a dark hole, where I found a little chist fast nayled, and the seames thereof were white with wheat flower. I drew it forth, and finding it of great waight, broke it in pieces, wherein I found 1700. Rials of eight, each whereof contayneth foure shillings English. This hole I tooke for my lodging and no man knew of my good purchase: cloth, shirts, blankets, and beds, and such stuffe no man regarded.*"(Purchas, 1.625: 1203).

Encontramos a seguinte tradução feita por Franco:

"*Depois que o general mandou resposta de volta à cidade, foi dado liberdade a todos os portuguêses, e nos fortificamos na cidade, conservando apenas sete ou oito dos mais importantes e principais prisioneiros; o senhor Cocke, capitão da nau vice-almiranta, ficou como capitão de tôda a companhia que descera em terra; êle favoreceu me*

*muitíssimo e ordenou-me que tomasse a cela de um religioso para alojar-me, no Colégio de Jesus, onde êle mesmo se instalou com muitos capitães e jovens fidalgos. Foi destino meu, indo de cá para lá, de cela em cela, ter olhado casualmente debaixo de uma cama colocada num canto escuro, onde encontrei um pequeno cofre, bem fechado a pregos, cuja fendas se esbranquiçavam como farinha de trigo. Puxei o para fora, e achando-o muito pesado, rebentei-o, encontrando dentro mil e setecentos reais de oito, cada um dos quais vale quatro chelins ingleses."*
(Guiomar Franco, 1.945 : 22-23)

Para o mesmo trecho, o Dr. Higino Pereira dá a seguinte tradução:
"*Saqueada a cidade e ordenadas as nossas forças, levou-se ao conhecimento do general o que se havia feito, e , tendo elle transmittido suas ordens e instrucções, foram libertados todos os portuguezes, menos sete ou oito dos principaes que ficaram presos. Fortificámo-nos na cidade. O Sr. Cocke, capitão da vice-almiranta e da gente que desembarcára, veiu adiante.*
*Mostrou-se muito benévolo para comigo o Sr. Cocke, e permittiu-me assistir em uma das celas do convento dos jesuítas, onde elle mesmo, vários capitães e mancebos nobres se foram alojar. Investigando eu todos os recantos das cellas, succedeu uma pequena caixa que alli estava bem pregada e tinha os ângulos orlados de veludo branco.*
*Puxando-a para mim, vi que pesava bastante; despreguei-a, a encontrei n'ella mil setecentas piastras, valendo cada piastra quatro schellings inglezes"* (Pereira, 1878: 191)

Nota-se que a tradução de Guiomar Franco utiliza-se de um português mais familiar ao leitor brasileiro e que segue o texto de Purchas literalmente. O de Pereira, talvez por ser uma tradução de uma tradução, consideraríamos como uma interpretação. Tomamos como diretriz o perfil do trabalho de Guiomar Franco: incluiremos notas explicativas, uma introdução relativa à vida de Cavendish e onde for possível produziremos uma tradução literal.

Ao longo da narrativa de Cavendish, notaremos passagens que serão de interpretação dúbia, iguais a seguinte encontrada no relato de Knivet:
"*where I found a little chist fast nayled, and the seames thereof were white with wheat flower*".
Guiomar Franco nos oferece a seguinte solução:

"*onde encontrei um pequeno cofre, bem fechado a pregos, cuja fendas se esbranquiçavam como farinha de trigo*".

Pereira em sua retradução escreve:

"*investigando eu todos os recantos das cellas, succedeu uma pequena caixa que alli estava bem pregada e tinha os ângulos orlados de veludo branco*".

Em uma passagem semelhante em nosso trabalho, destacamos a que Cavendish escreve: "*as wee were almoste a ground in wendinge*" (o verbo "winding" pode ser relativo a recolher âncoras ou volver com o navio) e "*I had bynn Constrained ethe[r] to haue suffered violence*" (não é claro se ele realmente sofreu algum tipo de violência).

Pela própria natureza de nossa análise discutiremos as possíveis soluções para passagens como esta, em que o autor não se expressa claramente e o tradutor, talvez por não compreender ou não considerar relevante a informação, a suprime em seu trabalho. Como quando Knivet diz "*we seeing them, made a shot at them with the chaine of our pumpe*", Franco simplesmente traduz como "*avsitando-as, lhe demos uma descarga*" e Pereira "*vendo os nossos subirem o rio, sahiram ao seu encontro em seis canôas; mas, tanto que os nossos atiraram*".

No que diz respeito a tradução de nomes próprios, tarefa que durante o trabalho com o texto de Cavendish será constante, Franco opta por traduzir o máximo possível (como, por exemplo, "*Porto da Fome*", "*Bertioga*", "*Porto Desejado*") e Pereira mantém vários iguais ao original, traduzindo somente aqueles que tenham sua existência conhecida no português.

Notamos que a versão de Pereira contém algumas omissões de frases inteiras do original e que tal edição do texto original pode ter sido feita por Van Der Aa em sua versão holandesa. Quando Knivet escreve "*our long Boat*", Pereira traduz como "*a lancha ou batel grande*", tornando a interpretação um pouco confusa para o leitor. Tentamos evitar esse tipo de tradução, apresentando um glossário para maior esclarecimento do termo a ser traduzido.

### 3.4.3. Uma adaptação do manuscrito de Cavendish

Analisaremos nesta seção uma outra abordagem para a tradução do manuscrito de Cavendish onde teríamos um modelo voltado ao grande público. Ele foi escrito pelo jornalista Eduardo San Martin e faz parte da coletânea "Terra à Vista"[61]. Tal obra, "O Erro de Thomas Candish", é na verdade a narrativa do corsário, editada, adaptada e acrescentada de alguns dados fictícios.

Martin é também autor do livro "A Viagem do Pirata Richard Hawkins"[62], uma adaptação do relato original de Hawkins encontrado na coletânea "*Pilgrims*" de Samuel Purchas e que descreve a trajetória do corsário, contemporâneo a Cavendish, pelas costas das Américas. Teve um final igualmente trágico ao de Thomas Cavendish.

O jornalista Jean Marcel França do jornal O Estado de São Paulo[63] faz a seguinte crítica, a qual estamos de pleno acordo, à obra de San Martin:

*"O livro A Viagem do Pirata Richard Hawkins pretende ser uma "imitação ou desenvolvimento" desse importante documento do primeiro século da expansão marítima. Adverte-nos o tradutor/autor que tomou certas 'liberdades linguísticas' na sua versão, pois, como salienta, uma tradução literal 'inviabilizaria o prazer da leitura' e tornaria o livro 'chato, acadêmico, cheio de notas e apêndices'.*

*Tais considerações, sem dúvida, merecem alguns reparos.*

*De saída, é preciso dizer que, ao contrário do que sugere San Martin, a leitura da versão original do relato de R. Hawkins está longe de ser enfadonha, enfadonhas chegam a ser, sim, as passagens 'didáticas/explicativas' introduzidas pelo tradutor na sua versão, passagens que retiram em muito a dinâmica da história narrada e por vezes soam como uma excrescência no texto. Em segundo lugar, é questionável a afirmação de que algumas notas - ao menos as que indicassem onde o tradutor promoveu acréscimos e mudanças substanciais no original - e um maior cuidado na edição tornariam o livro 'chato e acadêmico'. Tais alegações, a tomar pelo resultado, soam como uma desculpa pouco convincente para a falta de rigor.*

*Em terceiro lugar, e finalmente, ainda que não colocasse as tais notas, o tradutor não estaria dispensado, em se tratando de uma versão com pretensão a ser 'um documento*

*completo e singular', de indicar com mais precisão a edição que utilizou, de escrever uma introdução sobre o viajante e a sua viagem que fosse além da biografia sumária de Hawkins que aparece no início do livro e de, no mínimo, colocar à disposição do leitor interessado uma bibliografia de apoio. Nada disso, porém, foi feito, e San Martin, sob a alegação de transformar o relato numa "literatura de aventura" e de atrair leitores não especializados, acabou por desperdiçar uma excelente oportunidade de colocar à disposição dos interessados (leigos e especialistas) uma versão confiável desse pitoresco e instrutivo documento quinhentista - que ainda aguarda uma boa edição em língua portuguesa.*

Notamos que Martin escreveu a história de Cavendish seguindo as mesmas diretrizes. Sua narrativa em primeira pessoa (igualmente ao manuscrito original, é Cavendish quem narra os acontecimentos) apresenta em algumas passagens uma certa distância da obra original, como as seguintes:

*"Nossos barcos Davis e Desire perderam-se durante a noite e nunca mais ouvimos falar neles. (...) Os homens do Davis queriam me tirar do comando à força."*[64]

Nesse trecho houve uma desatenção de interpretação em relação ao relato original, pois "Davis" não era um barco, mas sim o comandante de uma das embarcações da esquadra. Ele também cria personagens fictícios que em nenhum momento Cavendish cita em seu relato, assim como atribui pensamentos ao corsário que chegam a ser o oposto do que ele descreve no manuscrito:

*"Eu garanti que não havia suspeita de traição. Era melhor esquecê-los, retomando nossa viagem. Ainda tínhamos duas escunas, o Victor, sob minhas ordens, e o Roebuck, pilotado por Jay Powys, o galês."*[65]

*"Os homens do Roebuck sobreviveram porque se trancaram no porão do navio durante a tempestade, racionando a água e a ração diária. Só subiram ao convés quando o mar se acalmou. Mesmo assim, dois bons homens – Theo e Lucas – foram tragados pelas ondas quando se arriscaram a subir na mezena para amarrar uma vela feita com todas as roupas e panos que encontraram"*[66].

Cavendish em seu relato tem certeza de que Davis o havia traído e em nenhum momento ele cita a escuna "Victor" nem o piloto "Jay Powys". Da mesma forma não

encontramos nenhuma referência a esses no relato de Anthony Knivet e John Janes. Ele cita que um subalterno (Capitão Barker) lhe desacata e o próprio teor do manuscrito demonstra que de maneira alguma isso teria ocorrido:

> *"Barker ficou possesso, dizendo que eu era o mais estúpido de todos os capitães da Inglaterra, pois agora achava que aquele índio idiota era muito esperto. Eu tentei acalmá-lo com um elogio, dizendo que ele, Barker, era o homem em quem eu mais confiava no navio e meu segundo comando da tripulação. Ele não se impressionou muito. Saiu da cabine arrastando o índio pelo braço e praguejando contra aquela que me pôs no mundo."*[67]

Tal passagem sugere que Cavendish não era o comandante supremo da expedição e que sua índole permitiria tal tipo de tratamento (o que, analisando seu manuscrito, nos parece ser bem diferente da que Martin ilustra). Contudo, desprezando essas distorções, intencionais ou não, que encontramos na obra de Martin, percebemos que ela é de fácil leitura e não apresenta nenhuma dificuldade interpretativa ao leitor. A parte em que Cavendish se refere ao ataque à barra do Espírito Santo e que julgamos ser uma das menos claras em seu manuscrito, devido aos problemas que mencionamos quando analisamos o material a ser traduzido, é apresentada da seguinte maneira no conto "O Erro de Thomas Candish":

> *"Meu 'cockboat' e os outros barcos partiram com cerca de 80 homens armados o melhor possível para cumprir uma missão daquela natureza. Ao entrar na baía, ficaram inconsoláveis ao constatar que, durante a noite, os portugueses tinham afastado seus navios para bem longe no porto, entrando em um rio que ficava a meia milha ou um tiro de passarinheira da cidade".*[68]

Martin traduz "*bird bolt shot*" como "passarinheira", termo que não localizamos em nenhum registro como arma de caça. Temos a impressão de que o autor tenha recorrido a um neologismo.

> *"Nas suas margens relativas altas, tinham construído duas trincheiras com pequenas guaritas de pedra. Passando a muralha erguida em cada lado da boca do rio, havia uma mata densa e, bem na altura da água, umas pedras enormes dificultavam qualquer abordagem. Se alguém tentasse atacar as trincheiras pelo rio, os portugueses poriam mil homens em retirada só jogando pedras morro abaixo.*

*O sentinela da margem sudoeste atirou uma ou duas vezes assim que viu um dos nossos barcos. A tripulação foi pega de surpresa, procurando os navios que desapareceram da barra. Os homens hesitaram e começaram a discutir entre si o que deveriam fazer. O capitão Morgan afirmou que a boca do rio era muito estreita e não haveria como passar por sem risco de serem atingidos ou de baterem nas pedras das margens. Ele optou por um curso de ação que levava em conta o grande número de homens sob o comando e também as ordens que eu lhe dera: encontrando qualquer perigo, deveriam voltar a bordo. Morgan me garantiu que não iria adiante sem receber minhas futuras instruções.*

*O capitão Morgan lembrou minhas palavras aos marinheiros, mas alguns cabeças-duras começaram a praguejar, dizendo que sempre consideraram Morgan um covarde que fingia sofrer de diarréia para fugir da briga, quando na verdade se cagava de medo de tudo. Para aqueles bocas sujas, Morgan não tinha coragem para prosseguir e levar o assalto até o fim. Por isso, ficava falando bobagem sobre uma muretinha na boca do rio."*[69]

No trecho acima notamos que houve um erro claro de interpretação por parte de Martin em relação ao termo "*bauble ditch*" quando ele diz que "ficava falando bobagem sobre uma muretinha" e quando ele se refere a "*sconce*" como "sentinela".

De qualquer forma sua narrativa sobre o ataque à barra é clara e, apesar de conter imprecisões quanto aos fatos reais relatados por Cavendish, fica evidente ao leitor o papel desempenhado pelos portugueses e pelos ingleses naquele confronto. Também notamos que Martin possivelmente utilizou a edição de Purchas como material original para escrever seu conto, pois ele trata John Cock, primo de Cavendish, como Richard Locke, grafia errônea que consta naquele documento.

Martin permite-se a também descrever um inverossímil destino a Thomas Cavendish:

"*Eu, trancado atrás das grades onde transportávamos cavalos, fui forçado a voltar para a Inglaterra humilhado e destituído de qualquer direito, pobre e fracassado, prisioneiro dos meus próprios homens. Mal podia imaginar que o pior de tudo ainda estaria por acontecer. Perdi três navios nessa viagem e, assim que pisei na Inglaterra, passei a ser perseguido pelo senhor Hetton, chefe aduaneiro de Hampton, e por um tal de Elliot de*

*Ratcliffe, que financiou uma quarta parte da minha companhia. Harris vendeu a escuna e pagou a maioria das minhas dívidas.(...) Revogaram minha licença de marinheiro e também perdi meus direitos comerciais, sendo proibido de manter qualquer interesse ou participação em companhia de marinha mercante. Essa nada edificante aventura pelos mares do sul fechou as portas dos sete mares para mim. Em vez de destacar e decantar minhas glórias navais do passado, preferi confessar aqui humilde e honestamente, as desgraças, infortúnios e adversidade que se abateram sobre mim, desde que cruzei o Estreito de Magalhães, no nefasto ano de 1608. Engoli meu orgulho para dizer a verdade e fazer o último pedido do fundo do coração a todos que lerem até o fim: acreditem na minha versão dos acontecimentos e não repitam os meus erros ao escolherem seus homens de confiança."*[70]

## 4. A Tradução do manuscrito de Cavendish

Fazendo uma analogia entre as características do texto original em inglês com o texto traduzido aqui apresentado em português e o texto de Eduardo San Martin que comentaremos mais a frente, teríamos a seguinte relação:

| *Manuscrito original de Cavendish* | *Tradução acadêmica do manuscrito de Cavendish aqui apresentada* | *Tradução comercial do manuscrito de Cavendish* |
|---|---|---|
| • Inglês seiscentista (*Early Modern English*). | • Português moderno, contudo sem coloquialismos. | • Português moderno, contudo sem coloquialismos. |
| • Pontuação e sintaxe confusas. | • Pontuação e sintaxe claras. | • Pontuação e sintaxe claras. |
| • Narrativa confusa, muitas vezes sem maiores esclarecimentos ao leitor. | • Narrativa clara, com esclarecimentos ao leitor com a inclusão de informações no próprio relato somente quando necessário. Maiores esclarecimentos através de notas explicativas. | • Narrativa clara, com esclarecimentos ao leitor através de inclusão de informações no próprio relato. Evita-se a inclusão de notas explicativas. |
| • Narrativa destinada a uma só pessoa, no caso George Carey, testamenteiro de Cavendish. | • Narrativa com propósitos acadêmicos. | • Narrativa destinada ao público em geral. |

Apresentaremos nesta seção um modelo de tradução do manuscrito de Cavendish acrescido de comentários sobre as estratégias, dificuldades e peculiaridades relativas a cada página. É óbvio que este não é um modelo definitivo pois após todas as discussões que levantamos anteriormente, consideramos que o texto original possa ser vertido ao português através de inúmeras traduções ou adaptações, conforme o objetivo estabelecido pelo tradutor.

Julgamos que esta proposta de tradução possa ser o ponto de partida para diversas outras versões na língua portuguesa sendo que inclusive proporemos em uma próxima seção

outra abordagem tradutológica do relato do corsário, onde o tradutor poderá ter uma liberdade interpretativa maior na elaboração de um texto em língua portuguesa.

Mantivemos as notas explicativas que David B. Quinn acrescentou em seu trabalho de compilação e acrescentaremos mais algumas de modo a ilustrar com maior clareza as passagens narradas pelo corsário ao leitor brasileiro. Nossas notas estarão discriminadas com a indicação "(N. do T.)".

Devido à confusa pontuação do manuscrito em várias passagens, seguiremos a versão editada por Purchas ou utilizaremos uma pontuação que seja adequada à fluência de sua narrativa em português. Também nos utilizaremos de uma tradução lado a lado com a versão original para facilitar o processo de analogia entre os dois textos. As partes das palavras que se encontram entre chaves se referem a partes danificadas do manuscrito original e foram completadas também a partir da edição de Purchas.

Indicaremos a numeração das páginas originais do manuscrito no canto superior esquerdo de cada folha. Nota-se que como Cavendish utilizou o verso da folha 1 e 2, a classificá-la-emos como "1v" e "2v" respectivamente para numerá-las. Cavendish também não numerou a página entre a de número 7 e 8. Tal página classificaremos de "7bis".

David Meagher reescreveu partes do manuscrito em um inglês atual e estaremos utilizando também seus escritos para melhor definir as expressões de Cavendish. Acreditamos que a divisão do manuscrito por meio de subtítulos auxilie o leitor quanto à seqüência de fatos narrada pelo corsário, assim como a apresentação da tradução, lado a lado, para efeito de analogia entre os dois textos.

## 1 - A deserção do Capitão Davis

| | |
|---|---|
| *Moste lovinge frinde, there is nothinge in this* | Amigo tão amado, não há nada neste |
| *worlde that makes a truer triall of frindeshippe* | mundo que componha a mais verdadeira prova de amizade |
| *then at deathe to shew myndefullnes of love and* | do que na morte demonstrar o coração cheio de amor e |
| *frindshippe which nowe you shall make a perfect* | amizade, a qual agora tu terás uma perfeita |
| *experience of, desiringe you to holde my loue* | experiência: desejo que tu guardes minha admiração |
| *as deare dyeinge poore, as if I had bynn moste* | na condição de um pobre moribundo, como se eu fosse |
| *infinitelye riche, the successe of this moste* | infinitamente rico. O insucesso desta tão |
| *vnfortunate Action · the bitter tormentes* | desafortunada ação e os amargos momentos |
| *thereof, lye so heavie vppon me as with muche* | dela, recaem pesadamente sobre mim, uma vez que |
| *payne am I able to write these fewe lynes* | com muita dor sou capaz de escrever estas parcas linhas |
| *muche lesse to make discourse vnto you of* | muito menos lhe fazer discurso |
| *all the aduerse happes that hath befallen* | de todos os acontecimentos adversos que me recairam |
| *me in this viage, the leste whereof is my* | nesta viagem, o último dos quais é |
| *deathe · / but because you shall not be ignorant* | minha morte. Mas pelo fato de tu não dever desconhecê-los, |
| *of them I haue appoynted some of the moste* | designei alguns dos meus mais |
| *sensibleste men that I lefte behinde me* | sensatos homens que deixei para trás |
| *to make discourse vnto you of all these* | para lhe narrarem todos estes |
| *accidentes : / I have made a simple will* | acidentes. Fiz um testamento simples |
| *wherein I haue made you sole & onelie* | onde faço de ti meu único e tão somente |
| *disposer of all suche little, which is lefte /* | depositário de tudo, embora pouco, do que foi deixado. |
| *The Rooe Bucke lefte me in the moste* | O Roebuck [I] me abandonou na mais |
| *desolateste Cayse that ever man was lefte* | desoladora situação que qualquer outro homem (um dia) poderia ter |
| *in, what is become of hir I Can not Imagyn[e]* | sido abandonado. O que aconteceu com ele não consigo imaginar, |
| *but if she be returned into Englande hit* | mas caso ele tenha retornado à Inglaterra [II], |
| *is a moste admirable matter / but if shee* | será de se admirar; contudo se |
| *be at home, or anye other of my goodes* | ele já retornou, ou quaisquer dos meus outros pertences |
| *whatsoeuer retume into Englande I haue* | já retornaram à Inglaterra, faço |
| *made you onelie possessor of them: /* | de tu o único possuidor desses pertences. |
| *And nowe to Come to that villaigne* | Agora falarei daquele vilão |
| *that hath bynn the death of mee and the* | que é responsável pela minha morte e a |
| *decaie of the whole Accon, I meane* | falência de toda expedição. Me refiro a |
| *Davys whose onely trecherie in* | Davis [III], cuja traição por unicamente |

[I] Roebuck, embarcação vice-almiranta da esquadra. Capitão: John Cocke, primo de Thomas Cavendish

[II] Ele retornou a Portsmouth, litoral da Inglaterra, por volta de março de 1593

[III] As circunstâncias reais da viagem de John Davis eram muito diferentes da qual Cavendish imaginava. Com apenas alguns homens ele alcançou a Irlanda em junho de 1593 após muita penúria.

**Comentários:**

Nota-se que tivemos que ordenar a pontuação empregada por Cavendish para podermos realizar uma tradução eficiente no português. Muito desta pontuação devemos à edição de Purchas.

Quando Cavendish escreve "*the successe of this moste vnfortunate Action*" . Consideramos que a palavra "*action*" poderia muito bem ser traduzida como "*expedição*" pois tornaria a frase mais específica à viagem do corsário. Mantivemos o termo "*make discourse unto*" na tradução literal, apesar de que em uma tradução mais livre poderíamos usar termos mais assimiláveis pelo leitor de língua portuguesa como "narrar-lhe" ou "contar-lhe".

Em muitas passagens, conforme veremos, a tradução literal soa "alienígena" ao leitor da obra traduzida.

1v

| | |
|---|---|
| *Runinge from me hathe bynn An vtter* | ter me abandonado causou a completa |
| *Ruyn of all / if anye goode Returne by* | falência de tudo. Caso qualquer bem retorne através |
| *hym, as ever you loue me make suche* | dele, por sua consideração a mim, faça amigos |
| *frindes as hee of all others maye repe* | para que ele possa tirar a |
| *leaste gayne ·/ I assure my self yow wilbe* | menor vantagem possível[I] de todos. Me asseguro que tu serás |
| *carefull in all frindshippe of my laste* | cuidadoso, pela nossa amizade, quanto aos meus últimos |
| *Requestes ·/ My debtes which be oweinge be* | pedidos. Minhas dívidas, que |
| *not muche, there is 200li vppon a bande* | não são muitas, constituem-se de 200 libras de um empréstimo |
| *to Carewe Raleighe which he will infinitli* | para com Carew Raleigh [II] pela qual ele molestar-lhe-á infinitamente. |
| *troble you for, you knowe his humor he* | Tu conheces seu humor; ele |
| *onelie likes to bargayne satisfie hym in the* | apenas gosta de negociar. Satisfaça-o da |
| *same sorte, there is dewe to two merchauntes* | mesma maneira. Há uma dívida junto a 2 mercadores [III] em Londres |
| *in London vppon a byll of adventure* | relativa a uma carta de aventura. |
| *which the Shippes are bound for 250li* | Os barcos, valendo 250 libras, |
| *which you maye sleightlie Compounde for·/* | poderão em parte ressarci-la, |
| *For other adventures whatsoeuer the Run* | assim como outras cartas de aventura relativas a gastos |
| *in the vittayles as all other adventures* | com suprimentos ou a qualquer outro serviço |
| *dothe. / I praie you doe this for me, Sir* | prestado. Rogo-lhe para que faça isso por mim. Sir |
| *George Careye hath a byll of an 150li* | George Carey [IV]tem uma carta de uma aventura de 150 libras, |
| *venture which I gaue hym for fower Iron* | a qual lhe concedi por quatro armas de |
| *gunes, deliuer hym if the Roobucke be* | ferro. Entregue a ele, caso o Roebuck esteja |
| *Returned 2 demye culveringes of brasse* | de volta, 2 meias-colubrinas de metal |
| *with myne Armes on them and his 4 Iron* | com minhas insígnias e suas 4 peças |
| *peices, they are to be knowe by his marke* | de ferro. Elas deverão ser reconhecidas por sua marca, |
| *which is a swanne ·/ Sir Henrie Palmer* | que é um cisne[V]. Sir Henry Palmer [VI] |
| *adventured 20li praie seen hym* | investiu 20 libras. Rogue vê-lo |
| *annswered / for private debtes I knowe* | satisfeito. Quanto a dívidas particulares, não conheço |
| *of none, but hit may be my vntrustie* | nenhuma, mas pode ocorrer que meus criados |
| *servantes have lefte some paltrie* | não confiáveis tenham deixado algumas |
| *sommes vnpaid, if you thincke they* | somas insignificantes não pagas. Se tu considerá-las que |
| *be myne I knowe you will vse your* | sejam minhas, sei que tu usarás seu bom |
| *goode discretion in it ·/ There is a Bylle of adventure* | senso com elas. Há |
| *to Henrye* | uma carta de aventura a Henry Sakeford [VII] |

[I] Foram feitos alguns preparativos para se interrogar Davis em sua chegada, embora não tenha sido encontrado nenhum depoimento. Ele foi exonerado e publicou uma declaração de suas experiências no seu livro *Sea Men's Secret* (Londres, 1595)

[II] Carew Ralegh - (irmão mais velho de Sir Walter Ralegh) de Downton, Wiltshire. (1550 - 1625)

[III] Um dos mercadores era Sir Thomas Myddleton, o qual registrou 50 libras adiantadas em seu diário. O outro pode ter sido Elliote of Ratcliffe.

[IV] George Carey foi cavaleiro, marechal e capitão da Ilha de Wight de 1582 a 1603 e de lá apoiou muitas empreitas marítimas, algumas legítimas outras nem tanto. Foi um dos maiores investidores nos empreendimentos de Cavendish.

[V] O cisne formava parte do brasão da família Carey e foi usado por Sir George como sua insígnia.

[VI] Sir Henry Palmer foi comandante naval de Tottington, próximo a Aysleford, Kent, e faleceu em 1611

[VII] Henry Sakeford de Woolbridge, Suffolk (com seus irmãos Thomas e Humphrey) esteve envolvido com empreendimentos comerciais e marítimos, nem todos estando em conformidade com as leis. Ele colaborou financeiramente com o empreendimento, em partes por ter aceitado terras sob hipoteca de Cavendish e em partes por investir nos suprimentos dos navios. Associou-se a Thomas Myddleton em financiar expedições e como cavalariço da Câmara Privada e mantenedor da Bolsa Privada tinha acesso à rainha. Foi cingido cavaleiro em 1603 e faleceu em 1610.

**Comentários:**

Aqui nos deparamos com o termo "*bill of adventure*" que não encontramos em nenhuma de nossas fontes de pesquisa uma tradução exata para o português. Concluímos que tal documento não deveria ser utilizado em viagens ultramarinas pelos portugueses, ou se fosse, seria um tipo bem pouco comum. Fábio Ramos[71] comenta que, ao contrário dos ingleses, os portugueses não utilizaram corsários ou qualquer outro artificio semelhante. Possivelmente teria sido esta uma das razões que causaram o declínio do Império marítimo lusitano como um todo e ao mesmo tempo o surgimento da Inglaterra como senhora dos mares. No Oriente a navegação foi sempre um monopólio do Estado. No máximo a Coroa permitia que particulares participassem da armação dos navios através de um "contrato de risco", por meio do qual o investidor aplicava seu capital tal como hoje funciona a compra de ações na bolsa de valores, o que dava direito a uma certa quantidade da especiaria transportada pela nau onde havia sido investido o capital, aceitando em contrapartida participar dos prejuízos caso houvesse, equivalente a assumir perder todo o capital investido em caso de naufrágio ou a perda da embarcação para piratas. Além disso, a Coroa adotava também o artificio de obter empréstimo junto a estrangeiros para armar as naus, principalmente em meados do século XVII, pois estava se tornando difícil conseguir investidores dispostos a assumirem um "contrato de risco". No caso dos empréstimos, o capital tomado era pago com juros elevados, no entanto, caso houvesse naufrágio ou perda da mercadoria somente a Coroa arcava com o prejuízo, pois o empréstimo mesmo assim precisava ser pago.

Timoteo O'Scanlan[72] em seu *Diccionario Marítimo Español* afirma que "*la escritura en que se solemniza y afirma este contrato [i.e., la aventura], se llama carta de gruesa aventura*"

Tomamos a liberdade de criar um neologismo no português e considerar a tradução de tal documento como "carta de aventura". Aqui, mais uma vez, o tradutor pode recorrer a uma nota explicativa para elucidar o termo ao leitor.

Também quando Cavendish cita "*Sir Henrie Palmer adventured 20li*", fica clara a idéia que Sir Henrie Palmer na verdade "arriscou", "investiu" tal quantia na empreita.

Optamos por utilizar um registro formal na tradução de "*he will infinitli troble you*" ("ele molestar-lhe-á" em vez de "ele irá lhe molestar") como recurso para emular o arcaísmo contido no discurso de Cavendish.

## 2- Dificuldades a caminho do Estreito[I] de Magalhães

| | |
|---|---|
| *Sakeforde of - 300li - he is an hungrye man* | de 300 libras. Ele é um homem voraz |
| *and one that will seeke muche, vse your discretion* | e que tentará obter muito. Use seu bom senso |
| *with hym, he Can Clayme nothinge but as a* | com ele. Ele não poderá exigir nada além |
| *parte vitler, if anye suche Importunate men* | do que um provisionador parcial [II]. Se, como tal, qualquer outro |
| *troble you Comforte theym with the Returne* | homem inoportuno lhe molestar, satisfaça-os com o retorno |
| *of the other Shippes, which trulie there* | dos outros barcos, fato que verdadeiramente tem-se |
| *is some hope of, if ever they Returne they* | alguma esperança. Se acaso eles retornarem , eles com certeza |
| *Can not be but riche · / but I moste vnfortuna[te]* | estarão ricos[III] . Mas eu (o mais |
| *villaine, was matched with the moste abiect* | desgraçado) fui colocado com a tripulação mais abjeta |
| *mynded & mutanus Companye that ever* | e amotinadora que alguma vez |
| *was Caried owt of Englande by anye man* | foi conduzida para fora da Inglaterra por qualquer homem |
| *livinge / for I proteste vnto you that in* | vivo. Eu te juro que |
| *goinnge to the Straightes of Magelanus* | partindo em direção ao Estreito de Magalhães |
| *after I was passed to the Southwarde of* | após cruzar a margem sul |
| *the Ryver of Plate and had bidden the furi[e]* | do Rio da Prata [IV] e ter desafiado a fúria |
| *of stormes . whiche in deede I thincke to be such* | das tempestades - o que na verdade uma pior |
| *as worser mighte not be indewred, I neve[r]* | não poderia ter suportado - nunca |
| *made my Course to the straightes warde* | segui meu curso em direção ao Estreito, |
| *but I was in Continuall daunger, by my* | mas estive em contínuo perigo com minha |
| *Companye which never ceassed to practise* | tripulação, a qual nunca deixara de agir |
| *and mutinie againste me, and haveinge gotten* | e se amotinar contra mim. Tendo alcançado |
| *the appoynted place called Porte Desire I* | o local apontado chamado Porto Desejado [V], |
| *mett with all my Companye which had bynn* | me reuni com toda minha tripulação, a qual tinha estado |
| *there neere 20 daies before me, and had n[ot]* | lá aproximadamente 20 dias antes de mim, sem meus |
| *my most trewe frindes bynn there, whom* | amigos mais verdadeiros, um dos quais |
| *to name my harte bleedes I meane my* | em citar meu coração sangra; me refiro a meu |
| *Coussen Cocke, I had bynn Constrained ethe[r]* | primo Cocke. Fui refreado tanto por |
| *to haue suffered violence, or some other most* | ter sofrido violência quanto por alguns outros tipos |
| *disordered mishappe · / I Came into this* | dos mais tumultuados infortúnios. Cheguei a este |
| *Harbor with my Boote, my Shippes* | porto com meu barco, minhas embarcações |
| *Rideinge withowt at Sea, where I found* | navegando em alto-mar, onde encontrei |
| *the Roobucke the Desire and the Pennis* | o Roebuck[VI], o Desire, e o Pinnace. |
| *all which Complayned vnto me that the tyd[e]* | Todos reclamaram a mim que as marés |

[I] Embora Cavendish use o termo "Straightes" no plural, modernamente em português usa-se no singular "estreito".
[II] George é alertado a impedir que Seckford exija qualquer outro retorno da viagem além do relativo aos suprimentos.
[III] Não há indicações claras de qualquer coisa que tenha retornado da viagem.
[IV] O ponto médio da abertura do Rio do Prata é 35°02'S lat. e 54°53'O long.
[V] Agora Deseado, 47°46'S lat. e 65°54'O long., localizado e batizado na viagem anterior. Sua entrada é difícil, com recifes contornando o lado norte da entrada (atual Ponta Cavendish); as correntes atingem de 5 a 6 nós.
[VI] O *Dantie* estava desaparecido embora seu capitão, Randolph Cotton, houvesse estado a bordo do *Roebuck* quando os navios se dispersaram. O Roebuck presumivelmente retornaria a Inglaterra após perder contato com as outras embarcações

**Comentários:**

Cavendish escreve "*parte vitler*", o que significa que Henry Sakeford foi um dos homens que bancou parte dos suprimentos que a esquadra levava. Talvez a palavra "provisionador parcial", apesar de estar bem próxima à definição do termo em inglês, não seja clara ao leitor. Sugeriríamos a utilização de uma outra frase para a tradução da frase "*he Can Clayme nothinge but as a parte vitler*": "ele não poderá exigir nada além da parte relativa ao fornecimento de suprimentos". De qualquer forma, uma tradução assim deixaria de ser literal.

Quando ele diz: "*if anye suche Importunate men troble you Comforte theym with the Returne of the other Shippes*", fica evidente que o verbo "*comforte*" não teria a tradução literal de "confortá-los" como a melhor. Talvez a mais adequada fosse "satisfaça-os".

Também, percebemos que a tradução de "*moste vnfortuna[te] villaine*" não pode ser literal, uma vez que o sentido da expressão se perderia.

O tradutor que se propõe a trabalhar com manuscritos náuticos poderá se deparar com o dilema de traduzir ou não nomes próprios. Aqui veremos vários exemplos deles.

Em ambas traduções do relato de Anthony Knivet feitas por Guiomar Franco[73] e por Higino Duarte Pereira[74] encontramos "*Porte Desire*" traduzido para o português e assim o manteremos também em nossa tradução.

Quando Cavendish escreve: "*whom to name my harte bleedes I meane my Coussen Cocke*" além da tradução literal de "meu coração sangra" talvez pudéssemos utilizar termos mais comuns no português como "meu coração dói", ou "meu coração parte". Tais recursos podem muito bem ser utilizados em uma tradução mais livre e em função do perfil do leitor.

Na passagem "*I had bynn Constrained ethe[r]to haue suffered violence, or some other most disordered mishappe*" não fica claro se realmente ocorreu alguma violência ou se só houve a ameaça. Por conseguinte, temos a oportunidade de criar mais de uma tradução "verdadeira" para a frase, já que ela própria não é clara o suficiente.

Thomas Cavendish caçando leões marinhos na Patagônia. Gravura de autoria desconhecida.

**2v**

| | |
|---|---|
| *Ran so violentlie as they were not able to* | estavam tão violentas que eles não conseguiram |
| *Ride but were driven a grounde, & · wished* | navegar mas encalharam e desejavam |
| *me in anye wise not to Come* | que eu não entrasse de maneira alguma |
| *in with my Shippe for that if shee shoulde Come* | com meu navio já que se ele encalhasse |
| *on grounde she woulde be vtterlie Cast* | ficaria totalmente inutilizado, |
| *awaye, which I knewe to be moste trewe · /* | o que sabia ser muito verdadeiro. |
| *And fyndeinge hit to be noe place for* | Considerando lá não ser um local para |
| *so greate a Shippe withowt her vtter* | uma embarcação tão grande, sem sua total |
| *Ruyne, I fourthewith comannded them* | destruição, imediatamente os instruí a |
| *to make them settles redye to departe,* | ficarem prontos para partirem: |
| *they beinge freshe & infinitelie well* | eles estavam descansados e infinitamente bem, |
| *Releved with seales & burdes which in that* | abastecidos com focas e aves[I] que naquele |
| *place did abound · / My companye being* | local abundavam. Minha tripulação tornava-se |
| *growen weke and feble with Continuall* | fraca e febril com o contínuo |
| *watcheing pumpeing & baylinge, for* | trabalho de vigia, bombeamento e baldeação da água. |
| *I muste saie trulye vnto you there* | Devo dizer-te que nunca |
| *were never men that indured more* | existiram homens que enfrentaram mais |
| *extremities of the seas then my poore* | dificuldades no mar do que as que minha pobre |
| *Companye had donne · / such was* | tripulação enfrentou. Tal era |
| *the furie of the weste southe west and·* | a fúria dos ventos [II]oeste-sudoeste e |
| *southe weste wyndes as wee were driven* | ventos sudoeste, que nos levaram |
| *from the Shore 400 leagues and* | a 400 léguas para longe da costa[III] e |
| *Constrained to beate from 50 degrees to* | nos forçaram a deslocar de 50 graus |
| *the south warde into 40 to the north* | em direção ao sul para 40 graus em direção ao norte |
| *warde againe before wee coulde Recover* | novamente, antes que pudéssemos recuperar |
| *neare the Shore, in which tyme wee* | a costa, período o qual |
| *hadd A neewe Shifte of Seales* | tivemos um novo conjunto de velas |
| *Cleane blowne awaye, and our* | levado pelo vento e nosso |
| *Shippe in daunger to sinke in the sea* | navio na iminência de afundar no mar |
| *3 tymes, which with extremitie of mens* | por 3 vezes, foi recuperado com o árduo trabalho |
| *labor wee recovered · in this weakenes* | de nossos homens. Nesta penúria |
| *wee departed for the Straightes being* | partimos em direção ao Estreito, nos |
| *from that harbor 80 leagues* | distanciando 80 léguas daquele porto. |

[I] As focas deveriam ser principalmente leões-marinhos e as aves principalmente pingüins além de vários outros pássaros marinhos.

[II] Cavendish estava neste momento na região das correntes oeste, as quais dominam a região de 40 graus.

[III] Ele estava sendo levado em direção a leste a partir da longitude 65°O para entre 45°O e 40°O, que eqüivale da Patagônia a quase ao estuário do Prata

**Comentários:**

Quando Cavendish escreve: "*I Came into this Harbor with my Boote, my Shippes Rideinge withowt at Sea*" vale a pena salientar que "*boat*" (boote) refere-se ao pequeno barco que os galeões transportavam e "*shippes*" (ships) às grandes embarcações da esquadra de Cavendish. Ainda, a expressão "*rideinge withowt at Sea*" descreve que os navios não se encontravam próximos ao porto, uma vez que Cavendish teve que atingi-lo com seu barco.

Em vez de traduzi-la literalmente como "navegando em alto-mar", poderíamos também optar por esclarecer que simplesmente os navios não se encontravam próximos ao referido porto. Um maior esclarecimento pode também ser acrescentado quando ele escreve: "*where I found the Roobucke the Desire and the Pennis all which Complayned vnto me that the tyd[e]...*" já que a reclamação é feita pela tripulação dos barcos

A expressão "*anye wise*" na frase "*wished me in anye wise not to Come in with my Shippe for that if shee shoulde Come on grounde she woulde be vtterlie Cast awaye*" torna-se quase sem sentido em uma tradução literal para o português. Optamos por utilizar uma expressão comum em nossa língua ("de maneira alguma") e que não compromente o sentido da frase.

Quando Cavendish escreve "*Continuall watcheing pumpeing & baylinge*", ele se refere aos trabalhos que seus homens realizam em seus barcos e "*baylinge*", neste caso específico se refere a "achicar", como verbo e "baldeação" como substantivo. Apesar do termo ser o mais correto em termos de definição, escolhemos "baldeação" por ser mais comum e mais compreensível ao leitor.

A frase "*and our Shippe in daunger to sinke in the sea 3 tymes, which with extremitie of mens labor wee recovered*" requer certa alteração para ser traduzida de forma eficiente no português. Uma solução satisfatória, embora um pouco distante da tradução literal seria: "nosso navio, na iminência de naufragar por 3 vezes, foi recuperado com o árduo trabalho de nossos homens".

## 3 – Tempestades entre o Brasil e o Estreito de Magalhães

| | |
|---|---|
| *And in ·18· daies wee gate the Straightes in which tyme the men in my Shippe were growen extreamelie weake · the other Shippes Company were in good Cause by reason of there late Releife · and nowe wee had byne almoste 4 monethes betweene the Costes of Brasele & the straightes beinge in distance not above 600 : leagues which is Comonly rune in 20· or 30· daies. / such was the adversenes of our fortunes, as in Cominge thither wee spente the Sommer & found in the Straightes the begininge of a moste extreeme wynter not durable for Christians. / In despight of all stormes and tempest so longe as we had ground to ankar in & tydes to helpe vs wee beate into the Straightes some 50 leagues haveinge for the moste part the wyndes Contrarye · / at length being forced by the extremitie of stormes and the narrownes of the straighte, being not able to turne to windewarde noe longer, wee got into a harbor where wee Ryde from the ·18 · daye of Aprill till the 10 of Maye in all which tyme wee never had other then moste furiouse Contrarye wyndes, and after that the moneth of Maye was Come in nothinge but such flightes of snowe and extremitie of frostes, as in all the tyme of my life I never see none to be Compared with them · / this extremitie Caused the weake men in my Shippe onelie to decay for in 7 or 8 daies in this extremitie there dyed ·40· men and sickened .70. so that there was not 50 men that were able to stand vppon the hatches·* | Em 18 dias chegamos ao Estreito, período pelo qual os homens em meu barco ficaram extremamente fracos. A tripulação dos outros barcos estavam bem pelo fato de terem descansado mais[I]. Agora, havíamos gastos quase 4 meses entre as costas do Brasil e o Estreito. que era uma distância não superior a 600 léguas, e normalmente percorrida entre 20 e 30 dias [II]. Tais eram as adversidades de nossos destinos, que para chegarmos lá perdemos o verão [III]e nos deparamos nos Estreito com o início do mais duro inverno que nenhum cristão poderia resistir. Apesar de todas as tempestades e temporais tão longos, enquanto tínhamos leito para fundear e marés para nos auxiliarem, barlaventeamos pelos Estreito por algumas 50 léguas, tendo na maior parte do tempo os ventos contrários. Durante esse período, sendo forçados pela dureza das tempestades e pelas estreitas passagens da região, não conseguindo manobrar mais a favor do vento, entramos em um porto [IV]onde navegamos de 18 de abril a 10 de maio, período em que não tivemos nenhum outro vento além dos mais furiosos e contrários. E após o mês de maio se iniciar nada além de nevascas e geadas, que durante toda minha vida nunca vi nada igual. Esta adversidade fez os homens debilitados, apenas em meu barco, enfraquecerem; em 7 ou 8 dias nesta situação crítica morreram 40 e adoeceram 70[V], de modo que não haviam 50 homens que conseguissem se manter em pé no convés. |

[I] De acordo com Anthony Knivet o *Roebuck* encontrava-se em um estado apenas um pouco melhor.
[II] Em sua circunavegação o tempo comparativamente gasto navegando por esta distância foi de 33 ou 34 dias.
[III] O inverno geralmente tem início abruptamente logo após o início de maio.
[IV] Era a baía Tobias, chamada assim pelos homens, onde o "Rio das Pérolas" desaguava. Talvez seja o atual Estreito de Pedro com latitude de 54°04'S e longitude de 71°35'O.
[V] Mortes e doenças resultavam provavelmente do escorbuto, embora os homens de Davis tiveram a oportunidade de conseguir plantas em Deseado para combater esse mal.

**Comentários:**

Sabemos que é difícil ao leitor que não entende de navegação compreender o que Cavendish diz com "*to beate from 50 degrees to the south warde into 40 to the north warde*". Sugeriríamos, em uma tradução adaptada (com a adição ou supressão de informações), apenas mencionar que ele havia mudado sua rota, sem entrar em detalhes quanto a esta mudança. Um outro trecho que contém uma descrição técnica semelhante é "*In despight of all stormes and tempest so longe as we had ground to ankar in & tydes to helpe vs wee beate into the Straightes*", que traduzimos "*beate into*" como "barlaventear", onde o tradutor pode optar por "navegar em zigue-zague" ou "navegar contra o vento".

Encontraremos por diversas vezes o termo "*extremities*" ao longo do manuscrito. Não encontramos uma palavra ou definição única em português e conforme a frase em que ele se encontra, utilizamos diferentes definições no português. A frase "*the other Shippes Company were in good Cause by reason of there late Releife*" dificilmente poderia ser traduzida literalmente e transmitir a idéia de que a tripulação dos outros barcos na verdade havia ficado mais tempo em terra antes de atingir tal local.

Quando Cavendish faz referência ao porto ("*wee got into a harbor where wee Ryde from the ·18 · daye of Aprill till the 10 of Maye*"), Quinn anota que este era o porto Tobias. Nesta passagem o tradutor, que busca um trabalho mais fluente, tem a possibilidade de acrescentar essa informação no próprio discurso do corsário.

Devido a precária pontuação empregada por Cavendish, utilizamos a reescrita de Purchas para traduzirmos coerentemente o último parágrafo. Purchas escreve: "*this extremitie caused the weake men (in my ship onely) to decay; for in seuen or eight dayes, in this extremitie there dyed fortie men, and sickened seuentie, so that there were not fiftie men that were able to stand vpon the hatches*".

## 4 – O descontentamento da tripulação

| | |
|---|---|
| *I fyndinge this miserable Calamitie to fale* | Percebendo esta miserável calamidade abater |
| *vppon me & founde that besides the decaye of* | sobre mim e constatar que além do enfraquecimento |
| *my men & expence of my vittayle, the snowe* | de meus homens e o consumo de minhas vitualhas, a neve |
| *& froste decayed our sayles and tackle, and the* | e a geada arruinaram nossas velas e nosso cordame e |
| *Contagiousnes of the place to be suche, for* | a contagiosidade do lugar ser tamanha, devido |
| *extremitie of froste and snowe as there was* | à gravidade das geadas e nevasca, não poderíamos |
| *noe longe stayeinge withowte the vtter Ruyne* | ficar lá por mais tempo sem a total destruição |
| *of vs all, what by theise extremities and by* | de nós todos. Devido a estas condições extremas e ao |
| *the daielie decaye of my men, I was* | enfraquecimento diário de meus homens, fui |
| *Constrayned forthewith to determyne some* | obrigado então a determinar uma |
| *Course, and not (for all this extremitie* | rota (devido às intempéries) |
| *of weather) to tarie there anye longer· / Vppon* | e não ficar lá por mais tempo. Em face |
| *this I assembled my Companye together and* | a esta situação, reuni minha tripulação e |
| *shewed theym that my Intention was to goe* | expus que minha intenção era a de seguir |
| *for China, and that, that there was two* | à China[I] e para tal havia duas |
| *wayes thither the on thorroughe the* | rotas: uma pelo |
| *Straighte · the other by the waye of* | Estreito e outra pelo |
| *Caba bona spe. which Course I shewed theym* | Cabo de Boa Esperança, a qual lhes demonstrei |
| *was as well knowne vnto me as the waye I* | que conhecia tão bem [II] quanto a rota |
| *had vndertaken, and althoughe that fortune* | que havia tomado e que embora o destino |
| *had denyed vs this passage yet I doubted* | havia nos negado esta passagem, ainda não duvidava |
| *not but soone to recover to this Cape where* | que atingíssemos logo este cabo, onde |
| *I shewed them I made noe doubte but wee* | lhes demonstrei com certeza |
| *shoulde releve our selffes, and performe to their* | que deveríamos descansar e prosseguirmos de acordo |
| *Contentes our intended viage. / theise* | com seu contentamento nossa viagem intencionada. Estes |
| *perswations with manye others which I vsed* | argumentos com muitos outros que usei |
| *seemed to Contente theym for the present /* | pareceram agradar-lhes no momento. [III] |
| *but they were noe sooner gonne from me but* | Mas logo que eles se afastaram de mim, |
| *fourthewith all manner of discontentes* | imediatamente todos os tipos de descontentamento |
| *were vnripped amongste theym selffes &* | surgiram entre eles e eles clara e resolutamente |
| *to goe that waye they plainlie and resolutlie* | decidiram nunca dar seu consentimento |
| *determined neuer to giue their willinge Consentes* | a seguir aquela direção. |
| *some of the best and honestest sorte* | Alguns das melhores e mais honestas personalidades |

[I] Nenhum objetivo específico havia sido determinado em sua licença, mas estava claro para seus homens que a "China" era sua meta e que a "China" compreendia as Filipinas, que Cavendish pretendia atacar e tomar como base.

[II] Ele quis dizer que abriu um mapa-múndi e nele indicou sua rota proposta.

[III] John Davis em certa ocasião indicou que a esquadra não tinha um equipamento adequado para fazer a longa viagem.

**Comentários:**

Aqui nos deparamos com a palavra "*vittayle*" e "*Contagiousnes*" que possuem correspondências no português, mas que podem ser estranhas ao leitor: "vitualhas" e "contagiosidade", respectivamente. Em uma tradução facilitadora, seria uma opção termos "víveres" e "praga" como respectivos equivalentes. Um caso um pouco diferente é do termo "*persuasions*", que apesar da equivalência literal em português como "persuasões", pode ter uma tradução melhor com a palavra "argumentos".

No trecho:

"*and the Contagiousnes of the place to be suche, for extremitie of froste and snowe as there was noe longe stayeinge withowte the vtter Ruyne of vs all, what by theise extremities and by the daielie decaye of my men...*",

mais uma vez o tradutor pode pode se beneficiar da pontuação empregada na reescrita de Purchas, quanto à ordenação das idéias:

"and the contagiousnesse of the place to bee such, for extremitie of frost and snow, as there was no long staying, without the utter ruine of vs all. What by these extremities, and the daily decay of my men,..."

Na passagem:

"*...that fortune had denyed vs this passage yet I doubted not but soone to recover to this Cape where I shewed them I made noe doubte but wee shoulde releve our selffes, and performe to their*

*Contentes our intended viage...*"

uma tradução literal seria ineficiente e confusa em português. Nossa opção, a abordagem interpretativa mostra-se objetiva. O mesmo ocorre com a frase:

"*but they were noe sooner gonne from me but fourthewith all manner of discontentes were vnripped amongste theym selffes*".

5

| | |
|---|---|
| *Heareinge this theire Resolution, wished them Rathere to put vppe a supplication to me then thus priuatlie amonge theym selffes to muten and murmer, which course mighte cause an vtter Ruyn to fale vppon them all · affirming that they knewe me to be so reasonable, as I woulde not refuse to heare theire peticon · / Vppon this they framed a humble supplicacion vnto me, as they termed it / the effect whereof was, that firste they protested to spende their lyues moste willingelie for my sake, and that theire love was suche to me as theire Cheifeste Care was for me · and they greved verie muche to see me put on a Resolution which as they supposed woulde be the end of my self, which was theire greatest greef, & next theire owne lives woulde Iminentlie followe, bothe by reason of the lengthe of the Course, all which they muste performe withowt Relefe · / And further wee had not lefte 4 monethes vittaile which mighte verie well be spent in Runinge A Course not half so longe: / But if hit woulde please me to returne againe for the Coste of Braseale where they knowe my force beinge togethere was able to take any place theire. / wee mighte both provide vittaile to returne againe and furnishe our selffes of all othere such wantes as these extremities had brought vppon vs & at a seasonable tyme Returne againe and so performe our firste Intention* | ouvindo a resolução deles, preferiram<br>me colocar uma petição, em vez de,<br>em segredo entre si, se amotinarem e<br>murmurarem, ações as quais poderiam causar<br>um aniquilamento total a recair sobre todos eles[1].<br>Afirmei que eles sabiam que eu era razoável, já que não<br>recusaria a ouvir sua petição.<br>Em consideração a tal, eles fizeram uma súplica humilde,<br>como a definiram. Tinha como efeito o seguinte:<br>Primeiro, eles afirmavam que<br>sacrificariam suas vidas com toda a dedicação por mim,<br>e que sua devoção a mim era tal<br>que sua principal preocupação era em relação a mim e<br>que muito lamentavam em me verem impor<br>uma resolução que, conforme eles supunham,<br>seria o meu fim, o que era sua maior<br>aflição e em segundo lugar, suas próprias vidas<br>iminentemente se seguiriam, tanto por causa<br>da extensão do percurso que deveria ser<br>percorrido em sua totalidade sem descanso<br>quanto por não termos suprimentos para 4 meses,<br>os quais poderiam ser a quantidade suficiente<br>em uma jornada com menos da metade da distância.<br>Mas se fosse de meu agrado retornar<br>à costa do Brasil, onde<br>eles sabiam que se nossas forças fossem reunidas, seria<br>possível nos apossarmos de qualquer local, poderíamos<br>tanto nos reabastecer com suprimentos para retornarmos<br>quanto nos provisionarmos de todas outras<br>necessidades que aquelas dificuldades haviam-nos<br>causado e em um tempo oportuno retornarmos e<br>então concluirmos nossa intenção original. |

[1] Cavendish o tempo todo tenta demonstrar sua determinação em completar a viagem e deixar claro que qualquer variação deste percurso seria imposto por seus homens sobre ele. Ao mesmo tempo, a deserção de seus homens doentes e a violência de seus discursos e atos podem tê-lo feito parecer menos razoável a seus homens do que ele julgava ser.

**Comentários:**

Cavendish escreve : "*wished them Rathere to put vppe a supplication to me then thus priuatlie amonge theym selffes to muten and murmur*". A palavra "*muten*" pode ser facilmente interpretada de maneira errônea como "*mutter*", que significa "murmurar", "resmungar". Analisando a edição de Purchas notamos que ele empregou a palavra "*mutinie*" e que significa "amotinar".

Traduzimos a frase "*to see me put on a Resolution*" de forma literal mas o tradutor pode optar por termos mais fluentes em outra modalidade de tradução mais acessível.

Inclusive no próprio trabalho de Purchas ocorrem alterações para uma compreensão mais clara do manuscrito. Enquanto encontramos no original "*next theire owne lives woulde Iminentlie followe*", na edição do *Pilgrims* encontraremos "*next their owne lives would immediately follow*".

**6**

| | |
|---|---|
| *Nowe I knowinge theire resolution and fyndeinge yt in some thinges theire reasons were not vaine begane more seriouslye to loke into all my wantes· firste I founde my greateste decaye to be in Ropes & sayles, wherein ( by meanes of suche mightie extremities ) I was vtterlie vnfurnished, for I loste a neewe shifte of Sayles cominge thithere, and furder the Desier had bydden the like extremitie, which I furnished so as I had lefte noe store at all for noe Shippes Carieth 3 neewe Shiftes of Sayles / all which had bynn little Innought for me· / and laste of all our vittailes to be moste shorte· I was to fale into dewe Consideration what to doe, I knewe well that the wyndes were suche and so Continuallie againste vs as by noe meanes hit was possible to passe thorrowe. for the violente snowes were such as in two daies together we shoulde not be able to see 5 howers the place not a league over in breadeth, our Shippes not to be handeled in such extremitie of winde· noe nor Canvas to holde the furie of the wynd, our men so weake as of - 150 – men I had not in my Shippe in helth 50· And this Shippe Cominge with all her Companye, was like 3 tymes to have bynn vppon the shore by Reason of her vnyarye workeing· / These Causes made me vtterlie dispare of any passage at this Season / so I Resolved* | Agora conhecendo a decisão deles e considerando que em alguns pontos seus motivos não eram em vão, comecei a analisar minhas necessidades mais seriamente. Primeiro, constatei minha maior perda ser em cordas e velas, das quais (devido à dureza das intempéries) encontrava-me totalmente desprovido, já que havia perdido um jogo novo de velas indo até aquele local, e além disso, o Desire havia suportado a mesma dificuldade, o qual eu equipei da mesma maneira. Então, como não havia deixado nenhuma reserva, pois nenhum navio levava 3 jogos novos de velas – toda esta quantidade havia sido pouco suficiente para mim. Por último, nossos suprimentos eram muito escassos. Eu estava a considerar o que fazer; sabia bem que os ventos eram tais e continuamente contrários a nós que de maneira alguma seria possível atravessá-los. Quanto às violentas nevascas, elas eram tamanhas que por dois dias a fio ficamos sem avistar nada do local. Por cinco horas não tivemos visibilidade superior a uma légua[I] e elas fizeram com que nossas embarcações ficassem impossibilitadas de serem manejadas, tal a violência do vendaval, pois nenhuma lona suportava a fúria do vento.<br>Nossos homens estavam tão fracos que apenas 50 dos 150 estavam saudáveis[II].<br>Esta embarcação com sua tripulação, poderia ter encalhado três vezes devido a impossibilidade de conduzi-la.<br>Estes motivos Me deixaram desesperado em encontrar qualquer passagens naquela estação. Então decidi |

[I] Tal visibilidade, menor que uma milha e meia (2,4 km) por apenas 5 dentro de um período de 48 horas registradas de neve não seria incomum nesta região

[II] Em situações normais cinqüenta homens seriam suficientes para trabalharem no navio, mas Cavendish não relata quantos deles eram marinheiros que se encontravam aptos para tal.

**Comentários:**

Na passagem "...*Desier had bydden the like extremitie, which I furnished so as I had lefte noe store at all for noe Shippes Carieth 3 neewe Shiftes of Sayles*...", fica mais claro para o tradutor se ele se basear na edição de Purchas, que escreve: "...*Desire had bidden the like extremitie; which I furnished: so as I had left no store at all: for no ships carry three new shifts of sailes*...". Como em várias partes do manuscrito, a pontuação inconsistente de Cavendish pode dificultar sua tradução.

Quando ele cita "...*of her vnyarye workeing*..." ele faz referência a péssima dirigibilidade da embarcação. Encontramos uma expressão paralela em português que poderia muito bem ilustrar esta condição da nau, afirmando que a mesma "estaria morta", conforme trecho[75] do livro "História Trágico Marítima" de Bernardo Gomes de Brito:

"...chegou este mar, que por a nau estar morta, sem lhe podermos fugir, nos alcançou pela quadra de estibordo. "

Optamos, contudo, em simplesmente escrever que a embarcação estava impossibilitada de ser conduzida, ficando assim mais claro ao leitor.

A tradução literal de "*two days together*" também não teria sentido em português. Optamos por "dois dias a fio".

## 7 – Davis se separa de Cavendish

| | |
|---|---|
| *The Companye I woulde put owt of the harbor &* | que sairia com a tripulação do porto[I] e |
| *beate to get thorroughe so longe as the furies &* | barlaventearíamos enquanto os furiosos ventos |
| *westerlie wyndes woulde suffer vs· but if* | do oeste nos permitissem[II], mas se |
| *they Came vppon vs so as wee coulde not holde* | eles nos atingissem de forma que não pudéssemos |
| *hit vppe · wee woulde then beare vppe agayne* | manter o navio aprumado, navegaríamos de popa novamente |
| *& so accordinge vnto theire requestes goe for the Coste* | e, de acordo com seus pedidos, iríamos à costa |
| *of Brasele · which they so muche seemed to desire,* | do Brasil, que tanto eles pareciam desejar |
| *and I so much hated·/ but in truth I was* | e eu muito detestava. Mas, na verdade, fui |
| *forced to take that waye, for that there was* | forçado a seguir tal percurso pois não existia lá |
| *noe place where this Shyppe Coulde Come* | um local que esta embarcação poderia |
| *into to tarrye owt a wynter, for Porte Sa Iulian* | entrar e passar o inverno[III], uma vez que o Porto San Julian[IV] |
| *is a barred harbor over which two of my Shippes* | era um porto de barra no qual dois de meus barcos |
| *woulde not goe, and Porte desire· hathe nether* | não entrariam, e o Porto Deseado não teria[V] nem |
| *woode nor water and besides that the tyde* | madeira nem água, além de que a maré |
| *Runnethe so extremelye as hit is not possible* | era tão forte que não era possível |
| *for Anckors to holde, the grounde beinge so badd* | as âncoras agarrarem, o leito sendo muito ruim. |
| *But the laste cause of all to be Considered was* | Contudo o último motivo entre todos a ser considerado era |
| *the sickenes of my men haveinge noe Clothes* | a doença de meus homens, que não tinham roupas |
| *to defend them from the extreme Colde* | para defenderem-se do intenso frio. |
| *These causes & theire ardent desire to being owt* | Esses motivos e o seu desejo ardente de saírem |
| *of the Colde moved me to goe backe againe for* | do frio me levaram a retroceder |
| *that moste wicked Coste of Brasele where* | àquela tão amaldiçoada costa do Brasil onde |
| *I incountered all manner misfortunes which* | encontrei todo o tipo de infortúnios, pois |
| *as I have vnripped these former so I will* | como detalhei os primeiros, então descreverei |
| *breefelie declare the latter: Wee were beaten* | sucintamente os últimos: Fomos expulsos |
| *owt of the Straighte with a moste monsterous* | do Estreito por um monstruoso temporal |
| *storme at weste southe weste from which place* | à oeste-sudoeste[VI], de onde |
| *wee Continued togethere till wee Came in the* | continuamos juntos até atingirmos |
| *latitude of ·47· in which place Davys in the* | a latitude de 47° [VII], onde Davis no |
| *Desier / and my Pinnis loste me in the night* | Desire e meu Pinnace perderam-se de mim à noite[VIII]. |
| *after which tyme I never hard of theme but* | Depois deste momento nunca mais tive notícias deles, |
| *as I synce vnderstode Davis his intention* | então compreendi que a intenção de Davis sempre |
| *was ever to rune awaye. this is godes will* | havia sido a de fugir[IX]. Foi desejo de Deus |

[I] O porto era a baía Tobias que ele havia alcançado em 21 de abril e onde transmitiu a seus homens que iria ao Cabo da Boa Esperança. Acabou partindo dai em 15 de maio.

[II] Os fortes e tempestuosos ventos oeste daquela latitude.

[III] Ele omite mencionar que atracou por dois dias no Porto da Fome para abastecer-se com suprimentos

[IV] Porto San Julian lat. 49°11'S long. 67°36'O, tem sua entrada entre o Cabo Curioso e a Ponta Desengano a 6,4 km adiante. O canal se estreita após 3,2 km e leva a uma bacia que se torna seca em marés baixas. Há pedras e bancos de areia no que é agora um canal balizado, com pelo menos 6 metros de profundidade em sua entrada.

[V] Em tempos modernos, Deseado, embora tenha uma barreira, possui pelo menos oito metros de profundidade em sua entrada.

[VI] Um temporal de Oeste - Sudoeste nesta estação não era incomum.

[VII] Cavendish não teria a capacidade de fazer uma determinação precisa da latitude sob tais condições do tempo. As embarcações tinham navegado evidentemente entre 160 e 240 km em direção ao norte (embora não possamos precisar quanto ao leste). Ele devia ter passado perto de Deseado.

[VIII] Segundo Davys, Cavendish deve ter mudado de curso durante a noite já que não se encontraram pela manhã. Acreditando que ele houvesse retornado a Deseado, Davis também retornou em 20 de maio e lá se reabasteceu ficando até 7 de agosto.

[IX] É evidente que Cavendish formou sua opinião a partir de rumores depois do ocorrido a bordo, mas não há indícios claros de que isto tenha sido informado. Na falta de um plano de contingência adequado para a manutenção de contato, Davis fez o que julgou ser o mais sensato para reencontrar a esquadra. A falha na organização foi de Cavendish, porém o incidente por si mesmo teve um papel decisivo.

**Comentários:**

Neste trecho existem várias expressões náuticas. Quando Cavendish escreve "...*beate to get thorough*..." está implícita a idéia de que ele seguiria contra os ventos, ou seja, "barlaventearia".

O mesmo ocorre nestas expressões: "...*wee woulde then beare vppe*...", onde "*bear up*" em um contexto náutico significa navegar a favor do vento, ou, navegar de popa e "...*as wee coulde not holde hit vppe*..." que significa que ele "não conseguia manter a nau aprumada". Particularmente em nosso trabalho recorreremos aos glossários para uma maior explicação destes termos.

**7bis**

| | |
|---|---|
| *That I shoulde put hym in truste that should be thend of my lief, and the decaye of the whole Action. for had not these two smale Shippes parted from vs we coulde not haue miscaried on the Coste of Brasele for the onelie decaye of vs was that wee could not get into theire barred harbors, what became of theise smale Shippes I am not able to Iudge, but sure it is moste like they went backe againe for Porte Desire. a place of Releife for two so smale Shippes for they mighte lye on grounde there withowt daunger and beinge so fewe men they mighte Releve theym selffes with sayles and birdes and so take a goode tyme of yeare and passe the straightes· the men in these smale shipes were all lustie & in health, wherefore the likelier to holde owt·/ the shorte of all is this · Davis his onelie intent was vtterlie to overthrowe me, which he hath well performed·/ these shippes beinge parted from vs wee little suspectinge of anye trecherie· the Roobucke and my self held our Course for Brasele & kepte togethere till wee Came to the latitude of 36. where we encountered the moste grevous storme that ever anye Christians indured vppon the seas to live, in . which storme wee loste Companye · we with moste extreme labor and greate daunger gotte the Coste of Brasele · where wee were ·15· daies and never harde of the Roobucke· wee Came to* | eu ter confiado nele, isso foi o<br>fim de minha vida e a falência de<br>toda expedição, pois se esse dois pequenos<br>navios não tivessem nos abandonado, poderíamos não<br>ter falhado na costa do Brasil já que<br>nossa única falha foi não termos conseguido<br>adentrar em seus portos de barra. O que<br>ocorreu com aqueles pequenos navios não<br>conseguiria julgar, mas é claro que o mais provável<br>é que tenham voltado ao Porto Desejado, local de<br>descanso para dois barcos tão pequenos, já que lá<br>eles poderiam estar em terra sem<br>perigo e estando em tão poucos homens, poderiam<br>se reabastecerem com focas e aves<br>e passarem lá boa parte do ano e atravessarem<br>os Estreitos[I]. Os homens, naqueles pequenos barcos<br>estavam todos fortes e saudáveis, portanto os<br>mais prováveis a resistirem. O resumo de tudo é isto:<br>A única intenção de Davis era totalmente a<br>de me arruinar, a qual ele conseguiu<br>realizar bem[II]. Estes navios nos abandonando,<br>suspeitamos pouco de qualquer<br>traição. O Roebuck e meu navio mantiveram<br>nossa rota ao Brasil e permanecemos juntos<br>até alcançarmos a latitude de 36°[III], onde<br>nos deparamos com a tempestade mais terrível<br>que qualquer cristão já suportara<br>no mar[IV]. Neste temporal perdemos<br>tripulação. Com trabalho muito árduo<br>e grandes perigos, atingimos a costa<br>do Brasil, onde ficamos por 15 dias e<br>não tivemos sinais do Roebuck. Chegamos a |

[I] A análise de Cavendish a respeito das prováveis ações de Davis é boa, embora Davis tenha ido a Deseado mais por necessidade do que por escolha. Anteriormente Cavendish demonstrava acreditar que Davis o havia desertado para voltar para casa; aqui ele assume que o companheiro da expedição se dirigiria para China, aproveitando-se dele por meios de suas duas embarcações menores e mais versáteis.

[II] A sugestão de traição ou fraude parece ter sido anulada nos procedimentos posteriores ao retorno de Davis.

[III] Ele estaria aproximadamente na latitude do estuário do Prata.

[IV] Vendavais nesta latitude são mais raros próximo à costa do que mais a leste (em long. 55° ou menor). Não temos informações a respeito de quanto a leste ele se dirigiu após ter deixado o Estreito. Ventos nesta estação variam de nordeste passando a oeste e sudoeste.

**Comentários:**

Em várias frases do manuscrito teremos que alterar o tempo verbal para que o sentido não se perca em português. É o caso da frase: "*these shippes beinge parted from vs wee little suspectinge of anye trecherie*" que traduzimos por: "Estes navios nos abandonando, suspeitamos pouco de qualquer traição"

O tradutor também deve atentar que Cavendish utiliza com freqüência o pronome possessivo após o respectivo nome próprio, típico do inglês jacobino-elisabetano, como na frase: "*Davis his onelie intent was to overthrowe me...*".

Nesta página Cavendish escreve "*Roobucke*" com ortografia diferente de outras passagens.

Percebemos que duas frases não devem ser traduzidas literalmente:

"*the Roobucke and my self held our Course for Brasele*" ("*myself*", quando ele se refere ao seu navio) e "*that ever anye Christians indured vppon the seas to live in*" (o verbo "*to live*" pode ser suprimido).

## 8 – O retorno ao Brasil

| | |
|---|---|
| *An ankar in the baye of Sainte Vyncent· and beinge at an ankar, there, the gentlemen desired me to give theym leave to goe a shore to some of the Portingales farme howses to get some freshe vittaile which I graunted· willinge them to make a present returne, knowinge verie well the whole Countrye was not able to preiudice them if they willfully woulde not indaunger theym selffes· they went to a sugar Myll harde by me where I rode for that was my speciall chardge that they shoulde never goe a myle from the shippe where they gotte some vittaile and Came a borde againe verie well· the next daie in the mominge betymes an Indian Came vnto me with Captain barkar· Which Indian Ran from his master at my laste being there· this savage knewe all the Cuntrey· he Came vnto me and said that beyond a poynte not a Culveringe shote of, there was a verie Riche farme howse and desired 10 or 12 men to goe thithere· Captaine Barkar beinge on[e] whome I moste trusted in the Conduction of men & whoe ever was the moste Carefulles[t] in suche matters of service ·I appoynted hym to goe & to take some 20 or 30 men with him and willed hym as hee had anye Respect or regarde of my Commanndement not to staye but to come presentlie awaie fyndeinge anye thing or nothinge· / he fourthewith toke 25 of the moste principale men in the Shippe· and then your Coussen Stafforde woulde by noe meanes be lefte* | um ancoradouro na baía de São Vicente[I] e estando neste ancoradouro os homens desejaram que eu desse permissão para irem à costa a algumas casas de fazenda dos portugueses[II] para obterem algum suprimento fresco, o que consenti, desejando que eles fizessem um retorno imediato, sabendo muito bem que toda a região não poderia oferecer-lhes perigo se esforçassem a não se arriscar. Foram a um engenho[III] próximo, para onde me dirigi (foi minha ordem especial a de que eles nunca deveriam se distanciar uma milha da embarcação) onde obtiveram alguns suprimentos e voltaram a bordo muito bem. No dia seguinte, cedo pela manhã, um índio veio até mim com o capitão Barker[IV]. Este índio[V] fugira de seu senhor na última vez que lá estive. Este selvagem conhecia toda a região. Ele veio até mim e disse que, a uma distância não maior que um tiro de colubrina, havia uma rica casa de fazenda e desejava que 10 ou 12 homens fossem até lá. Era o capitão Barker alguém em quem eu muito confiava na condução de homens e que era o mais cuidadoso em tais serviços. Eu o escolhi para ir e levar consigo 20 ou 30 homens e quis que ele, já que tinha consideração e respeito a meu comando, não ficasse e voltasse imediatamente, encontrando alguma coisa ou não. Ele em seguida levou 25 dos melhores homens do navio e assim seu primo Stafford[VI] de maneira alguma seria deixado para trás. |

[I] A baía de Santos localiza-se entre a Ponta Mundaba (na ilha de Santo Amaro) ao norte e a ponta Itaipú. Sua costa ocidental é composta da ilha de São Vicente, do canal curvo ao norte que leva a Santos e do canal ao sul, muito mais estreito e menor, que leva a São Vicente. O ataque no litoral de Cavendish aconteceu nos arredores da Ponta Itaipú.

[II] Possivelmente nas redondezas do atual porto de Santos (N. do T.)

[III] É possível que tenha sido o Engenho de São João (que não existe mais), que se localizava próximo a atual Praça Barão do Rio Branco na cidade de Santos. (N. do T.)

[IV] Capitão Barker deve ter sido Andrew Barker de Bristol, cujas propriedades foram doadas em 1593. Contudo existiram também dois membros da família Barker de Ipswich, Edmund e John, com Lancaster em 1594. Talvez tenha sido John , nesse caso, que esteve com Cavendish (Edmund talvez estivesse em outro lugar).

[V] O índio, juntamente com um outro, havia se juntado a Cavendish voluntariamente em São Vicente em janeiro de 1592

[VI] Edward Stafford.

**Comentários:**

Uma tradução literal da passagem: "*the whole Countrye was not able to preiudice them if they willfully woulde not indaunger theym selffes*", mostra-se ineficiente, pois "*the whole Countrye*"refere-se aos moradores do local (a vila de Santos no caso) e cabe ao tradutor esclarecer ao leitor. Ressalta-se também a expressão "*sugar Myll harde by me*", que tem uma equivalência à "um engenho do qual tinha conhecimento" e "*beyond a poynte not a Culveringe shote of*", quando ele expressa uma certa distância pelo alcance de tiro de uma colubrina.

Mais uma vez nos deparamos com uma palavra com sentido arcaico (*"present"*) na expressão "*present returne"* e que tem o sentido de "imediato".

Aproveitamos-nos da edição de Purchas, em que ele recorre a parênteses, para fazer a tradução deste trecho: "*...they went to a sugar Myll harde by me where I rode for that was my speciall chardge that they shoulde never goe a myle from the shippe where they gotte some vittaile...*". Tal recurso mostra-se eficiente pois Cavendish geralmente tenta adicionar muita informação em uma única frase.

Ele também faz referência a distâncias utilizando o alcance de tiro de suas armas (*...he Came vnto me and said that beyond a poynte not a Culveringe shote of, there was a verie Riche farme howse)*, analogia que também encontramos em um manuscrito náutico[76] em português do século XVI, conforme o trecho: "*ao longo nauegas veras hua terram bem alta e cortada a pique chea de aruoedo, e fas hum modo de escada tão alcatelada que hum tiro de espingarda da terra são 16 e 17 braças de lama*".

**9**

| | |
|---|---|
| *Behynde they departed by 4 of the Clock in the* | Eles saíram às 4 da manhã |
| *mominge so as I did not see theire companye · /* | por isso não vi o grupo, |
| *but what shoulde I write more than this vnto* | mas o que eu poderia escrever-lhe mais |
| *you, that they were all suche as nethere* | é que eles não me respeitaram |
| *respected me, nor anye thinge that I Comannded · /* | nem a nada do que eu havia |
| *awaye* | ordenado. |
| *they wente & by one of the Clocke they sent my* | Eles partiram e por volta de uma da tarde enviaram |
| *Boote againe with Gynne wheate and 6 · hennes* | minha canoa de volta com milho, 6 galinhas |
| *and a smale hogge / I seeing noe retume againe* | e um leitão pequeno. Como não vi o retorno |
| *of the Companye for they had sent awaye the* | de minha tripulação, já que enviaram |
| *Boote onelie with men to Rowe her abord I was* | a canoa só com homens para remá-la[1], a bordo eu fiquei |
| *verie much greeved, and presentlie returned the* | muito preocupado e imediatamente enviei de volta |
| *Boote againe, with message that I muche* | a canoa, com a mensagem de que muito |
| *marueled they woulde tarie at a place so long* | me surpreendia que eles tivessem ficado em um lugar por tanto |
| *with soe fewe men and further that hit was* | tempo com tão poucos homens e além disso, |
| *not a hogge & 6 · hennes coulde releve vs, and* | um leitão e 6 galinhas não poderiam satisfazer-nos, e |
| *seeing there was noe othere Relefe to be hadd* | vendo que não havia outro suprimento a ser conseguido, |
| *I Chardged theym straightlie to Come aborde* | ordenei que voltassem a bordo |
| *presentlie · thus havinge dispatched awaye* | imediatamente. Então despachando |
| *my Boote for them I still expected their present* | meu barco até eles, eu ainda esperava o imediato |
| *Coming aborde, all that nighte I hard* | retorno deles a bordo. Por toda a noite não tive |
| *nothinge of theym. the nexte mominge I* | notícias deles. Na manhã seguinte |
| *shott ordinance yet I see noe bote Come, then* | ordenei uma salva de tiros contudo não avistei nenhum barco de |
| *I wayed Ankor and made a borde into the* | volta. Levantei âncora e atraquei |
| *Baye yet for all this I hard nothing of them* | na baía. Mesmo assim não tive sinais deles. |
| *then I doubted with myself verie greatlie* | Então fiquei muito preocupado |
| *knowinge there was noe meanes lefte to* | sabendo que não haveria mais meios |
| *make anye manifester signes to them to hasten* | de fazer quaisquer sinais de manifesto a eles para apressá-los |
| *awaye. all that daye I hard nothing of them* | a saírem. Por todo o dia não tive nenhuma notícia deles. |
| *in the Eveninge I set saile againe and Rane* | À noite voltei a navegar, fui |
| *into the shore so as I Rode within musket* | até a costa e vasculhando uma faixa equivalente a um tiro de |
| *shotte of the shore, all that night I hard* | mosquete, por toda a noite não tive |
| *noe neewes of them · the next morning I sawe* | notícias deles. Na manhã seguinte vi |
| *an Indian Came downe to the sea side and* | um índio vir em direção ao mar e |
| *weued vnto the Shippe wee being desirous* | acenar para o navio. Nós, desejosos |

[1] A história de Knivet "Vária Fortuna e Estranhos Fados " difere substancialmente da de Cavendish. Ele diz que o grupo foi enviado a terra em um barco improvisado feito de "arcas de açúcar e tábuas de barris", entretanto quando saquearam o engenho de açúcar eles capturaram um barco grande que foi enviado cheio de alimentos para as embarcações e outro carregamento de açúcar e milho no dia seguinte. No terceiro dia o "barco grande" não retornou à terra, já que o vento soprava do litoral para o mar e, quando o grupo em terra foi atacado, eles tinham apenas o pequeno barco improvisado a sua disposição e estando incapazes de fugir, foram derrotados.

**Comentários:**

A tradução de "*shott ordinance*" para o português pode ser variada. Escolhemos "dar uma salva de tiros" a mais adequada ao leitor. Nesta página também Cavendish expressa a idéia de distância com base no alcance do tiro de uma peça de seu armamento na expressão: "*as I Rode within musket shotte of the shore*".

**10**

| | |
|---|---|
| *To heare some newes caused a Rafte to be made* | por notícias, fizemos uma balsa pois |
| *for bote wee had none · & sent hit a shore and set* | não dispúnhamos de nenhum barco, enviamo-la à margem e |
| *the Indian aborde When wee see him wee* | colocamos o índio a bordo. Quando o vimos, |
| *founde hym to be our owne Indian which had* | percebemos que ele era nosso próprio índio, que havia |
| *escaped awaye beinge sore hurte in 3 places* | escapado e tinha ferimentos em 3 partes do corpo. |
| *hee toulde vs that all they reste of our men* | Ele nos contou que todo o resto de nossos homens |
| *were slayne with 300 Indians and 80* | haviam sido mortos por 300 índios e 80 |
| *Portingales which in the Eveninge set vppon* | portugueses que à noite os atacaram |
| *theym suddenlie · / then I demannded why the* | repentinamente. Então perguntei por que eles |
| *came not a borde · the Indian answered me* | não haviam voltado a bordo. O índio me respondeu |
| *that some were vnwilling to Come and the* | que alguns não queriam vir e o |
| *Reste did nothyng else but eate hennes and hogges* | resto não fazia nada além de comer galinhas e os porcos |
| *which theye hadd there in aboundance and yt* | que lá encontraram em abundância e |
| *they mynded nothing to Come aborde · / I leue* | não se importavam em voltar a bordo. Deixo |
| *you to Iudge in what greef I was in* | a ti julgares a tristeza em que me encontrava em |
| *to see 25 of my principale men thus baseli* | ver 25 de meus principais homens executados de maneira vil |
| *and willfullye Caste awaye, but I leve yow* | e teimosa, mas deixo-lhe |
| *to enquire of others the practises of these men lest* | questionares a outros, a conduta destes últimos senão |
| *in writenge vnto yow hit shoulde be thought* | pelo que acabo de escrever-lhe, talvez tu possas pensar |
| *I did hit of malice, which I protest is farre* | que o fiz por maldade, o que afirmo estar longe |
| *from me · they beinge nowe deade and my* | de mim. Eles estavam agora mortos e eu próprio |
| *self lokeinge Iminentlie to followe them · /* | prestes a estar também. |
| *Thus I was lefte destitute of my principale* | Desta forma fui destituído de meus principais |
| *men and a boate · and had I not by greate* | homens e de um barco, e se, por uma grande felicidade, não |
| *happe the daie a fore taken and oulde Boote* | tivesse tomado no dia anterior um velho barco[1] |
| *from the Portingales I had byn vtterlie vndonne* | dos portugueses, estaria totalmente arruinado. |
| *which bote I sent to an Ilande 15 leagues of* | Enviei este barco a uma ilha a 15 léguas |
| *to see if they coulde heare anye neewes of* | para ver se poderia ter alguma notícia do |
| *the reste of my Shippes she Returned within* | resto de meus barcos. Ele retornou em |
| *8 daies all which tyme I Remayned withowt* | 8 dias, período no qual fiquei sem |
| *a Boote, thus I was 16 daies before I hard* | um barco e por 16 dias |
| *neewes of anye of my Consortes the 17th dai* | sem notícias de qualquer um dos meus consortes. No 17° dia |
| *Came in the Robuck haveing spent all her* | veio o Roebuck tendo todos seus |

[1] Aparentemente este barco foi adquirido anteriormente por Stafford e seus homens e utilizado para transportar suprimentos dos engenhos de cana; portanto ele não deve ter sido capturado por Cavendish no dia anterior.

**Comentários:**

Consideramos que os seguintes trechos não oferecem uma tradução literal clara para o português: "*To heare some newes caused a Rafte to be made for bote wee had none*", "*beinge sore hurte in 3 places*" onde nos parece interessante acrescentar a informação que ele se refere a lugares do corpo, "*they reste of our men were slayne with 300 Indians and 80 Portingales*" fizemos alterações no tempo verbal e substituímos a preposição "*with*" por "*by*" e "*my self lokeinge Iminentlie to followe them*".

Purchas também nos oferece um pontuação mais eficiente na seguinte passagem: "*Thus I was left destitute of my principall Men, and a Boat, and had I not (by great hap the day before) taken and old Boat from the Portugals*".

## 11 – O reencontro com o Roebuck

| | |
|---|---|
| *Mastes but there misson · theire sailes blowne clene* | mastros perdidos, com exceção de sua mezena; suas velas perdidas e |
| *awaye & in the moste miserablest case that* | na situação mais miserável que |
| *euer Shippe was in · all which mishappes* | qualquer barco já se encontrara. Todos estes infortúnios |
| *faleinge vppon me and then missinge my* | recaindo sobre mim: a falta de meus |
| *5 smale shippes wherein (vppon that Coste)* | 5 pequenos barcos em tal lugar (naquela costa), que |
| *Consisted all my strength haveinge noe* | formavam toda minha força, e não tinha nem |
| *Pinnises nor greate Bootes lefte to lande* | pinaças nem barcos grandes para levarem meus homens à terra |
| *my men in, for they were all Caste awaye* | pois eles haviam sido perdidos |
| *goinge to the straigth · / I not withstanding* | na ida ao Estreito. Não suportando |
| *(the wante of Bootes & pinnises) determined* | (a falta de barcos e pinaças), determinei |
| *rather and not to be revenged of so base* | que, melhor que estarmos vingados de |
| *dogges, to venter the shippes to goe downe* | cães tão ordinários, nos aventurássemos com os navios |
| *the Ryver a fore theireTowne and to have beaten* | no rio próximo à vila e a destruíssemos, |
| *hit to the ground which fourthewith* | feito que pus |
| *I put in execution, and havinge gotten* | em execução. Tendo percorrido |
| *downe half the waye wee founde the River* | metade do caminho, encontramos o rio |
| *so narrowe by Reason of a shoulde, as all* | tão estreito devido a um banco de areia, que toda |
| *the Companye affirmed plainelie hit was* | a tripulação afirmou com certeza que |
| *bothe desperate & moste daungerus, for* | seria algo desesperado e muito perigoso, pois |
| *the Ryver is all Ose · and if a shippe* | o rio tinha muita lama e caso um navio |
| *Come a ground hit is vnpossible ever to get* | encalhasse, seria impossível |
| *off for there Ryseth not a bove a fote of water* | sair, uma vez que a profundidade da água não era superior a um pé |
| *& noe Ankors will holde to hals of anye my* | e nenhuma âncora agarraria para alterar o curso de meu |
| *Shippe in so narrowe a place, as wee* | navio em um local tão estreito, já que |
| *were almoste a ground in wendinge · /* | quase encalhamos[I] em volvermos. |
| *Seeinge this apparente daunger I fourth* | Notando este risco aparente, sem demora |
| *with bare vppe owt of the River where* | me conduzi para fora do rio onde |
| *wee escaped noe smale daunger to get well* | escapamos de grande perigo para sairmos bem, |
| *owt for we had not little more water then* | uma vez que não tínhamos mais água do que quando |
| *wee drewe / and if shee had Come a grownd* | entramos. Caso ele encalhasse, |
| *hit had bynn vnpossible ever to have gotten* | seria impossível |
| *her of, by this meanes of not passinge the River* | tirá-lo de lá[II]. Por não termos passado o rio, |
| *we were Constrained to let our Revenge* | fomos forçados a deixar de lado nossa vingança[III], |
| *passe for our bootes were so badd & smale* | já que nossos botes eram tão ruins e pequenos |
| *as we durste put noe men in* | que não ousávamos colocar homens neles. |

[I] Aparentemente Cavendish estava tentando passar pela baía de Santos, através do rio de São Vicente, um canal à oeste relativamente estreito e raso, e não pelo canal principal entre a ilha de São Vicente e a ilha de Santo Amaro

[II] Este canal à oeste é o atual canal de Bertioga que separa a ilha de Santo Amaro (onde se localiza a atual cidade do Guarujá) do continente. (N. do T.)

[III] Cavendish havia enviado uma carta a terra dizendo que voltaria para se vingar.

**Comentários:**

Apesar da nossa tradução indicar que as velas foram somente perdidas, fica claro em inglês que esta perda deve-se aos ventos ou temporais (*sailes blowne clene awaye*) que atingiram o navio. É uma oportunidade para acrescentar esta informação, caso o tradutor a julgue interessante.
Outra expressão que é específica em inglês em um contexto náutico é "*hals of*" (haul off) que significa alterar o curso de uma embarcação de modo a evitar algum obstáculo ou águas rasas. Recorremos a uma expressão genérico em português "alterar o curso".
Na expressão "*noe Ankors will holde to hals of anye my Shippe in so narrowe a place, as wee were almoste a ground in wendinge*" a palavra "*wendinge*" pode na verdade ser interpretada com dois sentidos. A primeira interpretação é a de que a embarcação volveu, ou seja, retornou. Na segunda, ele pode estar se referindo a "recolher" as âncoras, conforme a definição de David Meagher que reescreve a frase como: "*No anchors will hold to hauls of any of my ships in so narrow a place, as we were almost aground in winding (the anchors in)*"[77].
Aqui também encontramos mais um verbo com contexto náutico "*bear up*" na expressão: "*I fourth with bare vppe owt of the River*".

**12**

| | |
|---|---|
| *Them · / Notwithstandinge wee landed & did them* | Todavia, fomos a terra e causamos |
| *muche spoyle vppon theire farme howses & gotte* | grande destruição às casas de suas fazendas e nos apoderamos |
| *some quantitie of freshe vittaile / this* | de uma quantidade de suprimentos frescos. Aquele |
| *place beinge not for vs consideringe our shyppe[s]* | local não era para nós, levando em conta que nossos navios |
| *were not able to passe to theire Towne, and* | não estavam aptos a chegarem à cidade deles e |
| *farthere our greate wantes did Constraine vs* | além disso, nossas extremas necessidades |
| *to seeke some Course of relefe which being not* | nos forçavam a procurar um caminho para reabastecimento, o que |
| *to be had there, bothe for that wee hadd* | não conseguiríamos lá, tanto por a termos |
| *spoyled hit a little before, and also for that* | destruído um pouco antes, como por |
| *wee coulde not Convenientlie Come to doe* | não conseguirmos convenientemente causar-lhes |
| *them anye preuidice, withowt moste loste to our* | nenhum prejuízo sem grande perda a nós |
| *selffes · / I determined to parte from thence ·* | próprios. Determinei que partíssemos de lá |
| *& to goe to a smale Iland some 20 leagues of* | e fôssemos até uma pequena ilha a 20 léguas de |
| *& there to haue fitted all my necessaries and to haue* | distância[I] e lá satisfaríamos todas minhas necessidades e destruiríamos |
| *Caste of the Roobucke for that by noe meanes* | o Roebuck, pois de maneira alguma |
| *her wantes could by me be furnished · and so* | conseguiria suprir suas necessidades[II]. Em |
| *at a seasonable tyme to haue gone for the* | tempo propício sairíamos em direção ao |
| *Straightes of Maggalanus againe which* | Estreito de Magalhães novamente, mas |
| *entention, I muste Confesse I kepte moste* | tal intenção devo confessar que mantive |
| *secret for feare of some mutanye, but shewed* | em total segredo temendo um motim. Expus |
| *the whole Companye that I woulde goe for* | a toda a tripulação que iríamos à |
| *Saint Elena · where wee shoulde mete with* | Santa Helena, onde poderíamos nos encontrar com |
| *the Carackes which Course I well knowe did not* | as Carracas[III], rumo ao qual eu bem sabia que não |
| *muche please them, for they desired nothing* | lhes agradava[IV] muito, uma vez que eles desejavam nada |
| *more then returninge home into England* | mais do que retornarem à Inglaterra |
| *& if I hadd but named the straightes they* | e se eu apenas mencionassem os Estreitos, eles |
| *would fourthewith haue fallen into a most* | imediatamente promoveriam um |
| *extreme mutanye for suche was the* | enorme motim, tais eram |
| *miseries and tormentes they hadd indured · as* | as misérias e tormentas que eles haviam enfrentado, pois |
| *all the best sorte hadd taken an Othe* | todos os melhores homens haviam feito um juramento |
| *vppon a Bible to dye rather then ever* | perante a Bíblia de morrerem em vez de |
| *to yeld theire Consentes to goe backe that* | darem seus consentimentos para voltarem |
| *waye againe: /* | àquele curso novamente. |

[I] Aproximadamente 111 km. (N. do T.)

[II] No caso, refere-se às necessidades da tripulação do *Roebuck*. (N. do T.)

[III] Cavendish se reabasteceu com água e atracou o *Desire* na ilha de Santa Helena em 1588, quando não se encontrou, provavelmente por sorte, com as carracas da *Carreiras da Índia* que normalmente lá atracam na viagem de volta de Goa a Lisboa. Ele poderia considerar tal lugar como sua base mais próxima e mais segura, com alguma esperança ainda de saquear os portugueses.

[IV] A falta de entusiasmo era devida sem dúvida ao fato de que os homens acreditavam que uma vez com suprimentos e reparos necessários, Cavendish poderia muito bem tentar retornar ao Estreito. Uma viagem diretamente à Inglaterra seria condizente com o desejo deles.

**13**

| | |
|---|---|
| *I knowing this · seemed To speake nothinge of that* | Sabendo disso, aparentemente não falei nada daquela |
| *course, but Comforteinge theire despairinge mindes* | rota mas confortei suas almas desesperadas |
| *as well as I mighte · and theire greatest* | o melhor que pude; a maior |
| *greef was for the wante of the smale* | aflição deles era a falta de pequenos |
| *Shippes withowt which they all affirmed* | barcos, sem os quais eles afirmavam |
| *(& that trulye) that wee were able to doe* | (e era verdade) que não poderíamos fazer |
| *nothinge, for the portes where their towns* | nada, pois todos os portos onde ficavam as cidades dos |
| *stand were all barred harbors & that hit* | portugueses eram todos portos de barra e era |
| *was not possible to get anye of these shippes* | impossível conduzir quaisquer destes navios |
| *over them, whereby wee coulde Releve* | até eles, onde poderíamos nos aliviar |
| *our selfles of such wantes as wee were in·* | de todas as privações. |
| *These thinges beinge alleaged· I seemed to* | Alegando tais coisas, eu aparentemente, |
| *passe over as slightlie as mighte be* | entrei o menos possível em detalhes, |
| *but yet Comforted them that wee would* | contudo confortei-os com o fato de que iríamos |
| *presentlie seeke some place of Releve* | imediatamente procurar um local de descanso |
| *with all speede / there was a Portingale* | com toda a diligência. Havia um português |
| *aborde me whoe toke vppon hym to be a* | a bordo comigo que assumiu a responsabilidade de ser |
| *Pilote, hee Cam vnto me, & telled me* | piloto[I]. Ele veio até mim e jurou |
| *vppon his lief that hee would take vppon* | pela sua vida que se responsabilizaria por levar |
| *hym to Carrie bothe my Shippes over* | meus dois navios até |
| *the barre, at Spiritus Sanctus· a place* | a barra no Espírito Santo[II], um local |
| *indede of greate Releef & the onelie* | na verdade para excelente reabastecimento e o único |
| *place in Brasele for vittaile & all other* | local no Brasil para suprimentos e todas outras |
| *wantes that we were [cume] in· / I knowinge verie* | carências por onde passaríamos. Sabia muito |
| *well that if I coulde bringe my shippes* | bem que se pudesse trazer meus navios |
| *within shotte of the Towne I should* | no raio de tiro da cidade, eu poderia |
| *land my men · and farthere hit would not* | pôr meus homens em terra. A isso eles não |
| *be in them to make resistance: the whole* | fariam resistência: toda a |
| *Companye desired this course* | tripulação desejava este rumo, |
| *affirming that there was noe waye* | afirmando que não havia nenhum outro caminho |
| *left to releue all our wantes but this·* | para aliviarmos nossas privações além deste. |

[I] O português provavelmente juntou-se a Cavendish em dezembro de 1591.
[II] Espírito Santo, agora Vitória, ilha de Espírito Santo, lat. 20° 19' S, long. 40° 16' O.

**Comentários:**

O verbo "*seem*" reforça a idéia de que Cavendish tentava causar uma determinada impressão a seus homens nas frases: "*I knowing this seemed To speake nothinge of that course*" e "*I seemed to passe over*".

A partir deste ponto da narrativa, Cavendish começa a utilizar os pronomes "*they*" e "*their*" indiscriminadamente (como na passagem: "*for the portes where their towns stand were...*"), deixando por várias vezes o leitor confuso em relação a quem ele está se referindo. Tomaremos o cuidado de deixar claro em nossa tradução quem são as pessoas a que ele está fazendo referência (em algumas situações são os homens de sua tripulação; em algumas outras, os portugueses, conforme veremos no desenrolar de sua narrativa).

Evitamos a tradução literal da frase: "*but yet Comforted them that wee would presentlie seeke some place of Releve with all speede*" pela redundância do termo "*presentlie*" e "*all speede*". Outra redundância que freqüentemente Cavendish utiliza é "*return again*".

## 14 – A ida ao Espírito Santo

| | |
|---|---|
| *And that there they were in hope to fynde* | Eles tinham esperanças de encontrar |
| *some shippes to repaire the Roobucke againe* | alguns barcos para reparar o Roebuck novamente. |
| *I fyndeinge there willingenes & Chardgeing* | Percebi a disposição deles e responsabilizei |
| *the Portingale vppon his lief to tell me* | o português[I], ao custo de sua vida[II], por me dizer |
| *trulie whethere the Shippes mighte* | se verdadeiramente os navios poderiam |
| *passe over the barre. withowt daunger, hee* | passar pela barra sem perigo. Ele |
| *willed me to take his lief if ever the* | desejava que eu tirasse sua vida se os |
| *Shippes came in lesse water then 5* | barcos encontrassem menos que 5 |
| *fathame with suche Constant affirmations* | braças[III] de água com afirmações tão constantes |
| *as hee desired not to live if hee shoulde not* | que ele não desejaria viver caso ele não |
| *performe this· / I Considering the greatenes* | cumprisse isso. Considerando a dimensão |
| *of our wantes and knowing righte well the place* | de nossas privações e sabendo bem que o local |
| *to be the onelie wished Towne on all the* | era a única cidade que almejávamos em toda |
| *Coste to releve vs, fourthewith gave my* | a costa para nos reabastecermos, dei |
| *consent and thithere wee went leavinge all* | meu consentimento e para lá seguimos, abandonando todas |
| *othere ententions / wee Ankored before the* | outras intenções. Ancoramos antes |
| *Barre, & sent my bote to sound the barre & found* | da barra e enviando meu barco para sondá-la |
| *the depeste water to be but* | encontramos as águas mais profundas não serem superiores |
| *16 & 17 fote the Portingale hym self going* | a 16 e 17 pés[IV]. O próprio português foi |
| *with them all over the Barre the moste* | com eles na barra, e a maior parte das águas |
| *water to be but 3 fathame they Cominge* | não eram mais profundas que 3 braças[V]. Eles retornando |
| *a borde broughte me worde of the truthe* | a bordo trouxeram-me a verdade. |
| *I called for the Portingale & demaunded* | Chamei o português e o questionei |
| *of him whye hee had so lied vnto me hee* | porque ele havia então mentido para mim |
| *affirmed that hee had never sounded the* | e ele afirmou que nunca havia sondado |
| *Barre before & that he hadd brought* | a barra anteriormente, que havia conduzido |
| *in shippes of an 100 tunes & that hee mad[e]* | para dentro navios de 100 toneladas e tinha |
| *accompte there had not bynn lesse water* | constatado que não havia menos água |
| *then 5 fathame· this mishappe was noe* | que 5 braças[VI]. Este infortúnio não foi |
| *smale a maseinge to me & all the Company* | um pequeno espanto para mim e para toda a tripulação. |
| *Considering our distresse for water and* | Levando em conta nosso desespero por água e |
| *other necessaries & that the Rode was* | por outras necessidades e que o fundeadouro era |

[I] O nome deste piloto português era Gaspar Jorge. (N. do T.)
[II] A disposição do português em pôr sua vida em risco teve conseqüências fatais para ele.
[III] 11 metros. (N. do T.)
[IV] entre 4,80 e 5,10 metros. (N. do T.)
[V] Aproximadamente 6,5 metros. De acordo com Anthony Knivet "*Vária Fortuna e Estranhos Fados*" p.35: "*cinco braças d'água*" na barra eram precisas. O mapa moderno mostra um canal dragado na barra que tem uma profundidade que varia de 3,90 a 5,40 metros.
[VI] Knivet diz: "*supôs o general que o luso nos havia traído e, sem nenhuma comprovação, fê-lo enforcar de imediato.*"

**Comentários:**

Nesta passagem onde o piloto português informa Cavendish sobre a profundidade das águas da barra de Espírito Santo é um bom exemplo de que o tradutor, se tiver a intenção de escrever a obra como uma adaptação, pode acrescentar informações baseado no relato do marujo Anthony Knivet: Cavendish não faz menção, mas na verdade ele executa este piloto por ter mentido a respeito da verdadeira profundidade do local.

**15**

| | |
|---|---|
| *So ill as wee were scante able to Ride* | tão ruim que mal podíamos nos deslocar |
| *there, so as wee coulde nethere take in water* | até lá e não poderíamos fazer aguada |
| *nor doe noe othere busines, in this meane* | nem outros serviços, neste ínterim, |
| *tyme while wee were scanninge of those* | analisando estes |
| *matters the Roobuckes Boote rowinge furder* | assuntos, o barco do Roebuck, remando mais |
| *into the Baye see where three shippes were* | para o interior da baía, avista onde três navios estavam |
| *at an Ankor not farre from the Towne. And* | em um ancoradouro não distante da cidade, |
| *Came aborde and broughte me worde thereof* | vem a bordo e me trazem a informação disso, |
| *at which neewes the Companye seemed much* | notícia da qual a tripulação pareceu muito |
| *to Reioyce, & all affirmed that they would* | regozijar e todos afirmaram que iriam |
| *goe with our Bootes & bringe them owt of* | com nossos barcos e os trariam para fora |
| *the harbor / I shewed them howe muche* | do porto. Expus a eles o quanto |
| *the takinge of them imported vs and* | a captura deles nos importava e |
| *telled them that althoughe the daie was* | disse-lhes que embora o dia estivesse |
| *spent yet I thought the nighte not to be* | findo, ainda pensava que a noite não seria |
| *altogethere inconveniente if they* | de todo inconveniente caso |
| *woulde put on mynde to performe hit* | tivessem em mente realizá-la |
| *resolutelie / my reasons were these* | resolutamente. Minhas razões eram as seguintes: |
| *firste they were not so sufficientlie* | Primeiramente, os portugueses não estavam guarnecidos o |
| *provided to defend them selffes at that* | suficiente para defenderem-se naquele |
| *instante as they woulde be in the* | instante o quanto estariam pela |
| *morninge & further I tolde them that* | manhã e além disso disse-lhes que |
| *if they were not able to defend them they* | se os portugueses não estivessem aptos a defenderem-se, |
| *woulde take the principale & best thinges* | eles se apossariam das melhores e principais coisas |
| *owt of them beinge neare the shore &* | dos que estivessem próximo à margem e |
| *that if they hadd wherewith to defend* | se estes tivessem com o que se defender |
| *them selffes hit woulde be lesse offensive* | seriam menos ofensivos |
| *to vs in the nighte then in the daie* | a nós à noite do que de dia, |
| *& wee in greatest securitie, and more* | e nós em maior segurança e mais |
| *offensive to the enimye, especiallie this* | ofensivos ao inimigo, especialmente esta |
| *exploite being to be donne one the water not* | façanha sendo feita na água sem |
| *landeing, these perswations seemed a little* | ir a terra. Essas persuasões pareceram pouco |
| *to move them for they all desired to stai* | comovê-los, já que todos eles desejavam esperar |

**Comentários:**

Mais uma vez neste trecho, o tradutor tem a oportunidade de esclarecer a quem Cavendish está se referindo: "*my reasons were these firste they were not so sufficientlie provided to defend them* selffes at that *instante as they woulde be in the morninge & further I tolde them that if they were not able to defend them they woulde take the principale & best thinges owt of them beinge neare the shore & that if they hadd wherewith to defend them selffes hit woulde be lesse offensive to vs in the nighte then in the daie*", onde produzimos o seguinte texto em português: "Minhas razões eram as seguintes: primeiramente, eles (os portugueses) não estavam guarnecidos o suficiente para defenderem-se àquela hora quanto estariam pela manhã e além disso disse-lhes (aos marujos) que se eles (os portugueses) não estivessem aptos a defenderem-se, eles (os marujos) se apossariam das melhores e principais coisas dos (portugueses) que estivessem próximo à margem e se eles (os portugueses) tivessem com o que se defenderem seriam menos ofensivo a nós à noite do que de dia.

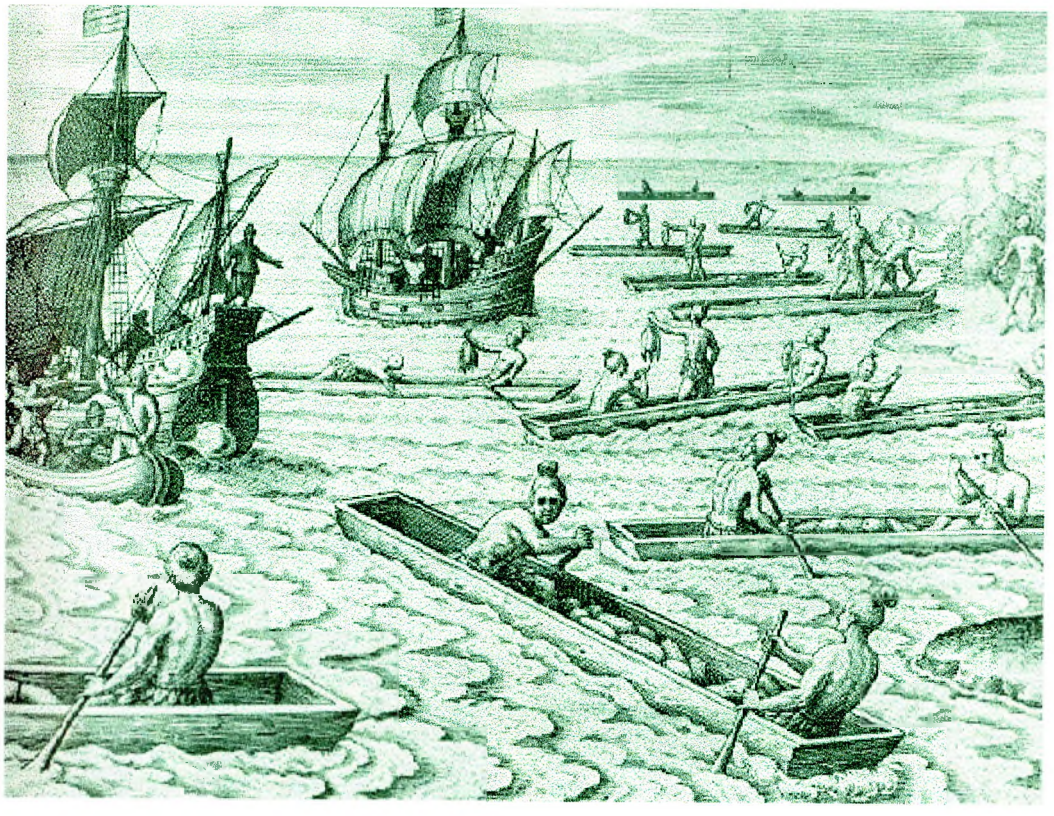
**16**

| | |
|---|---|
| *Till morninge yet some of them prepared* | pelo amanhecer, com exceção de alguns que |
| *them selffes ; Cominge amongste them I* | se prepararam. Indo entre eles |
| *founde them all or for the moste parte* | notei que todos, ou a maior parte deles, |
| *vtterlie vnwillinge to goe that nighte.* | não desejavam ir naquela noite. |
| *Vppon which occasion I confesse I was much* | Sobre esta ocasião, confesso que fiquei |
| *moved & gaue theme some bitter wordes &* | muito furioso e proferi palavras duras a eles e |
| *shewed them our case was not to make* | mostrei-lhes que nosso caso não era o de fazer |
| *detractions but to take that oportunitie* | detrações[1] mas sim aproveitar aquela oportunidade |
| *which was offered vs & not to feare a nighte* | que nos estava sendo oferecida e não temermos mais a |
| *more then a daie & telled theme plainelie* | noite do que o dia e disse-lhes claramente. |
| *that in refusinge of this I coulde staie* | que na recusa de tal oportunidade eu não poderia ficar |
| *there noe longer· for over the barre wee* | lá por mais tempo, já que não poderíamos |
| *coulde not goe & the rode so danngerous* | cruzar a barra, pois o fundeadouro era tão perigoso |
| *as neuer shippes ridde in a wourse / and* | que nenhum outro navio passou por um pior. |
| *further wee see all the Countrey to be fired* | Além do mais, víamos que os moradores daquela região tinham |
| *rounde abowt & that to lande wee* | armas, não conseguiríamos chegar a terra |
| *coulde not withowt vtter spoyle to vs all·* | sem nossa destruição total |
| *for our Bootes were naughte & further* | pois nossos barcos estavam inutilizados |
| *wee coulde by noe meanes be succored by our* | e além disso não poderíamos de forma alguma ser resgatados por |
| *Shippes· / so as I intended to departe the* | nossos navios. Como eu intencionava partir |
| *next mominge from that place· / in the* | na manhã seguinte daquele local, pela |
| *morninge there was almoste an vprore* | manhã quase houve um tumulto |
| *amonge theme the moste of them swereing* | entre eles, a maioria deles jurando |
| *that if I woulde not giue them leave* | que se eu não os permitisse sair, |
| *they would take the Bootes & bring away* | eles pegariam os barcos e trariam |
| *those shippes of them selffes· / I Coming* | os navios por eles mesmos. Indo |
| *amongste theme begane to Reprehend* | até eles comecei a repreendê-los |
| *them for theire Rashenes & tolde them* | por sua precipitação e disse-lhes |
| *that nowe all oportunitie was paste* | que agora todas as oportunidades haviam |
| *& that nowe they muste be Contented* | se passado e que deveriam contentar-se |
| *for goe they should not· they much* | pois não deveriam ir. Muito |
| *importuned me & some of the Chefest* | me importunaram e alguns de seus líderes |
| *of them desired me with teares in their eies that* | me pediram com lágrimas nos olhos |
| *they might goe, affirming that there* | que eu permitisse que eles fossem, afirmando que lá |

[1] calúnias,difamações. (N. do T.)

**Comentários:**

Como a frase "*and further wee see all the Countrey to be fired rounde abowt*" não teria sentido se fosse transportada ao português de forma literal, o tradutor tem a possibilidade de entrar em mais detalhes e explicar que os portugueses poderiam atirar neles de qualquer lugar da cidade. Nota-se que na frase "*bring away those shippes of them selffes*" Cavendish provavelmente queria dizer "*by themselves*". Este tipo de utilização da preposição "*of*" no lugar da preposição "*by*" é notória no inglês seiscentista (Early Modern English).



Cavendish repele um ataque de nativos. Gravura de autoria desconhecida.

17

| | |
|---|---|
| *Was noe dannger to be feared at all, for if they* | não havia nenhum perigo a ser temido, já que se eles |
| *were not able to take them the woulde* | não fossem capazes de tomá-los, eles |
| *Retume againe and that to departe withowt* | retornariam e que partir sem |
| *attempinge to doe this was a thing that* | tentar fazer isso era algo que |
| *moste greatelie greved them, I knowing* | muito os afligia. Eu sabendo |
| *Righte well that if they landed not they* | bem que se eles não descessem a terra eles |
| *coulde receave noe preiudice for if their* | não poderiam sofrer prejuízo, se seus |
| *shippes hadd bynn able to have withstoode* | navios pudessem suportá-los, |
| *them it was in their power to goe* | fugir dos portugueses, dependeria da capacidade de meus |
| *from them beinge starke Calme, and* | homens, estando o mar calmo. |
| *farder I knewe that noe shippes vseth* | Além disso, sabia que nenhuma embarcação |
| *Brasele that be able to defend them selffes* | utilizada no Brasil seria capaz de defender-se[I] |
| *from a Cocke boote muche lesse that they* | nem mesmo de um pequeno bote[II]; muito menos |
| *shoulde be of force to offend theise botes* | teriam força para atacarem estes barcos, |
| *wherein there were so manye musketers* | que tinham tantos mosqueteiros |
| *as coulde sit on by one othere. / I seeing* | quantos coubessem sentados um ao lado do outro. Notando |
| *there greate Importunitie was Contented* | que a grande perturbação deles havia sido satisfeita |
| *to give theme leave to goe & this was* | em dar-lhes minha permissão para partirem, foi |
| *my Chardge to Captaine Morgane to* | minha incumbência ao capitão Morgan[III], |
| *whome at that present I lefte my directions* | ao qual no momento eu deixei minhas instruções, |
| *that firste vppon paine of his lief hee* | que primeiro, ao custo de sua vida, ele |
| *shoulde not lande at all what oportuniti* | não deveria ir a terra, qualquer que fosse a oportunidade |
| *so ever there was offered & that if hee* | e se ele avistasse |
| *see anye dannger in Cominge to these* | qualquer perigo em chegar até aqueles |
| *Shippes that hee should attempt noe* | navios, ele não deveria tentar nada |
| *furthere but retume aborde agayne· /* | mais, mas sim retornar a bordo. |
| *but Contraryewise if hee see that the* | Contudo, se ao contrário ele notasse que |
| *place was suche as wee might land withowt* | o local era tal que pudéssemos descer a terra sem |
| *two much disadvantage, & if that wee might* | muita desvantagem e |
| *land on plaine ground free from woodes* | em terreno aberto, sem florestas ou |
| *or Busshes hard a fore the towne that* | matas próximas da cidade, |

[I] Enquanto alguns dos senhores de engenho eram bem armados, havia poucas embarcações no Brasil engajadas em atividades de proteção ou equipadas para deterem saqueadores estrangeiros. Ocasionalmente era enviada uma embarcação de guerra espanhola para patrulhar a costa, quando comerciantes e invasores ingleses e franceses encontravam-se em ação.

[II] O menor de dois barcos de um navio era chamado de bote se ele carregasse mais de duas pessoas. A comparação aqui é irônica.

[III] Não é possível identificar quem é o capitão Morgan aqui mencionado.

**Comentários:**

Neste trecho Cavendish também não deixa claro de quem ele está falando: "*their shippes hadd bynn able to have withstoode them it was in their power to goe from them beinge starke Calme*". Temos a concepção de que ele queria dizer o seguinte: "Eu sabendo bem que se eles (os marujos) não descessem a terra, eles (os marujos) não poderiam sofrer prejuízo, se seus navios pudessem suportá-los (os portugueses), fugir dos portugueses, dependeria da capacidade de meus homens, estando o mar calmo."

## 18 – O massacre no Espírito Santo

| | |
|---|---|
| *Then he would presentlie repaire vnto me* | então ele retornaria imediatamente até mim |
| *againe & I and so manye as these badd botes* | e eu e o máximo de homens que aqueles péssimos barcos |
| *woulde Carie, woulde presentlie land vppon* | carregassem, iríamos imediatamente a terra até |
| *them, thus my bootes departed from me* | eles. Deste modo meus barcos partiram |
| *haveinge some 80 men as well furnished* | com aproximadamente 80 homens, guarnecidos |
| *with weapons as hit is possible to sorte* | com armas o máximo possível. |
| *suche an number withall, nowe yow shall* | Agora tu |
| *vnderstande that in the nighte the* | entenderás que durante a noite |
| *Portingales hadd haled theire shippes hard* | os portugueses haviam ancorado seus navios próximos |
| *a fore the Towne, the River where* | à cidade. O rio[I] onde |
| *the Towne stoode on was not a bove a burde* | a cidade ficava não distanciava mais que um tiro de |
| *Bolte shotte over & halfe a myle from the towne where* | besta[II] à nossa frente e meia milha[III] da cidade para onde |
| *the Shippes Rode the nighte wee Came* | os navios haviam se dirigido na noite em que chegamos. |
| *in, they had neewe Caste vppe two* | Eles haviam construído duas |
| *smale trenches on eache side the River* | pequenas trincheiras em cada uma das margens do rio; |
| *one where they hadd planted some* | uma onde fixaram |
| *2 small bases· a peece vppon a hill: right* | 2 pequenos canhões[IV] em uma colina. Bem |
| *over them was thicke woodes & greate* | acima deles havia florestas densas, grandes |
| *Rockes so that if anye were possessed of* | pedras, de modo que se algumas estivessem em posse |
| *them they mighte but tumble stones downe* | deles poderiam apenas rolá-las para baixo |
| *& beate awaye a 1000 men, the trench* | e afastar 1000 homens. Da trincheira |
| *on the wester side of the River shoote* | da margem oeste do rio atiraram |
| *at our Bootes once or twise: vppon that* | em nossos barcos uma ou duas vezes. Por causa disso, |
| *the began to bethincke with them selffes* | eles começaram a pensar no |
| *what to doe, captayne Morgan affirmenge* | que fazer. Capitão Morgan afirmava |
| *the place to be verie narrowe & that* | que o local era muito estreito e que |
| *they Coulde not well passe hit withowt* | eles não conseguiriam passar sem |
| *dannger Consideringe the manye men in* | perigo, levando-se em conta o número de homens |
| *theire Bootes & also the Chardge which I* | em seus barcos. Além disso, a ordem que eu |
| *hadd given was such, as if they see* | havia dado era tal que se eles avistassem |
| *anye daunger they should presentlie* | qualquer perigo, deveriam voltar imediatamente |
| *Repaire aborde & certifie me & not to* | a bordo e me alertar a não |

[I] O rio a que Cavendish se refere é o canal que contorna a ilha de Vitória, onde atualmente se localiza a capital homônima no Estado de Espírito Santo. (N. do T.)

[II] Um tiro de besta equivaleria a distância percorrida por uma flecha leve usada para caçar pássaros. Era uma distância relativamente pequena.

[III] Meia milha náutica equivale a 921 metros. (N. do T.)

[IV] Pequenos canhões do tipo inglês, tinham boca de 1,25 polegadas (3,17 cm) e lançavam um projétil de meia libra (226 g)

**Comentários:**

Alteramos a tradução da frase "*the trench on the wester side of the River shoote*" para "da trincheira na margem oeste do rio atiraram em nossos barcos uma ou duas vezes", pois não acreditamos que o sujeito da frase possa ser a trincheira, mas sim homens que de lá atiraram nos navios de Cavendish.

**19**

| | |
|---|---|
| *Passe anye farder till they had vnderstoode* | prosseguirem até eles terem conhecimento |
| *my farder determination · this Master Morgane* | de minha próxima decisão. Mestre Morgan |
| *made knowne amongste them, vppon* | os deixou conscientes disso e |
| *this · some of hare braine sailers begane* | alguns marujos precipitados começaram |
| *to sweare that they never thoughte other* | a afirmar que eles nunca pensariam em outra coisa |
| *then that hee was a Cowarde & nowe hee* | além de que ele era um covarde e que ele |
| *well shewed hit that durste not land* | mostrava bem isso em não ousar ir a terra |
| *vppon a bable diche as they tearmed hit · /* | a uma defesa tão fraca[1], como eles assim a denominaram. |
| *vppon this the gentleman was verie muche moved* | Em relação a isso, o senhor Morgan ficou muito irado |
| *& annswered them that they should fynd* | e respondeu que eles não deveriam |
| *hym to be none suche as they accompted* | considerá-lo |
| *him · & that Come what could happen* | assim e acontecesse o que tivesse que acontecer, |
| *him he woulde lande: vppon this in* | ele iria a terra. Após isso |
| *they put the Bootes betweene the two* | eles posicionaram os barcos entre as |
| *sconces that on the easter thei had not seene* | trincheiras (a do leste eles não tinham visto) |
| *& the Bootes beinge hard vppon hit were* | e os barcos, estando perto delas, foram |
| *shote at and in the beggest Boote they* | alvejados por tiros. No barco maior dois foram |
| *hurte two & killed one with that shote /* | feridos e um morto com aqueles disparos. |
| *vppon this they determined that the* | Depois disso, decidiram que o |
| *smale Boote with theire Companye* | barco pequeno e sua tripulação |
| *should lande on the wester syde & the* | deveriam ir à terra no lado oeste e o |
| *other to lande on the easter side · the* | outro barco ir ao lado leste. O |
| *smale Bote landed firste & that plac* | barco pequeno chegou primeiro à margem, e aquele local |
| *haueinge but fewe in hit · they being not* | tendo poucos homens, incapazes |
| *able to defend them selffes Rane away* | de defenderem-se, fugiram |
| *so that our men entred peaceable withowt* | de modo que nossos homens entraram pacificamente sem |
| *hurte of anye · the other bote drawinge* | nenhum ser ferido. O outro barco, fazendo muita |
| *muche water was a ground before shee* | água, encalhou antes |
| *Came neere the Shore so as they that* | de chegar próximo à terra e como lá |
| *landed were fayne to wade above* | desceram, foram obrigados a andarem com dificuldade |
| *knee highe in water · nowe the place* | com água acima do joelho. Agora, o lugar |

[1] "*A bauble ditch*" no sentido literal seria "uma bugiganga de fosso" mas no linguajar de escárnio contemporâneo equivaleria a dizer "um fosso de brinquedo", sem valor para defesa.

**Comentários:**

A expressão "*hare braine sailers*" neste contexto tem o sentido de "marujos precipitados".

A tradução da frase "*to wade above knee highe in water*" também precisa incluir, pela falta de um verbo exato no português equivalente a "*wade*", uma explicação mais detalhada, como "andarem com dificuldade com água acima do joelho".

**20**

| | |
|---|---|
| *Or sconce was in highe somme 10 fote made of* | ou trincheira tinha por volta de 10 pés de altura[I], feita |
| *stone (Captaine Morgan more resolute then* | de pedra. O capitão Morgan, mais resolutamente do que |
| *discreeteli) scaled the wale and 10 more with* | prudentemente, escalou o paredão com 10 outros |
| *him, which wente owt of the bote together, then* | que saíram juntos do barco. Então |
| *the Indians & Portingales shewed them selffes* | os índios[II] e portugueses apareceram |
| *and with greate stones from over the trenche* | e com grandes pedras de cima das trincheiras, |
| *killed Morgan & 5 more & the reste of them* | mataram Morgan e mais 5. O resto dos meus marujos |
| *beinge sore hurte retired to the bote, which by* | sendo feridos, retrocederam ao barco, que neste momento |
| *this tyme was so filled with Indian arrowes* | era tão atingido por flechas dos índios |
| *as of 45 men beinge in the boote there escaped* | que, de 45 homens, nem 8 escaparam |
| *not 8 of them vnhurte some havinge 3 arrowes* | ilesos, alguns deles com 3, |
| *stickeinge in them some 2· and there was none* | outros com 2 flechas no corpo. Nenhum escapou |
| *which escaped with one wounde, the furie of those* | sem pelo menos um ferimento, a fúria destas |
| *arrowes cominge so thicke & so manye of them* | flechas tão intensa e numerosas, que |
| *beinge spoyled the put the Boote from the shore* | sendo atingidos, eles tiraram o barco da margem e |
| *leaveinge the reste on lande a spoyle for the* | deixaram o resto em terra, vulneráveis aos indígenas. |
| *Indians, by this tyme there Came 2· bootes full of* | Neste momento chegaram 2 barcos cheios |
| *lustie Portingales & some spaniardes they* | de portugueses fortes e alguns espanhóis[III]. Eles |
| *knowinge the sconce on the wester side to be* | sabendo que a trincheira do oeste estava com |
| *weaklie manned, came with theire bootes to* | poucos homens, foram com seus barcos até |
| *the fortes side where my men had entred* | o lado do forte onde meus homens haviam entrado. |
| *not knowinge as hit should seeme that* | Não sabendo, aparentemente, que |
| *our men had taken hit, they let them Come* | nossos homens o haviam tomado, eles deixaram |
| *with theire bootes harde to the fortes side· one* | os portugueses virem com seus barcos próximo ao forte. Um deles |
| *of them Rune a shore which was fullest of men* | correu à margem que estava com mais homens e |
| *then our men let flye theire musketes at them* | então nossos homens atiraram neles com seus mosquetes |
| *& spoyled & killed all that were in* | e arruinaram e mataram todos que se encontravam |
| *that Boote, the other seinge theire fellowes* | naquele barco. Os outros portugueses vendo seus companheiros |
| *speeded so ill Rowed backe againe with all their* | em má situação, remaram de volta com toda sua |
| *force & gotte the Towne againe: in this* | força e voltaram à vila novamente. Nesse |
| *meane tyme the greate boote beinge gotten* | ínterim o grande barco foi |
| *of· the Called to them in the sconce and* | alcançado. Eles chamaram meus homens que estavam na trincheira e |
| *willed them to forsake the forte and to* | desejavam que eles abandonassem o forte, |

[I] Por volta de 3 metros. (N. do T.)

[II] O povo desta região eram aparentemente membros da tribo Tupiniquim, pertencente ao grupo Tupi-Guarani.

[III] Pode ser que tenha sido chamado um reforço espanhol ou que tenha sido simplesmente os espanhóis que residiam no Espírito Santo. Não foi feito qualquer menção a espanhóis por parte de M. del Barco Centenara no "*Argentina y Conquista del Rio Plata*".

**Comentários:**

A tradução do trecho:

*"they knowinge the sconce on the wester side to be weaklie manned, came with theire bootes to the fortes side where my men had entred not knowinge as hit should seeme that our men had taken hit they let them Come with theire bootes harde to the fortes side · one of them Rune a shore which was fullest of men then our men let flye theire musketes at them & spoyled & killed all that were in that Boote, the other seinge theire fellowes speeded so ill Rowed backe againe with all their force & gotte the Towne againe: in this meane tyme the greate boote beinge gotten of"*

pode ficar totalmente ineficiente se não for esclarecido a quais grupo de pessoas Cavendish se refere.

**21**

| | |
|---|---|
| *Come & helpe them for they toulde them that all* | que viessem e os ajudassem, pois contaram aos marujos que se |
| *their men were spoyled and slaine, vppon this* | salvaram que todos os portugueses haviam sido dizimados e mortos. |
| *the straighte Came owt of the sconce againe* | Devido a isso, os que estavam na trincheira saíram imediatamente |
| *and retired to theire boote, they rushinge in* | de lá e retornaram a seu barco, e precipitando todos juntos |
| *altogethere into the boote shee Came one ground* | no barco fez com que ele encalhasse e |
| *so that of they coulde not gett hir / but some* | desta maneira não conseguiram sair com ele. Todavia, alguns |
| *muste goe owt of her againe 10 of the* | tiveram que sair dele. Saíram 10 dos homens mais |
| *lustiest men went owt again & by that* | fortes e neste |
| *tyme the Indians were Come downe into the* | momento os índios desceram novamente ao |
| *forte againe & shotte at our men, they which* | forte e atiraram em nossos homens. Os que |
| *were a lande perceaveinge the arrowes flye* | estavam em terra, percebendo as flechas voarem |
| *amonge them rane againe at the forte syde* | entre eles, correram novamente em direção ao forte |
| *& shotte in at the loope hole with their* | e atiraram através das seteiras com seus |
| *musketes / by this the bote was gotte of, and* | mosquetes. Neste momento o barco já havia partido e |
| *one, that was Master of the Roobucke a moste* | um deles, que era o mestre do Roebuck[1], o desgraçado mais |
| *Cowardlie villaigne that euer was borne* | covarde que já nasceu de uma mulher, |
| *of a woman he Caused them in the bote to Ro[we]* | fez com que os que estavam no barco remassem e assim deixassem |
| *awaye & so lefte those braue, men a spoyle* | aqueles bravos homens como um espólio aos portugueses. Contudo, |
| *for the Portingales yet the waded vppe to the* | os meus homens que se encontravam em terra tentaram, com água |
| *neckes in the water to them & yet these* | até o pescoço, alcançá-los e mesmo assim aqueles desgraçados |
| *merciles villaignes in the Boote would haue* | impiedosos no barco não tiveram |
| *noe pittie on them · theire excuse was* | pena deles. A desculpa deles foi |
| *that the Bote was so full of water that* | a de que o barco estava com tanta água que |
| *had they Come in shee woulde haue suncke* | se eles tivessem subido ele teria afundado |
| *with all them in her / thus vielye were* | com todos nele. Desta maneira vil |
| *these poore men loste · and by this tyme* | aqueles pobres homens foram perdidos. E neste momento |
| *they which were landed on the other side·* | eles que haviam ido a terra no outro lado, |
| *the greate bote not beinge able to Rowe ner[e]* | (o grande barco não podendo remar mais perto |
| *the shore to releue them, were killed with* | da margem para socorrê-los) foram mortos com |
| *stones by the Indians, beinge thus* | pedras pelos índios, sendo assim |

[1] Possivelmente Robert Tharlton

**Comentários:**

Notamos que Cavendish faz uma narrativa dramática neste trecho, sem atentar à clareza da mensagem que tenta transmitir:

"*Come & helpe them for they toulde them that all their men were spoyled and slaine, vppon this the straighte Came owt of the sconce againe and retired to theire boote, they rushinge in altogethere into the boote shee Came one ground so that of they coulde not gett hir / but some muste goe owt of her againe 10 of the lustiest men went owt againe & by that tyme the Indians were Come downe into the forte againe & shotte at our men, they which, were a lande perceaveinge the arrowes flye amonge them rane againe at the forte syde & shotte in at the loope hole with their musketes*".

O tradutor deve deixar a descrição mais clara ao leitor, especificando mais uma vez quais são os grupos envolvidos em tal ação:

"...que viessem e os ajudassem (os marujos), uma vez que contaram a eles (os marujos que se salvaram) que todos seus homens haviam sido arruinados e mortos. Devido a isso, eles ( os marujos) saíram imediatamente da trincheira novamente e retornaram a seu barco, e precipitando todos juntos no barco, ele encalhou e desta maneira não conseguiram sair com ele (o barco). Todavia, alguns (dos marujos) tiveram que sair dele. Saíram dez dos homens mais fortes e neste momento os índios desceram novamente ao forte e atiraram em nossos homens. Os que estavam em terra percebendo as flechas voarem entre eles ( os próprios marujos), correram novamente em direção ao forte e atiraram através das seteiras com seus mosquetes".

**22**

| | |
|---|---|
| *Willfullie & vndiscreetelie spoyled, which you* | dizimados de forma deliberada e escandalosa, que tu |
| *maye well perceave if you loke into theire* | podes bem perceber se tu vês a |
| *landeinge especiallie in suche a place as they* | chegada deles a terra, especialmente em tal local, uma vez que |
| *coulde not escape killinge with stones· they* | não puderam escapar da morte a pedradas. Eles |
| *Returned a borde againe, haveinge loste 25* | retornaram a bordo tendo perdido 25 |
| *men whereof 10 of them were lefte a shore* | homens, dos quais 10 foram abandonados em terra |
| *in suche sorte as I haue showed you· / When* | da maneira conforme lhe expus. Quando |
| *the bootes Came to the shippes side, there were* | os barcos chegaram ao lado do navio, havia menos de |
| *not 8 men in the biggest boote which were not* | 8 homens no barco maior os quais não estavam |
| *moste grevouslie wounded. I demanndeing* | muito gravemente feridos[1]. Perguntei-lhes |
| *of them the cause of all theire mishappes* | o porquê de seu infortúnio |
| *& howe they durste lande Consideringe my* | e como eles ousaram ir a terra, considerando minha |
| *straighte Comanndement to the Contrarie /* | ordem em contrário. |
| *they annswered me that there was noe fault* | Eles me responderam que não era culpa |
| *in Captaine Morgane, but the greatest* | do capitão Morgan, mas que a principal |
| *occasion of all this spoyle vnto them happened* | ocasião de toda esta desgraça sobre eles devia-se |
| *vppon a Controuersie betweene the Captaine* | a uma controvérsia entre o capitão |
| *and those souldiers that landed with him, &* | e aqueles soldados que haviam ido a terra com ele e |
| *were killed at the forte, for theire ill speaches &* | que foram mortos no forte. As sugestões maléficas |
| *vrgeinge of Captaine Morgane was the cause* | que induziram o capitão Morgan eram o motivo |
| *that he landed Contrarie to my Comanndement* | dele ter ido a terra em contrário à minha ordem e que |
| *& vppon suche a place as they all Confessed* | em tal lugar, como eles confessaram, |
| *40 men were sufficient to spoyle 500. I lev[e]* | 40 homens seriam suficientes para dizimar 500. Deixo-te |
| *hit to yourself to Iudge of what a sighte hit* | julgares qual era o cenário |
| *was to mee to see so manye of my beste men* | para mim em ver muitos dos meus melhores homens |
| *thus willfullie spoyled havinge not lefte* | desta forma deliberadamente dizimados, não restando |
| *in my Shippe 50 sounde men· so as we we[re]* | em meu barco 50 homens sadios. Como não |
| *noe more than able to waye our Ankors which* | podíamos fazer nada além de levantarmos âncoras, o que |
| *wee the next mominge did· & fyndeinge hi[t]* | fizemos na manhã seguinte, encontramos |
| *Calme we were Constrained to Come to an anco[r]* | calmaria e fomos forçados a ir a um ancoradouro. |

[1] Knivet dá, respectivamente, 80 e 40 sobreviventes, quase que todos com pelo menos um ferimento. M. del Barco Centenara (*Argentina y Conquista del Rio de la Plata*) diz que 110 foram mortos enquanto que John Vicent diz 8, incluindo um irlandês e um homem chamado Robert Arundell que foram tomados como prisioneiros.

**Comentários**

Nota-se que o tradutor pode optar no português para traduzir o termo "*spoil*", como aparece no trecho "*the greatest occasion of all this spoyle vnto them*" ou em outras passagens da narrativa, como "matança", "ataque" e, nesta passagem específica, como "desgraça", sem contudo alterar o sentido do original.

## 23 – O retorno à ilha de São Sebastião

| | |
|---|---|
| *Againe for my onelie intention was to gett* | novamente, uma vez que minha única intenção era sair |
| *owt of that badd Rode & to put of into the* | daquele péssimo fundeadouro[I], irmos de mar |
| *sea & there to determye what to doe, for* | afora e lá determinarmos o que fazer, já |
| *that place was not for vs to tarie in for the* | que aquele local não era para nós permanecermos e que |
| *Rode was so badde as wee were not able to* | o fundeadouro era tão ruim que não conseguiríamos |
| *helpe our selues with a bootes ladeinge of freshe* | nos abastecer com um carregamento de água fresca, |
| *water whereof wee stoode in noe smale* | do que estávamos em grande falta. |
| *wante of: in this daies staye in the Roode I* | Nestes dias ficando no ancoradouro, |
| *comforted these distressed poore men what* | confortei esses pobres homens perturbados como |
| *I mighte, and I founde moste of theire* | pude e constatei que o maior de seus |
| *desires to returne againe into Englande /* | desejos era retornar à Inglaterra. |
| *I let them vnderstande howe wee* | Comuniquei-lhes como |
| *woulde go backe againe to the Ilande of Saynt* | voltaríamos à ilha de São |
| *Sabastion, and there wee woulde water &* | Sebastião[II], lá meteríamos água e faríamos |
| *doe our other necessarie busines · and there* | todos outros serviços necessários. Lá |
| *to make a resolute determinacion of the* | tomaríamos uma decisão resoluta do resto |
| *reste of our proseedinges · this course* | de nossos procedimentos. Esse curso |
| *seemed to like them all verie well, but the* | pareceu agradar-lhes muito bem, mas a |
| *Companye in the Roobuck instantelie* | tripulação no Roebuck imediatamente |
| *desired nothinge more then to returne* | desejou nada mais do que retornar |
| *home, all alfirminge that hit was pittie* | à Inglaterra, afirmando que seria uma pena |
| *such a shippe shoulde be caste of, but* | tal embarcação ter que ser destruída. |
| *in truthe hit was not of anye Care of* | Na verdade não era nenhuma preocupação |
| *the shippe but onelie of a moste Cowardlie* | com o navio e sim apenas o pensamento mais covarde |
| *mynde of the Master and Cheefeste of the* | do mestre[III] e líder da |
| *Companye to retume home · / nowe yow shall* | tripulação em retornar à Inglaterra. Agora tu |
| *vnderstande that the Captaine was verie* | saberás que o capitão[IV] estava muito |
| *sicke & synce the tyme that the shippe* | doente e desde o momento em que o navio |

[I] Esta desculpa não parece ser justificada, já que a enseada de entrada do Espírito Santo não é atualmente conhecida por qualquer dificuldade em oferecer ancoradouro.

[II] O canal de São Sebastião oferece um ancoradouro seguro e grande, e sua entrada situa-se na latitude 23° 43' S e longitude 45° 24' vindo do norte, entre a ilha de São Sebastião e o continente.

[III] Possivelmente Robert Tharlton

[IV] Capitão John Cocke (primo de Thomas Cavendish)

**Comentários:**

Cavendish várias vezes usa a expressão "*to returne home*" quando se refere a voltar à Inglaterra. Cosideramos que o mais correto seja utilizar o nome do país (Inglaterra) ao invés da tradução literal da palavra "*home*" (lar), uma vez que muitos dos marujos que faziam parte dessas expedições não tinham lares e comumente eram pessoas errantes.

## 24 – A tripulação do Roebuck abandona Cavendish

| | |
|---|---|
| *Loste hir mastes shee became the moste* | havia perdido seus mastros, ele tornou-se a embarcação |
| *laborsome shipp that ever did swyme in* | mais trabalhosa que já navegou |
| *the sea so as hee was not able to indure in* | nos mares, então o capitão não conseguiria suportar |
| *her · & at that present laye a borde my shippe* | ficar no seu navio e naquele momento se encontrava enfermo no meu |
| *so as theire was non of anye truste or* | navio, de modo que não havia sobrado ninguém de confiança ou |
| *accompte lefte in her · / but souche was the* | responsabilidade no dele. Mas tal era |
| *case of that shippe beinge withowt sailes* | a situação daquele navio (encontrando-se sem velas, |
| *mastes or anye manner of tackle as in* | mastros ou cordame) que |
| *the sence & Iudgemente of anye man* | no senso e juízo de qualquer homem |
| *liveinge there did not live that desperate* | vivo, não haveria no mundo homens de tal maneira |
| *minded men in the worlde which in that* | desesperados que, na |
| *case she was then in woulde haue ventered* | situação em que o barco se encontrava, teriam se aventurado |
| *to haue sayled in her half so farre as* | a viajarem metade da distância |
| *Englande, and if shee doe retume hit* | até a Inglaterra e se ele voltar, |
| *is in my opinion the most admirable* | em minha opinião, será o retorno mais admirável |
| *returne that ever shippe made, being so* | que algum navio[I] já fez, estando tão |
| *farre of & in her case / these villaynes* | longe e naquela situação. Aqueles desgraçados |
| *haveinge lefte in my shippe all their hurte* | deixaram no meu barco todos os homens |
| *men, & haveinge aborde of them both the* | feridos e levaram a bordo consigo |
| *surgeons, I haueinge not one in my owne* | os dois cirurgiões[II]. Eu não tinha nenhum em meu próprio |
| *Shippe which did knowe howe to laye a* | navio que soubesse fazer |
| *plaster to a wounde much lesse to Cure* | um curativo em um ferimento muito menos curá-los |
| *anye by salues / & further they having* | com remédios. Além disso, eles tinham |
| *in theire shippe three tymes the proportion* | no Roebuck 3 vezes a quantia |
| *of my vittaile wherein Consisted the oneli* | de meus víveres, que consistia o único |
| *Relefe & Comforte of all my Companye,* | suprimento de toda nossa tripulação. |
| *these moste harde harted villaynes* | Estes maldosos desgraçados |
| *determined that nighte amongste them* | naquela noite decidiram por si mesmos |
| *selues to lose me at there next convenient* | me abandonar no próximo momento conveniente |
| *tyme the Could espye · & in this case* | que eles pudessem notar e assim |

[I] Contudo o *Roebuck* retornou a salvo à Inglaterra e não há evidência de que ele estivesse em más condições quando do seu regresso.

[II] Afirmava-se que um dos cirurgiões curava com palavras. Um deles pode muito bem ter sido Thomas Lodge, o escritor, que mais tarde conseguiu sua titulação de Doutor em Medicina e talvez tenha tido alguma experiência como cirurgião de navio. As indicações levam a crer que ele estava no *Roebuck*

**Comentários:**

Quando Cavendish menciona que "*as hee was not able to indure in her · & at that present laye a borde my shippe so as theire was non of anye truste or accompte lefte in her*" julgamos que devemos fazer alguns acréscimos em nossa tradução, deixando claro quais são os navios mencionados e a situação em que se encontra o capitão John Cock, o resultado seria assim:
"então o capitão não conseguiria suportar ficar no seu navio e naquele momento encontrava-se enfermo no meu, de modo que não havia sobrado ninguém de confiança ou responsabilidade no dele".
Simplificamos também a expressão "*Relefe & Comforte*" em nossa tradução para "suprimento".

**25**

| | |
|---|---|
| *To goe for Englande, leaveinge vs in the moste greatest distres that ever one christian lefte a nothere* | irem à Inglaterra, abandonando-nos na maior desgraça que algum cristão já deixou um outro. |
| *in · for wee had all her hurtte men in vs, and we had taken owt of hit the beste parte of her men not longe before, so as in runinge from vs the not onelie Caried awaye our surgons & all their provision, but also the vittaile where in consisted all our Relefe and Comforte haveinge in them at theire departure but* | Uma vez que tínhamos todos homens feridos do Roebuck entre nós, e havíamos tirado dele a melhor parte de seus homens não muito tempo atrás, fugindo de nós eles não apenas levaram nossos cirurgiões e todo nosso provisionamento, mas também os víveres que representavam todos nossos suprimentos tendo entre eles em sua partida somente |
| *46. men · Carieinge awaye with them the proportion for 6 monethes vittaile for 120 men at lardge / I leaue you to Consider of this part of theires & the miserable case I was lefte in with so manye hurte men so fewe vittaile & my bote beinge so badde as 6 or 7 men Continuallye baylinge water, were scante able to kepe hir from sinckeing. & mend hir wee coulde by noe meanes before we recovered some shore / for had not these villaynes in the Roobucke that nighte we Roode in this Baye suffered their Bote to Run a shore with Irishe men which went a shore to betraye vs, I had taken hir Bote & suncke this greate naughtie bote, such was the greatenes of our mishappes as wee were not lefte with the Comforte & hope of a bote to releue our selues withall wee not haueinge lefte in the shipp not 3 tunes of water for a 140 men the moste whereof beinge hurte and sicke* | 46 homens e levando consigo a quantidade para 6 meses de suprimentos para mais de 120 homens[I] no mar. Deixo-te julgares esta atitude deles e a situação miserável em que fui abandonado, com muitos homens feridos, poucos víveres e meu barco tão ruim, que com 6 ou 7 homens continuamente a achicarem, mal conseguiam evitar que afundasse, já que conservá-lo não poderíamos de maneira alguma, antes de voltarmos a terra. Se na noite em que entramos nesta baía estes desgraçados no Roebuck não tivessem permitido seu barco ir até a terra com irlandeses[II] (que foram até lá para nos trair), eu teria tomado e afundado este barco amaldiçoado, tal era o tamanho de nosso infortúnio pois não havíamos sido deixados com o conforto e esperança de um barco para utilizarmos. Não tínhamos no navio nem 3 tonéis de água para 140 homens, na sua maioria feridos e doentes. |

[I] Se a alegação de Cavendish de que o *Roebuck* tinha suprimentos para 120 homens for correta, fica claro que as duas embarcações ao todo tinham suprimentos para seus 186 homens por 4 meses no mínimo para que, proporcionando um retorno seguro à Inglaterra, a despeito da vontade do próprio Cavendish.

[II] Estes irlandeses faziam parte da tripulação e, durante a noite saíram da ilha, remaram até o continente, fazendo assim contato com os portugueses.

**Comentários:**

Em relação ao trecho: "*for had not these villaynes in the Roobucke that nighte we Roode in this Baye suffered their Bote to Run a shore with Irishe men which went a shore to betraye vs, I had taken hir Bote & suncke this greate naughtie bote, such was the greatenes of our mishappes as wee were not lefte with the Comforte*", achamos interessante incluirmos uma nota de rodapé esclarecendo ao leitor sobre a manobra dos irlandeses.

26

| | |
|---|---|
| *Wee putinge owt of the Roode the next daie, they the same nighte, in this case lefte vs, & as I suppose they coulde not accompte otherwise, then that wee shoulde neuer agayne be harde on, the next morninge lokeinge for the Roobucke shee Coulde noe where be seene / I leue to yow to Iudge in what plighte my Companye was in, being nowe destitute of surgons vittailes & other Relefe which in truthe was so greate a discomforte vnto them, as they held them selues as deade men as well whole as hurte, the scantnes of water made vs that we coulde not seeke after them but were inforced to seeke to this Iland with all possible speede haveing to beat backe againe thither 200 leagues which place god suffered vs to gette, with our laste Caske water· the poore men beinge moste extremelie pynched by wante thereof where after wee had a litle refreshed our selues wee presentlie mended our Bote in such sorte as with greate labor & dannger we broughte 40 tunes of water a borde, & in the meane tyme searcheinge our store of Ropes tackle and sayles, we founde our selues vtterlie vnfurnished bothe of Ropes & sayles which accident pleased the Companye not a little, for by these wantes they assuredli accompted to goe whome, then makeinge a survaye of the vittaile wee found to be Remayneinge in the Shippe accordeing to the Rate wee then lived at 14 wiekes vittayles lardge / haveinge Rigged our shippes in such sorte as our smale store woulde furnishe vs* | Saindo daquele pouso no dia seguinte, eles na mesma noite, nesta situação nos abandonaram e como suponho, eles não poderão afirmar o contrário. Assim nunca teríamos notícias deles novamente. Na manhã seguinte, procurando pelo Roebuck, ele não pôde ser visto em lugar nenhum. Deixo-te julgares qual era o sofrimento de nossa tripulação, estando agora destituída de cirurgiões, víveres e outros suprimentos. Na verdade, era tão grande o desconforto entre eles que tanto os homens sãos quanto os feridos se consideravam mortos. A escassez de água fez com que não pudéssemos ir atrás deles e fomos forçados a procurar esta ilha[I] o mais rápido possível, tendo barlaventeado de volta até lá por 200 léguas[II], local que Deus nos permitiu atingir com o último barril de água e os pobres homens encontrando-se extremamente aflitos pela falta dela. Lá, após termos nos reabastecido um pouco, imediatamente consertamos nosso barco de tal maneira, com grande trabalho e perigo, trouxemos a bordo 40 tonéis de água. Nesse interim, verificando nosso estoque de cordas e velas, descobrimos que estávamos totalmente desprovidos de tais, fato que não agradou à tripulação nem um pouco e por essas deficiências eles seguramente afirmaram ir para a Inglaterra. Depois, fazendo um levantamento dos víveres, encontramos restar na nau, de acordo com a proporção com a qual vivíamos, víveres para 14 semanas. Mastreamos nossas naus de maneira que nossa pequena reserva nos serviria, |

[I] Ilha de São Sebastião

[II] Légua é uma medida que variava com a época e com os povos. Se Cavendish refere-se à légua marítima padrão, 200 léguas equivaleria aproximadamente a 1.111 km. Levando-se em conta que ele se refere à distância entre Vitória e a ilha de São Sebastião, sua estimativa estava bem próxima da realidade. (N. do T.)

**Comentários:**

Quando Cavendish escreve: "*in the meane tyme searcheinge our store of Ropes tackle and sayles*", o tradutor pode omitir, como fizemos, a redundância da palavra "*ropes*" e "*tackle*". Ambas significam "cordas".

27

| | |
|---|---|
| *Which was moste maynelie, for we had but 4* | que era bastante escassa por termos somente 4 |
| *sayles our spritte sayle & foretoppe sayle being* | velas. Nossa vela frontal e nossa vela superior estavam |
| *wanteinge, which two the shippe moste princip* | faltando, e estas eram as duas principais |
| *allye loueth, & those which wee had (except* | do navio. As que tínhamos (com exceção |
| *hir mayne saile) were more then half worne* | da vela principal), estavam com mais da metade rasgada. |
| *in this poore case beinge furnished & our water* | Guarnecidos neste péssimo estado e tendo feito |
| *beinge taken in, my Companye knowinge* | aguada, minha tripulação, conhecendo |
| *my determination which was to hale my bote* | minha decisão de trazer meu barco |
| *a ground & buylde her neewe · / they fourthwith* | a terra e construir um novo, então |
| *openlie begane to murmer & muten, affirming* | começou abertamente a murmurar e a amotinar-se, afirmando |
| *plainelie that I neede not mende the bote,* | claramente que eu não precisava consertar o barco |
| *for they woulde goe home & then there* | pois eles iriam para Inglaterra e deste modo não |
| *shoulde be noe vse of hir, I heareinge these* | haveria utilidade para o barco. Ouvindo estas |
| *speaches thoughte hit was nowe tyme* | afirmações, achei que era o momento |
| *to loke amongste them, Called them together* | de encará-los. Reuni-os |
| *& telled them that althoughe wee had many* | e contei-lhes que, embora havíamos tido muitos |
| *mishappes fallen vppon vs, yet I hoped* | infortúnios sobre nós, eu ainda esperava |
| *that there myndes woulde not in such sorte* | que os ânimos deles não fossem desta maneira |
| *be overcome · with anye of these misfortunes* | abalados por nenhum destes infortúnios e |
| *that they woulde goe abowt to vndertake* | que eles não fossem tentar nenhum |
| *anye base or disordered Course but that they would* | curso vil ou desconhecido mas que |
| *cheerefulli goe forewarde to atempte ether* | avançassem com ânimo para tentarem tanto |
| *to make them selues famous in resalutelie* | tornarem-se famosos por morrerem |
| *dyeinge, or in liveinge to performe that which* | resolutamente como por viverem para realizar algo para |
| *wilbe to theire perpetuall reputations · &* | perpetuar suas reputações. |
| *telled them the more wee attempted beinge* | Disse-lhes que quanto mais tentássemos, encontrando-nos |
| *in so weke a case, the more if wee* | em uma condição tão fraca, maior (se a realizássemos) |
| *performed woulde be to our honours, but* | seria nossa honra, contudo de forma |
| *Contrarie wise if wee dyed in atempeing* | contrária, se morrêssemos tentando, |
| *wee did but that which wee Came for, which* | nós não faríamos nada além de nosso propósito, |
| *was ether to performe or dye / and then* | que era o de realizarmos (a viagem) ou morrermos. Então |

**Comentários:**

Consideramos que a palavra "*maynelie*" nesta página seja "*meanely*" conforme a edição de Purchas, o que seria equivalente no contexto como "escassa".

Na frase "*was ether to performe or dye*" incluímos o objeto (viagem) o que proporciona uma maior compreensão ao leitor (...que era o de realizarmos a viagem ou morrermos).

## 28 – A recusa dos homens de Cavendish em voltarem ao Estreito

| | |
|---|---|
| I shewed them my determinacion to goe againe | expus a eles minha determinação de voltar |
| for the straightes of Magalanus which wordes were | ao Estreito de Magalhães[I], palavras as quais |
| noe sooner vttered but fourthewith they all | nem bem foram ditas e imediatamente todos eles, |
| with one consente affirmed plainelie they woulde | de forma unânime, afirmaram claramente que nunca |
| never goe that waye againe, and that they would | iriam naquela direção novamente e que preferiam |
| all rather staie a shore in that desarte Iland | ficar naquela ilha deserta |
| then in such case to goe for the straightes | do que, em tal situação, irem aos Estreitos. |
| I soughte by peaceable meanes to perswade them | Procurei de forma pacífica persuadi-los |
| showinge them that in goinge that waye wee | mostrando-lhes que indo àquela direção |
| shoulde releue our vittailes by salteinge of | poderíamos incrementar nossos víveres salgando |
| sailes & birdes which they did well knowe wee | focas[II] e aves, o que eles bem sabiam que |
| mighte doe in greater quantitie, then our | poderíamos fazer em maior quantidade do que nosso |
| shippe Coulde Carrie, & furder if wee gotte | navio poderia carregar e ademais, se atravessássemos |
| thorrow the straighte which wee mighte now | o Estreito, que agora poderíamos fazer |
| easelie performe Consideringe wee had the | facilmente considerando que teríamos |
| Cheefest parte of sommer before vs, wee could | a maior parte do verão pela frente, poderíamos |
| not but make a moste riche viage and | não só fazer uma viagem muito esplêndida como |
| also mete againe with the two smale | também encontrar com os dois pequenos |
| shippes which were gone from vs & that hit | navios que haviam se separado de nós. |
| was but 600 leagues thither & to goe into | Não seria uma distância maior que 600 léguas[III] até lá, e ir à |
| England they had 2000· and furder that | Inglaterra seriam 2.000 léguas[IV]. |
| they shoulde be moste infamous to the world | Além disso, seriam muito infames ao olhos do mundo |
| that beinge within 600· leagues of the place | por estarem a 600 léguas do local |
| which wee so muche desired, to retume home | que tanto desejávamos[V] e daqui voltarem para casa |
| a gaine so farre, beinge moste infamous | tão distante, tornando-se muito infames e |
| & beggerlie / these perswacions toke noe | desprezíveis. Tais argumentos não tiveram efeito |
| place with them, but moste boldelie they | entre eles, e muito definidamente |
| all affirmed that they hadd sworne that | todos eles afirmaram que haviam jurado |
| they woulde neuer goe agayne to the | que nunca mais retornariam ao |
| straightes, nether by noe meanes would they | Estreito, qualquer que fosse a maneira. |
| & one of the Chiefest of their faction | Um dos líderes da facção deles, |
| moste proudelie & stubbornelie vttered | de maneira muito convencida e teimosa me disse |

[I] Cavendish desta maneira continua a demonstrar determinação em seguir sua rota original. É difícil determinar sua sinceridade quando afirmava esperar que seus homens aceitassem suas propostas. Torná-los preocupados, neste momento, faz com que ele resguarde sua reputação quanto à coragem e tenacidade.

[II] Carne de foca e de pingüim salgada como alimentação no porto San Julian

[III] Ele calcula a distância da Ilha de São Sebastião até o Estreito em 1.800 milhas náuticas (3.333 km), notoriamente subestimada.

[IV] Sua estimativa da distância até a Inglaterra de 6.000 milhas (11.112 km) foi superestimada. De alguma forma ele direciona as evidências de acordo com o que seja interessante a ele.

[V] Novamente um argumento alterado. O lugar que eles desejavam atingir não era o Estreito de Magalhães mas sim as Filipinas ou a costa da China, a uma distância muito maior.

**29**

| | |
|---|---|
| *Theise wordes to my face in presence of all the* | tais palavras na presença de todo o |
| *reste, which I seeinge & fyndeinge my owne* | resto, quando eu observei e percebi minha própria |
| *faction to be so weake for their were not any* | facção ser tão fraca, por nenhum deles |
| *that favered my parte but my poore Coussen* | me apoiarem além de meu pobre primo |
| *Cocke & the master of the Shippe, I toke this* | Cocke e o mestre da nau[I]. Tomei este |
| *boulde Companion by the bosome & with my* | marujo atrevido pelo colarinho e com minhas |
| *owne handes put a Rope abowt his necke* | próprias mãos passei uma corda ao redor de seu pescoço, |
| *meaneinge resolutelie to strangle him for* | com a intenção resoluta de enforcá-lo, pois |
| *weapon abowt me I had none / his Companions* | não tinha nenhuma arma perto de mim[II]. Seus companheiros |
| *seinge one of their Cheif Champions in this* | vendo um de seus líderes nesta |
| *case & perceiveinge me to goe roundelie to* | situação e percebendo que eu ia claramente |
| *worke with him they all Came to the master &* | confrontá-lo, dirigiram-se todos ao mestre e |
| *desired him to speake, afiirminge they* | quiseram que ele falasse, afirmando que |
| *would be Redye to take anye course that I* | estariam prontos a tomar qualquer curso que eu |
| *should thincke goode of· / I heareinge of* | considerasse bom. Ouvindo |
| *this staied my self & let the fellowe goe* | isso parei e soltei o homem |
| *after which tyme I found them some thing* | e após tal ocasião os notei um pouco |
| *Conformable at leaste in speaches· thoughe* | conformados, pelo menos pelo que falavam, embora |
| *a monge them selues they still murmured at* | entre eles ainda murmuravam em relação a |
| *my intentions· thus haveing some thing* | minhas intenções. Portanto, tendo de certa forma |
| *pascified them & perswaded them, that by noe* | os apaziguado e os persuadido, de maneira |
| *meanes I woulde take anye other course:* | alguma seguiria um outro curso |
| *then to goe for the straightes· / I toke a shore* | além de irmos ao Estreito. Levei a terra |
| *with me 30 souldiers & my Carpenters Carieng* | comigo 30 soldados e meus carpinteiros[III] e |
| *14 daies vittailes with me for them, thus* | víveres para 14 dias. Assim |
| *goinge a shore I halled vppe my Boote to* | indo a terra, atraquei meu barco para |
| *neewe buyld her in suche sorte as shee* | para restaurá-lo[IV] de forma que ele |
| *might be able to abide the seaes, leveing* | pudesse estar apto a suportar os mares, deixando |
| *A borde all my saileres & the Rest to Rigge the* | a bordo todos meus marujos e o resto para mastrearem a |
| *Shippe & mend sailes & to do other busines* | nau, consertarem as velas e fazerem outros serviços. |

[I] Aparentemente Steven Seaver.

[II] Cavendish claramente não controla seu temperamento neste momento e sua atitude mal pode ser classificada como disciplinar.

[III] Cavendish também levou vinte homens quase que moribundos à margem. Abandonou-os lá para serem deixados a sua própria sorte, conforme Knivet relata.

[IV] Cavendish necessitaria construir um fosso de serrador para cortar madeira e provavelmente uma fornalha para forjar pregos.

**30**

| | |
|---|---|
| *And nowe to let yow knowe in what case I laye* | Agora vou contar-te em qual situação me encontrava |
| *a shore amonge these base men. you shall* | em terra entre esses homens ordinários. Tu |
| *vnderstand that of these 30 their were verie* | verás que destes 30, havia muito |
| *fewe of them which had not rather haue gonne* | poucos que não preferiram ir |
| *to the Portingales then to haue remained with* | até os portugueses a ficar |
| *me, for there were some, which at my being* | comigo, pois alguns, durante minha estada |
| *a shore were makeinge Rafes to goe over to* | em terra, fizeram balsas para irem até |
| *the mayne, which was not A mile over* | o continente, que não distanciava mais de uma |
| *where the Portingales had continuall watch* | milha[1], onde os portugueses mantinham vigilância |
| *of vs, lokeinge but for a fitte oportunitie to set* | contínua sobre nós, observando uma oportunidade para |
| *vppon vs / beinge in this case alwaies* | nos atacarem. Encontrava-me nesta situação, sempre |
| *expectinge the cominge of the Portingales* | esperando a chegada dos portugueses, |
| *againste whome I could haue made smale* | contra os quais eu poderia ter oferecido pouca |
| *Resistance, and further the trecherie of* | resistência e também a traição daqueles |
| *some of my Companye which desired nothing* | de minha tripulação que não desejavam nada |
| *more then to steale over so to betraye me* | mais do que sair sorrateiramente para me traírem. |
| *I protest I liued howerlie as hee that* | Reafirmo que vivi cada minuto como alguém que |
| *still expecteth deathe, in this case I* | esperasse a morte. Nessa situação |
| *made all the speede I coulde to make an end* | fiz o mais rápido possível para terminar |
| *of my Bote that wee mighte be able to Rowe her* | meu barco de forma que poderíamos remá-lo |
| *a borde which in 12 dayes wee maynelie finished* | a bordo. Em 12 dias ele estava em sua maior parte acabado. |
| *which beinge downe · I Came a borde & found all* | Estando pronto, fui a bordo e encontrei todos |
| *my busines in goode forwardenes, so I* | preparativos em bom avanço, de modo que |
| *determined with all possible speede to despatch* | determinei, com toda a presteza, |
| *& be gone for the straightes of Magalane,* | partirmos para o Estreito de Magalhães. |
| *But or euer wee Could gett in all our water* | Enquanto providenciávamos toda nossa água, |
| *& tymber woode and other necessaries, An* | madeira e outros suprimentos, |
| *Irishe man a noble villaigne haveing made* | um irlandês (um grande desgraçado), tendo construído |
| *a Rafe, gotte ouer to the mayne & telled the* | uma balsa, foi até o continente e contou aos |
| *Portingales which were there watcheing* | portugueses (que estavam lá observando |
| *nothinge but an oportunitie, that if they* | nada além de uma oportunidade) que se eles |

[1] 1 milha náutica eqüivale à 1.842 metros. Ele refere-se à largura do canal de São Sebastião no ponto em que se encontrava. (N. do T.)

## 31 – Os portugueses atacam Cavendish em Ilhabela

| | |
|---|---|
| *Woulde goe over in the nighte they shoulde* | se aproximassem à noite, eles deveriam |
| *fynde moste of our men a shore withowte* | encontrar a maioria de nossos homens em terra |
| *weapon · & that they mighte doe by theym* | desarmados e poderiam fazer o que bem |
| *what they woulde · / Vppon this they the next* | entendessem. Após isso, na noite seguinte |
| *nighte Came over & haveinge taken some of our* | eles vieram e capturando alguns de nossos |
| *men, they broughte them where they rest* | homens, estes os conduziram até onde o resto descansavam |
| *laye, which they moste Cruellye killed, the* | os quais eles mataram muito cruelmente, sendo eles |
| *moste beinge sicke men not being able to* | na maioria doentes que não podiam |
| *sturre to helpe them selues, those which were* | defender-se. Aqueles que estavam |
| *a shore more then the sicke men had stollen* | em terra, em maior número do que os doentes, haviam |
| *owt of the shippe, for hit was all my Care* | saído do navio por isso meu cuidado em |
| *to kepe them A borde knoweinge well that* | mantê-los a bordo, sabendo bem que |
| *they Portingales soughte to spoyle vs, the* | os portugueses procuravam nos atacar, já que o |
| *place beinge so fitte for them, which was all* | local era muito adequado a eles, repleto |
| *over growen with woodes & busshes · as their* | de árvores e matas. Seus índios[I] |
| *Indians mighte goe & spoyle vs with their* | poderiam vir e atacar-nos com suas |
| *Arrowes at theire pleasure And wee not* | flechas como quisessem e nós não |
| *be able to hurte one of them · / in the morning* | poderíamos ferir nenhum deles. Pela manhã, notando a chegada dos |
| *perceaveinge their Cominge I sent my boote* | portugueses, enviei meu barco |
| *A shore & rescued all my helthefull men* | à terra e resgatei todos meus homens saudáveis, |
| *but fyve / which they found owt in the night* | com exceção de cinco[II], os quais os portugueses encontraram à noite |
| *withowt weapons to defend them, wherof* | sem armas para se defenderem. |
| *beside the losse of our men, wee haveing* | Além da perda de nossos homens, não tínhamos |
| *but 4 sailes loste one a shore which was noe* | mais que 4 velas e perdemos uma em terra, o que não |
| *smale mishappe amonge the reste · /* | foi um pequeno infortúnio entre os outros. |
| *The Portingales went presentlie againe* | Os portugueses voltaram imediatamente |
| *over to the mayne, but lefte their Indians* | ao continente, mas deixaram seus índios |
| *to kepe in the busshes A bowt the watering place,* | nas matas próximas ao local de aguada. |
| *our men going A shore were* | Nossos homens indo a terra foram |
| *shotte at & hurte & Could by noe meanes* | alvejados e feridos e não puderam de maneira alguma |

[I] Os índios dos portugueses.
[II] Os homens que não estavam aptos foram deixados a suas próprias sortes, inclusive Knivet entre eles.

**Comentários:**

Nesta página percebemos mais três passagens onde o tradutor pode esclarecer a quem Cavendish se refere:

1) "*Came over & haveinge taken some of our men, they broughte them where they rest*" - "os portugueses aprisionaram alguns homens de Cavendish e os (portugueses) fizeram-nos levar até onde outros ingleses estavam".

2) "*in the morning perceaveinge their Cominge*" – "os homens de Cavendish perceberam a chegada dos portugueses".

3) "*which they found owt in the night*" – "que os portugueses descobriram".

**32**

| | |
|---|---|
| *Come to hurte them againe by reason of the wood* | revidar devido às árvores e |
| *and busshes, wherefore fyndeinge my men* | matas. Portanto, eu encontrando meus homens |
| *hurte & that by any meanes I coulde doe* | feridos, não podia de maneira alguma fazer |
| *nothinge there withowte more lose of men* | algo lá sem a perda de mais homens |
| *which I had noe neede of, for I had not lefte above* | (o que seria desnecessário); por não me restar mais que 90 homens. |
| *90· men or little over, I notwithstandinge my wantes* | Eu não suportando minha falta |
| *of woode & water & my bote beinge not* | de madeira e água e meu barco (não estando |
| *sufficientlie mended was in noe possibilitie to* | suficientemente reparado) não podendo |
| *doe me pleasure, in this case was I forced to* | me servir nesta situação, fui forçado a |
| *departe, fortune neuer ceaseinge to laye her* | partir; o destino nunca deixando de me cobrir |
| *greateste aduersities vppon me / but nowe I* | com grandes adversidades. Mas agora |
| *am growne so weake & fainte as I am scarce* | me encontro tão fraco e debilitado que mal |
| *able to holde the penn in my hande, Wherefore* | consigo segurar a pena em minha mão. Por isso |
| *I muste leue you to inquire of the reste of* | devo te deixar questionar o resto de nossos |
| *our moste vnhappie proseedeinges: / but* | tão infelizes procedimentos. |
| *knowe this that for the straightes I could* | Saiba que para o Estreito eu não consegui |
| *by noe meanes get my Companie to giue* | de maneira alguma fazer com que minha tripulação desse |
| *their Consentes to goe, for after this* | seu consentimento para ir após esse |
| *misfortune and the wante of our sayles* | infortúnio e pela falta de nossas velas, que era |
| *which was a chief matter, they alleaged* | algo importante, conforme eles alegavam. |
| *& to tell you truthe all the men lefte in the* | Para contar-lhe a verdade, todos os homens restantes no |
| *shippe were noe more then able to waye our* | navio não conseguiam fazer mais do que levantar |
| *Ankors / but in truthe I desired nothing more* | nossas âncoras e verdadeiramente eu não desejava nada além |
| *then to attempte that course rather desireinge* | do que tentar aquele curso, preferindo |
| *to dye in goinge forwarde then baselie in* | morrer indo adiante a, de modo vil, |
| *Returneinge backeward againe / but god* | retornar. Mas Deus |
| *woulde not suffer me to dye so happye a man* | não me permitiu morrer como um homem feliz, |
| *althoughe I sought all the waves I could* | embora procurasse de todas as maneiras poder |
| *still to atempte to performe some what, for* | tentar fazer isso, pois |
| *after that by noe meanes I see they coulde* | após tal episódio, percebi que de maneira alguma eles |
| *be brought to goe for the straightes haveing* | poderiam ser conduzidos a seguirem ao Estreito, tendo |

**Comentários:**
Nestas duas passagens emularemos a edição de Purchas para incluir as informações adicionais em parênteses:

1) "*there withowte more lose of men which I had noe neede of, for I had not lefte above 90 men or little over*" – "sem a perda de mais homens (o que seria desnecessário); por não me restar mais que 90 homens"

2) "*my bote beinge not sufficientlie mended was in noe possibilitie to doe me pleasure*" – "meu barco (não estando suficientemente reparado) não podendo servir-me nesta situação"

**33**

| | |
|---|---|
| *So manye reasonable occasions to alleage againste m[e]* | muitas ocasiões razoáveis para alegarem contra mim: |
| *as they had, firste haveinge but 3 sayles and the* | Primeiro, tínhamos apenas 3 velas, o |
| *place subiect to such furiouse stormes & the lose* | local sujeito a tais temporais furiosos, a perda |
| *of one of these was deathe, & furthere our bote* | de uma das velas seria fatal e nosso barco |
| *was not sufficientlie repaired to abide the* | não estaria suficientemente reparado para suportar os |
| *seaes, and laste of all the fewnes and wekenes* | mares. Por último o pouco número e a fraqueza |
| *of our Companye wherein wee had not lefte* | de nossa tripulação, da qual não restaram |
| *30 sailers, these causes beinge alleaged Against* | 30 marujos. Estes motivos sendo alegados contra |
| *me I, coulde not well annswere, but I* | mim, não pude rebatê-los adequadamente, mas |
| *Resolued them playnelie that to England I* | decidi claramente que para a Inglaterra eu |
| *woulde neuer giue my consent to goe, and* | nunca daria minha permissão para prosseguirmos, e |
| *that if they woulde not take such Courses as* | caso eles não tomassem os cursos |
| *I entended, that then i was determined that* | conforme eu intencionava, então eu estaria determinado |
| *shippe and all shoulde sincke in the seaes* | que aquele navio e tudo mais deveriam afundar nos mares. |
| *togethere · / vppon this they begane to be more* | Em face a isso eles começaram a ser mais |
| *tractable & then I shewed them that I* | tratáveis e então lhes expus que |
| *woulde beate for Sainte Elena · / And there* | bordejaríamos até Santa Elena[I] e lá |
| *ethere to make our selffes happie by mending* | nos daríamos por felizes, tanto por nos restabelecermos |
| *or endinge · / This course in truthe pleased* | quanto por perecermos. Este curso na verdade |
| *none of them · & yet seeinge my determinacion* | não agradava a nenhum deles, contudo vendo minha |
| *& supposeinge hit woulde be more daunger to* | determinação e supondo que seria mais perigoso |
| *Resiste me then in seemeinge to be willing,* | resistirem a mim do que aparentemente estarem dispostos a |
| *they were at quyet, vntill I had beaten* | seguirem ao Estreito, eles ficaram quietos até eu ter percorrido |
| *from 29 degrees to the southewarde of the* | de 29 a 20 graus em direção ao sul do |
| *equator to 20 at which tyme I fyndin[g]* | Equador[II], quando notei |
| *that I was to farre northerlie to haue* | que estava muito ao norte para ter |
| *goode wynde, I called them to tacke abowt* | bons ventos. Chamei-os para virarem o navio |
| *the Shippe to the southewarde Againe* | de bordo em direção ao sul. Novamente |
| *they all plainelie made Annswere the* | eles claramente responderam que |
| *would not & that they had rather dye* | não e que preferiam morrer em tal local |
| *there then be starued in seekeing a[n]* | a morrerem de fome à procura de uma |

[I] Santa Helena situa-se na lat. 15°58'S e long. 5°43'O. O próprio mapa de Cavendish mostra a ilha próxima a sua latitude correta mas um pouco mais à leste de sua verdadeira localização.

[II] Cavendish precisaria estar um pouco mais distante da costa brasileira na lat. 20°, a não ser que ele tivesse navegado por algum tempo na direção do vento, o que suas velas e cordames estragados aparentemente não o permitiriam. De outra forma, os ventos sudeste o levaria de volta à costa nordeste do Brasil.
Navegar em direção a 29°S não seria de grande valia para ele, a menos que pudesse dirigir-se bem a leste antes do momento em que se direcionou ao norte novamente.

**Comentários:**

O tradutor no trecho "*ethere to make our selffes happie by mending or endinge*" pode tentar manter a rima. Escolhemos a expressão "*tanto por nos restabelecermos quanto por perecermos*".

## 34 – A tentativa de alcançar a ilha de Santa Helena

| | |
|---|---|
| *Ilande which they thoughte that wave wee* | ilha[I], que eles pensavam que naquele percurso nós |
| *shoulde never get, what meanes I vsed to* | nunca alcançaríamos. Os meios que usei para |
| *to stand againe to the southeward I leve yow to* | mantermos novamente em direção ao sul, te deixo |
| *inquir[e]* | questioná-los. |
| *of them selues, but from the latitude of 20 I* | Contudo da latitude de 20° eu |
| *beate backe againe into 28 with such* | barlaventeei de volta a 28°, com tais |
| *contrarye wyndes as I suppose neuer man* | ventos contrários[II] que suponho que nenhum outro homem |
| *was trobled with the like so longe a tyme* | já foi atormentado por tanto tempo. |
| *to gethere, beinge in this latitude I found* | Encontrando-me nesta latitude, percebi |
| *the winde fauorable & then I stoode againe* | o vento favorável e então me mantive novamente |
| *to the northeward willinge the Master and* | em direção ao norte, desejando que o mestre e |
| *his Companye to sayle east northe east* | sua tripulação navegasse a leste-nordeste[III]. |
| *& they in the nighte (I beinge a sleepe) stered* | À noite (eu estando dormindo) eles viraram |
| *northe easte & meere northerlie, witwithstand[e]* | a nordeste um pouco mais para norte[IV] e não obstante |
| *ing all this moste vyle vsage wee gotte* | este procedimento tão vil, chegamos |
| *within 60 leagues of the Iland & had the winde* | a distância de 60 léguas da ilha de Santa Helena e se o vento |
| *fauored vs so as that wee mighte haue stemmed* | tivesse nos favorecido de modo que pudéssemos ter |
| *from 18 degrees to 16 east northe easte wee* | diminuído de 18 para 16 graus leste-nordeste, teríamos |
| *had founde the Ilande but it was not godes* | encontrado a ilha[V]. Contudo não foi desejo |
| *will so greate a blessinge should befale me · /* | de Deus que bênção tão grande caísse sobre mim. |
| *beinge nowe in the latitude of the Iland* | Estando agora na latitude da ilha, |
| *almoste 80 leagues to the westewarde of hit* | quase a 80 léguas[VI] à oeste da mesma, |
| *the winde beinge continuallye at east southe* | com ventos contínuos a leste-sudeste, |
| *Easte the moste contrariest wynd that could* | os mais contrários que poderiam |
| *blowe, I presentlie made a survaye of my vittayle* | soprar[VII], eu imediatamente avaliei meus víveres |
| *& found that accordinge to that proportion of* | e descobri que de acordo com aquela quantidade de |
| *vittaile which wee then lived at there was* | suprimentos, da qual naquele momento vivíamos, não havia |
| *not lefte in the Shippe 8 wiekes vittaile* | sobrado no navio víveres para 8 semanas. |
| *which being so farre from Relefe was as I* | Esses víveres, encontrando-nos tão longe de reabastecimento, |
| *suppose As smale A portion as euer men* | eram, conforme supunha, a menor porção que homens |
| *were At in the seaes being so vncerten of* | já tiveram no mar. Encontrando-nos tão incertos de |

[I] Sta. Helena

[II] Ele havia saído dos ventos Sudeste para os do norte e do oeste do sistema de alta pressão do Atlântico Sul. Os efeitos destes ventos podem muito bem terem sido ampliados por uma tempestade vinda do norte.

[III] Talvez ele tenha entrado na faixa dos ventos sudeste com os quais possibilitaria atingir, se seu curso estivesse correto, Santa Helena (embora sua estimativa da latitude tenha sido errônea).

[IV] De nordeste-leste para nordeste equivale a uma manobra de 67°30' para 45°. Pode ser que toda a frase "nordeste um pouco mais para norte" (*northe easte & meere northelie*) seja equivalente a Nordeste por Leste, que equivale a 33°45', embora "nordeste um pouco mais para norte" possa ser apenas uma aproximação grosseira de alguns ventos indefinidos mais ao norte que nordeste.

[V] Se sua estimativa estivesse relativamente correta, ele estaria por volta de 600 milhas náuticas (1.105 km) de distância da ilha.

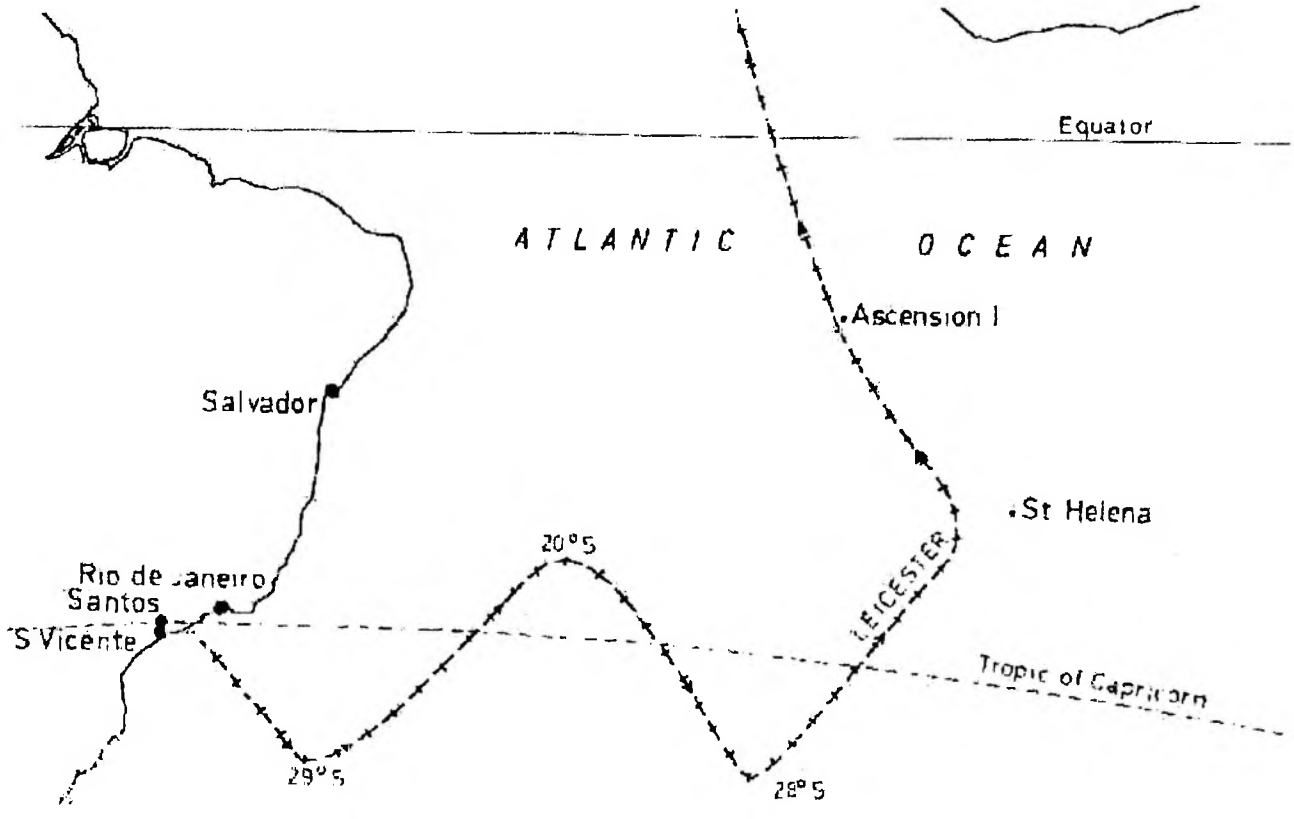
[VI] 444 km.

[VII] Tais ventos fariam com que ele, em sua localização, navegasse diretamente contra os próprios ventos, o que seria inviável.

**Comentários:**

Cavendish escreve "*witwithstand/e/ing*" mas consideramos, para efeito de tradução, a palavra utilizada por Purchas em sua edição que é "*notwithstanding*".

Para elucidar o trajeto percorrido por Cavendish neste ponto em que ele tenta atingir a ilha de Santa Helena, torna-se interessante visualizar o seguinte mapa:




Mapa desenhado por Alan Hodgkiss

## 35 – A morte do primo John Cock

| | |
|---|---|
| *Relefe, I demaunded of them whether they woulde* | de reabastecimento, pedi-lhes para tanto |
| *venture like goode minded men to beate to the* | aventurarem-se, como homens de sã consciência, a barlaventear |
| *southewarde againe to get this Iland, where* | em direção ao sul novamente para alcançarmos aquela ilha, onde |
| *wee shoulde not onelie releue our selues but also be* | não apenas deveríamos nos reabastecer como também |
| *in full assurance ethere to sincke or take a* | termos a certeza de ou afundarmos ou tomarmos uma |
| *Carracke·/ & that by this meanes wee should* | carraca[I] e desta maneira deveríamos |
| *haue A sufficient revenge of the Portingal[es]* | obter uma vingança adequada dos portugueses |
| *for all their villanyes donne vnto vs, or that* | por todas as tiranices que eles nos haviam inflingido, ou |
| *they woulde pynche & bate half the allowance* | eles[II] consumiriam somente metade da quantidade[III] de ração |
| *they had before & so to goe for England, they* | que haviam recebido até agora e desta forma seguirem para a |
| *all annswered me the woulde pynche to death* | Inglaterra. Todos me responderam que preferiam diminuir a ração |
| *rather then goe againe to the Southeward·/* | até morrerem a voltarem em direção ao sul. |
| *I knowinge their dispositions & haueinge liued* | Conhecendo as disposições deles e tendo convivido |
| *amongst them in such continuall tormente* | entre eles em tão contínuo tormento |
| *& disquitenes, and nowe to tell yow of my* | e inquietação, agora te contarei sobre minha |
| *greatest greef which was the sickenes of my* | maior aflição que era a enfermidade de meu |
| *deare kynsman Iohn Cock whoe by this* | querido parente John Cocke, que neste momento se |
| *tyme was growne in greate weaknes by* | encontrava em grande fraqueza e devido |
| *Reason whereof hee desired rather quietnes* | a isto ele desejava mais silêncio e |
| *and Contentednes in our Course, then such* | harmonia em nosso curso. Por tal |
| *continuall disquietnes which never ceassed me* | contínua inquietude que nunca se findava, |
| *& nowe by this what with greif for hym &* | minha contínua aflição por ele |
| *the Continuall troble I indewred amongst* | e o contínuo transtorno que eu suportava entre |
| *such hel houndes ·my spirit was Cleene spent* | tais demônios, meu ânimo estava totalmente exaurido, |
| *wishinge my self vppon any desarte place* | desejando estar em qualquer local deserto |
| *in the worlde there to dye, rather then* | do mundo e lá morrer em vez de |
| *thus basely to returne home agayne·/ which* | retornar de modo vil a Inglaterra. Pus tal |
| *Course I had put in execution, had I found* | curso em execução e se encontrasse |
| *an Iland which the Cartes make to be in 8* | uma ilha que as cartas indicam estar a 8 |
| *degrees to the southeward of the lyne, I* | graus ao sul da linha do Equador[IV]. |

[I] Como já indicado, Santa Helena ficava na rota e era local de reabastecimento da *Carreira da Índia* de Goa a Lisboa.
[II] Os homens de Cavendish (N. do T.)
[III] Quantidade de ração diária (N. do T.)
[IV] A ilha era *Ascensão*, latitude 7°57'S longitude 14°22'O. Sua localização é dada com certa precisão no próprio mapa de Cavendish.

**Comentários:**

Apesar do termo "*Lyne*" poder ser traduzido como "linha" em português, uma vez que era utilizado somente esta denominação para a linha do Equador, julgamos que fica mais claro para o leitor se escrevêssemos "linha do Equador".

Quando Cavendish escreve "*so to goe for England*", traduzimos o verbo "*go*" para a terceira pessoa do plural (em referência aos marujos) pois ele deixa expresso que de modo algum voltaria para a Inglaterra.

**36**

| | |
|---|---|
| *Sweare to you I soughte hit with all diligenc[e]* | juro que a procurei com toda diligência, |
| *meaneinge if I had found hit to haue there* | intencionando, caso a tivesse encontrado, lá |
| *ended my vnfortunate lief, but god suffered* | pôr fim à minha desafortunada vida, mas Deus não permitiu |
| *noe suche happines to lighte vppon me, for I* | tal felicidade iluminar-se sobre mim já que |
| *coulde by noe meanes fynd hit so as I was* | não pude de maneira alguma encontrá-la. Então como fui |
| *forced to goe towardes England, & haueinge* | forçado a seguir para a Inglaterra, tendo |
| *gotten 8 degrees beneathe the lyne I loste my* | alcançado 8 graus[I] abaixo da linha, perdi meu |
| *moste dearest coussen, & now consider wheth[er]* | tão querido primo[II]. Agora pondera se |
| *a harte made of fleshe to be able to indure* | um coração feito de carne suporta |
| *so manye misfortunes all faleinge vppon* | tantos infortúnios, todos recaindo sobre |
| *me withowt Intermission, I thancke my* | mim sem intermissão. Agradeceria meu |
| *god that in endinge of me he hath pleased* | Deus se no meu fim ele tivesse se contentado |
| *to Ridde me of all furder troble & misshappes* | em livrar-me de mais transtornos e infortúnios[III]. |
| *And nowe to retume to our private matters* | Voltando a nossos assuntos particulares, |
| *I haue made a will, wherein I haue given* | fiz um testamento onde dou |
| *speciall Chardge that all goodes whatsoeuer* | ordens especiais para que todos e quaisquer |
| *belonges to me to be deliuered into your handes·* | bens pertencentes a mim sejam entregues em tuas mãos. |
| *for godes sake refuse not to doe this last* | Pelo amor em Deus, não se recuse a realizar este último |
| *Requeste for me, I owe little that I k[nowe]* | desejo por mim. Devo pouco pelo que sei |
| *of & therefore hit wilbe the les troble,* | e então isto será um problema mínimo. |
| *But if there be anye debte that of* | Contudo, caso exista alguma dívida que |
| *truthe is owinge by me for godes sake see hit* | verdadeiramente me pertença, pelo amor de Deus, providencia |
| *paid, I haue lefte a space in the will for* | que ela seja paga. Deixei um espaço no testamento |
| *another name, & if yow thincke hit goode* | para um outro nome e se tu achares isso bom, |
| *I praye take in my Coussen Henrye* | peço que inclua meu primo Henry |
| *Sekeforde hee will ease you muche in manye* | Seckeford. Ele muito te auxiliará em vários |
| *businesses Althoughe hee looke for gaine /* | negócios, embora ele procure algum lucro. |
| *yow shall fynd hym a verie fitte man in* | Tu notarás que ele é um homem muito competente |
| *some Respectes, to loyne with yow· / there* | em alguns assuntos para associar-se a ti. Há |
| *is a byll of adventure to my Coussen* | uma carta de aventura a meu primo |

[I] Neste momento Cavendish estava aproximadamente na latitude da ilha de Ascensão.
[II] Não sabemos e é impossível estimar a data aproximada da morte do capitão John Cocke
[III] Ele expressa aqui seu conhecimento que não pode (ou talvez se recuse) a sobreviver por mais tempo.

**Comentários:**

Esta página é um exemplo claro de quanto o tradutor tem de alterar e adaptar a pontuação original empregada por Cavendish para que se obtenha um texto claro em português.

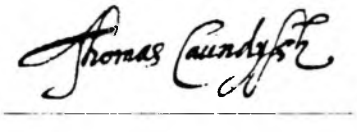
## 37 – Cavendish se despede de amigos e parentes

| | |
|---|---|
| Richarde Cocke if hit happen the othere ship\|pe\| | Richard Cocke[I] e caso aconteça de o outro navio |
| Returne whome with anye thinge as hit is \|not\| | voltar com qualquer coisa, o que não é |
| impossible / I praye Remember him for hee | impossível, peço-te que te lembre dele, uma vez que ele |
| hathe nothinge to shewe for hit / and likewise | não terá nada para mostrar-te, assim como |
| Master Heton the customer of hemton which is | mestre Heton, o cliente de Southampton[II], a qual[III] é de |
| 50li, and one Elliotte of Rettclife by Londo\|n\| | 50 libras e uma de Elliot de Rattcliffe de Londres[IV] |
| which is 50li, more the reste haue all billes | que é de mais 50 libras. Todo o resto tem cartas |
| of Adventure but the rune in the vittaile | de aventura com exceção daquelas relacionadas aos víveres |
| onelie two excepted which I haue written vnto | perdidas, salvo duas cartas, a respeito das quais te escrevi. |
| you· / I haue giuen Sir George Carie the | Doei a Sir George Carey |
| desier if ever shee Retume for I | o Desire, caso ele retorne (para quem |
| always promised hym her if shee | já o havia prometido se ele |
| returned and a little parte of her getinge | retornasse) e pequena parte do que trouxesse consigo[V]. |
| If any such thinge happen I praye yow | Caso quaisquer destas coisas aconteçam, peço-te |
| see hit performed· / to vse Complimentes of loue | que te certifica que assim seja feito. Proferir saudações |
| nowe at my laste breathe were frevolus | carinhosas em meu último suspiro seria inútil, |
| But knowe that I lefte none in England | mas saibas que não deixei ninguém na Inglaterra |
| whome I loued half so well as yourselfe | que eu tenha admirado metade de como te admirava, |
| which yow in such sorte deserued at my handes | que de tal maneira merece tanto de mim |
| As I Can by noe meanes Requite; I haue left | que de modo algum não posso te retribuir. Deixo |
| all that little Remayninge vnto you not to | tudo a ti, do pouco que sobrou, sem |
| be accomptable for anye thinge· / that which | nenhuma obrigação. Entrega a |
| you will if yow fynd anye ouer plus of | minha irmã Anne Cavendish |
| Remaynd\|er\| | qualquer excedente do que |
| your self especiallye beinge satisfied to yo\|ur\| | sobrar, tendo |
| owne desire, give vnto my sister A\|nne\| | tu especialmente satisfeito teu desejo. |
| Candishe· / I haue written to noo ma\|nne\| | Escrevo a nenhum outro homem |
| but your self, leveinge all frindes an\|d\| | além de ti, deixando de lado todos os amigos |
| kynsmen onelie reputeinge you as \|dearest\| | e parentes, apenas te considerando como o mais querido. |
| Comend me to bothe your brothers bei\|ng\| | Envia minhas saudações a teus irmãos; estou |
| gladde that your brother Edwarde es\|caped\| | feliz por teu irmão Edward ter escapado |

[I] Era o irmão mais novo do Capitão John Cocke e era o segundo filho de John Cocke Prittlewell de Essex e Elizabeth Wentworth, filha do lorde Thomas Wentworth, irmã da mãe de Thomas Cavendish, que era Mary Wentworth.
[II] Thomas Eaton (Eton or Heton) era um cliente de Southampton.
[III] Carta de aventura.
[IV] Elliot de Ratcliffe, Essex, não foi identificado
[V] O *Desire* foi presumivelmente entregue a Carey após ter sido trazido da Irlanda.

**38**

| | |
|---|---|
| So vnfortunate a viage / praye give th[is] | de tão desafortunada viagem. Rogo-te dar esta |
| Copie of my vnhappie proceedeinges in this | cópia de minhas infelizes passagens nesta |
| action to none but onelie to Sir George Carey | expedição a ninguém além de Sir George Carey |
| & tell him that if I had thoughte the letter[s] | e conte-lhe que se eu acreditasse que cartas |
| of a deade man woulde haue bynn acceptable | de um homem morto fossem aceitas, |
| I woulde haue written vnto him· / I haue | eu teria escrito a ele. Ordenei ao |
| taken order with the Master of my shippe to se[e] | mestre[I] de meu navio, Steven Seaver, que veja |
| his peeces of ordinance to be deliuered | suas[II] peças de artilharia serem entregues |
| to him, for he knowethe them, and if the | a ele, já que Sir Carey as conhece. |
| Roobucke be not returned, then I haue | Caso o Roebuck não retorne, então |
| appointed him to deliver him two brasse | designei Seaver para entregar a Sir Carey duas peças de |
| peeces owt of this shippe which I praye see | bronze deste meu navio, o que rogo ver |
| performed· / I haue nowe noe more to saye | realizado. Não tenho nada mais para dizer, |
| but take this laste farewell, that you | além de que receba esta despedida; tu |
| have loste the loveingest frind that was | perdeste o mais querido amigo que alguém |
| loste by Anye / Comend me to your weife | poderia ter perdido. Recomendações a tua esposa[III]. |
| noe more but as yow love god doe not | Sem mais, contudo como tu amas a Deus não |
| Refuse to vndertake this laste Request | te recuses em realizar este meu último |
| of myne. I praye forget not Master | pedido: Peço-te não esquecer-te do mestre |
| Carey of Cockington gratifie him with | Carey de Cockington[IV]. Gratifica-o com |
| some thinge for he vsed me kindelie at | algo por ter me tratado de maneira gentil |
| my departure, beare with this scribleinge | em minha partida[V]; tenha paciência com estas garatujas, |
| for I protest I am scante able to holde | pois afirmo que mal posso segurar |
| A penne in my hand· / | uma pena em minha mão. |
| | |
| By him that [most] | Daquele que muito |
| loved you· | te admirava, |
| Thomas C[aundyshe] | Thomas Cavendish |
| | |
| I praye cause to be deliuered unto the bearer | Peço que sejam entregue 40 libras |
| heareof 40li | ao portador desta. |
| Th. Caundyshe. | T. Cavendish |



[I] O mestre do galeão *Leicester* era aparentemente Steven Seaver.
[II] Peças pertencentes a George Carey.
[III] George havia se casado com Elizabeth Cole.
[IV] George Carey de Cockington é chamado geralmente assim para distinguir-lhe de Sir George Carey da ilha de Wight. Nasceu em 1541, foi cingido cavaleiro em 1598 e morreu em 1616.
[V] George Carey de Cockington foi evidentemente um dos que se despediram de Cavendish em sua partida em Plymounth em 26 de agosto de 1591.

**Comentários:**

Mais uma vez o tradutor pode facilitar a compreensão da mensagem de Cavendish. No trecho "*Master of my shippe to se[e] his peeces of ordinance to be deliuered to him, for he knowethe them, and if the Roobucke be not returned, then I haue appointed him to deliver him two brasse peeces owt of this shippe which I praye see performed· / I haue nowe noe more to saye*", citamos nominalmente as pessoas a quem ele se refere:

"mestre de meu navio, Steven Seaver, que veja suas peças (de George Carey) de artilharia serem entregues a ele, já que Sir Carey as conhece. Caso o Roebuck não retorne, então designei Seaver para entregar a Sir Carey duas peças de metal deste meu navio, o que rogo-lhe ver realizado. Não tenho nada mais para dizer".

## 5. Conclusão

A tarefa de traduzir um texto como o de Cavendish não envolve apenas a habilidade do tradutor em dominar a língua de partida e a língua de chegada: faz-se necessário conhecer o contexto histórico em que ele está inserido para se obter um resultado razoável, caso lhe convenha fazer uma tradução fiel ao conteúdo original.

Através desse nosso trabalho de pesquisa constatamos o quanto é ainda escassa a publicação de traduções em português de relatos navais escritos em inglês que dizem respeito à história do Brasil, assim como a inexistência de um levantamento lingüístico de equivalência entre termos navais ingleses e portugueses.

Chegamos à conclusão de que para um resultado satisfatório de tradução de relatos navais similares, faz-se necessária uma análise, em termos históricos e lingüísticos, da obra para possibilitar um levantamento da terminologia e a possível inclusão de informações tanto por meio de notas quanto por inclusão destas informações no próprio texto na língua de chegada.

Após o trabalho da tradução, se necessário em função do público leitor, pode-se aplicar as possíveis edições e/ou adaptações de modo que o texto seja claro o suficiente para o leitor. Talvez a obra produzida por Martin "O Erro de Thomas Candish" seja a que mais se aproxima do modelo desejado pelas editoras que tenham em vista o grande público.

Certamente uma tradução adaptada, com alteração no estilo, supressão de repetições, sintaxe clara, fiel à narrativa original (sem a adição de elementos ficitícios como os que Martin introduz) e com a possível adição de figuras ilustrativas, seja uma solução adequada ao público infanto-juvenil ou a pessoas interessadas em literatura de aventura, onde ao mesmo tempo em que o leitor a interpreta sem maiores dificuldades, o conteúdo lhe é transmitido em sua integridade tendo o tradutor o papel de direcionar a essência do original e filtrar a possível falta de clareza de certas passagens da obra original.

**6. Bibliografia**

_____. *ANAIS do I Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação (I CIATI) – Tradução, Interpretação na Era da Globalização*, São Paulo, Centro Universitário Ibero-Americano, 1998.

_____. *Lives and Voyages of Drake, Cavendish and Dampier*, Edinburgh, Oliver & Boyd, 1831.

ABREU, J. Capistrano. *Capítulos da História Colonial*, São Paulo, Editora Itatiaia, 1988.

ANDREWS, Kenneth A. *Elizabethan Privateerings*, Cambridge, Cambridge University Press, 1964.

ANJOS, Fernanda Maria. *Engenho São Jorge dos Erasmos*, Dissertação de Mestrado FFLCH/USP, São Paulo, 1998

AUBERT, Francis H., *Procedimentos Básicos de Terminologia*, São Paulo, In: Caderno de Terminologia n.2 – CITRAT, 1996.

BARBER, Charles. *Early Modern English*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 1976

BASSNETT, Susan. *Translation Studies*, London, Routledge, 1988

BELL, Roger T. *Translation and Translating – Theory and Practice*, New York, Editora Longman, 1991

BLOOMFIELD, Morton W. *A Linguistic Introduction to The History of English*, New York, Alfred A. Knopf, 1963

BRITO, Bernardo Gomes de. *História Trágico Marítima*, Rio de Janeiro, Editora Lacerda, 1998.

BROOK, G. L., *A History of The English Language*, Londres, Andre Deutch Ltd., 1958

BUARK, Cícero. *Ilhabela e Seus Mistérios*, São Paulo, Editora Nagy, 1986

BUENO, Eduardo. *Náufragos, Traficantes e Degradados*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 1998

CABRÉ, M. T. *La Terminología, Teoria, Metodologia, Aplicaciones*, Barcelona, Editora Antártida, 1993

CAMINHA, João Carlos. *História Marítima*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1979

CARRAS, C. B. *Para um Vocabulário Técnico-Científico Bilíngüe (Português –*

*Francês) da Linguagem Comercial*, Tese de doutorado FFLCH/USP, São Paulo, 1994

CENTENARA, Martin Barco. *Historia de la Nacion Argentina*, Buenos Aires, Academia Nacional de la Historia, 1961.

CHERQUES, Sérgio. *Dicionário do Mar*. São Paulo, Editora Globo, 1995

COLLINS, Jan. *Dictionary of English Language*, Glasgow, William Collins Sons & Co., Ltd., 1979.

DAVIS, John. *The Seaman's Secret*, London, Gartrude Dawson, 1657.

DÉA, Nádia Dalla. *Para Um Vocabulário Técnico Bilíngüe (Francês – Português) de Saneamento e Tratamento de Água*, Dissertação de Mestrado FFLCH/USP, São Paulo, 1998

DIEGUES, Antonio Carlos. *Ilhas e Mares*, São Paulo, Editora Hucitec, 1998

ECO, Umberto. *A Ilha do Dia Anterior*, Rio de Janeiro, Record, 1995.

ELLIS, Alfredo. *O Thesouro de Cavendish*, São Paulo, Editora Nacional, 1928

FERREIRA, Olavo Leonel. *História do Brasil*, São Paulo, Editora Ática, 1996

GANDIA, Enrique de. *Historia de los Piratas en el Rio de la Plata*. Buenos Aires, Libreria y Editorial Cervantes, 1936

GENTZLER, Edwin. *Contemporary Translation Theories*, London, Routledge, 1992

GOMES, Maria Jose. *Ilhabela*, São Paulo, Ibla Editora, 1996

HAKLUYT, Richard. *Principal Navigations*, Cambridge, Hakluyt Society, 1955.

HAWKINS, Richard. *Observations*, London, J.A. Williamson, 1598.

HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1572.

KNIVET, Anthony. *Vária Fortuna e Estranhos Fados*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1947.

KONSTAM, Angus. *The History of Pirates*, New York, Lyons Press, 1999

LADMIRAL, Jean René. *A tradução e Seus Problemas*, Lisboa, Edições 70, 1972

LEFEREVE, André. *Translating, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*, London, Routledge, 1992

LEITÃO,Humberto. *Dicionário da Linguagem da Marinha Antiga e Actual*, Lisboa, Centro de Estudos Ultramarinos, 1963

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1943

LEME, Pedro Taques. *História da Capitania de São Vicente*, São Paulo, Editora Melhoramentos, 1942

MAUROIS, Andre. *História da Inglaterra*, Rio de janeiro, Irmãos Pogetti Editores, 1938

MERLO, Marcia. *Memória de Ilhabela*, São Paulo, Educ:Fapesp, 2000

MESCHONNIC, Henry. *Pour la poétique II*, Paris, Gallimard, 1973

MILTON, John. *Tradução: Teoria e Prática*, São Paulo, Martins Fontes Editora, 1998.

MOSSE, Fernand. *A Handbook of Middle English*, London, James Walker, 1973.

MOTA, Avelino Teixeira (coord.). *Um manuscrito Náutico Seiscentista Reencontrado, Memórias da Academia das Ciências de Lisboa Tomo XVIII*, Lisboa, Academia Científica Lusitana 1976

NEALE, William. *Cavendish or the Patrician at the Sea*, London, Henry Colburn & Richard Bentley, 1832.

NIDA, Eugene. *Toward a Science of Translation*, Netherlands, E. J. Brill, 1964

O'SCANLAN, Timoteo. *Diccionario Marítimo Español*, Madrid, 1831

PATERSON, Annabel. *Censorship and Interpretation.*London, University of Wisconsin Press, 1984

PENNINGTON, L.E. *The Purchas Handbook*, London, Hakluyt Society, 1997

PLATT, Richard. *Pirate*, London, Dorling Kindersley Limited, 1994

PYLES, Thomas. *The Origin and Development of The English Language*, New York, HBJ International Edition, 1982

QUINN, David B. (org.). *The Voyage of Thomas Cavendish 1591-1592*, Chicago, University of Chicago Press, 1975.

RAMOS, Fábio Pestana. *Naufrágios e Obstáculos*, São Paulo, Editora Humanitas, 2000

RONAI, Paulo. *A Tradução Vivida*, São Paulo, Editora Nova Fronteira, 1979

SALVADOR, José Gonçalves. *A Capitania do Espírito Santo e seus Engenhos de Açucar*, UFES – Departamento Estadual de Cultura, 1994

SAN MARTIN, Eduardo. *A Viagem do Pirata Richard Hawkins*, Porto Alegre, Editora Artes e Oficios, 2001

SAN MARTIN, Eduardo. *Terra à Vista*, Porto Alegre, Editora Artes e Oficios, 1996

SANTOS, Francisco Martins. *História de Santos*, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1953

SINGMAN, Jeffrey. *Daily Life in Elizabethan England*, London, Greenwood Press, 1988.

SMITH, Lacey Baldwin. *The Elizabethan World*, Boston, Houghton Mifflin Company, 1967.

STEINER, George. *After Babel: Aspects of Language and Translation*, Oxford, Oxford University

Press, 1975

STRONG, Barbara. *A History of English*, London, Hoper and Row, 1974

THEO-FILHO. *A Ilha Selvagem*, São Paulo, Editora Saraiva, 1968.

TOURY, Gideon. *In Search of a Theory of Translation*, Tel Aviv, Porter Institute, 1980

VENUTI, Lawrence. *The Scandals of Translation*, London, Routledge, 1998

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility*, London, Routledge, 1.995

## 7. Notas explicativas

[1] Algumas obras citam que Cavendish nasceu em 1555, como é o caso da Enciclopédia Britânica.

[2] Os outros dois navegadores que haviam contornado o globo anteriormente foram Fernão de Magalhães e Francis Drake.

[3] O historiador Evaldo Cabral Mello em seu artigo "Um enigma iconográfico" ressalta que a maior parte da mão-de-obra utilizada nos engenhos do século XVI era formada por indígenas. Jornal "A Folha de São Paulo" de 6 de janeiro de 2002. Caderno Mais.

[4] As cinco embarcações que formavam a esquadra eram: os galeões *Desire, Roebuck, Leicester* e as pinaças *Dantie* e *Black Pinnace*. O *Desire* já era de propriedade de Cavendish e provavelmente antes de partir para sua terceira viagem, ele tenha adquirido o *Leicester*, o *Roebuck* e o *Black Pinnace* com a riqueza proveniemente da pilhagem ao Santa Anna. O *Daintie* era de propriedade de John Davis.

[5] Teodoro Sampaio. Artigo "*Peregrinações de Anthony Knivet no Brasil no século XVI*" publicado na Revista do Instituto Histórico, 2º tomo especial, Primeiro Congresso de História Nacional, 1914/ 1915.

[6] Estas transações referem-se às atividades comerciais pacíficas estabelecidas pelo *Minion* de Londres em 1581 e por Edward Fenton em 1583 nos portos de Santos e de São Vicente.

[7] Seria a igreja da Misericórdia, pois adiante Knivet diz que foram posteriormente se alojar no colégio dos jesuítas, onde existia uma outra igreja fundada em 1585. É mister recordar também a existência nessa época da igreja do Carmo. Cf. nota de Francisco de Assis Carvalho Franco em "*Vária Fortuna e Estranhos Fados*" de Anthony Knivet, traduzido por Guiomar Franco. São Paulo, 1947. p.21.

[8] Francisco Martins Santos. *História de Santos*. 535 – 1937. São Paulo. Revista dos Tribunais, 1953.

[9] Anthony Knivet. "*Vária Fortuna e Estranhos Fados*", traduzido por Guiomar Franco. São Paulo, 1947

[10] O piloto português Gaspar Jorge havia integrado a expedição assim que Cavendish alcançou a costa brasileira. Cf. David Quinn em "*The Manuscript of Thomas Cavendish*" p.29.

[11] Entre os homens de Cavendish, encontrava-se o escritor Thomas Lodge que encontrou no Colégio dos Jesuítas o manuscrito "*Doutrina Christãa na lingua Brasilica*", que era a tradução e adaptação de um original em português para o guarani. Lodge manteve consigo tal documento até seu retorno à Inglaterra. Também em Santos, Lodge teve a idéia para o livro "*A Margarite of America*", publicado em 1596 e que ele afirma ter escrito durante a época em que a esquadra de Cavendish tentava atravessar o Estreito de Magalhães.

[12] Teodoro Sampaio. Artigo "*Peregrinações de Anthony Knivet no Brasil no século XVI*" publicado na Revista do Instituto Histórico, 2º tomo especial, Primeiro Congresso de História Nacional, 1914/ 1915.

[13] John Janes foi um dos integrantes da expedição que também deixou seu relato. Ela encontra-se na íntegra no livro "*Hakluyt Voyages*" sob o título "Account of the Voyage of Master Thomas Cavendish into the South Sea in 1591".

[14] Tal porto argentino localiza-se na lat. 47º 46' S, long. 65º 56' W.

[15] "whiche in deede I thincke to be such as worser mighte noghte not be indewred"

[16] "the moste abiect mynded & mutanus Companye that ever was Caried owt of Englande"

[17] "I was only induced to go with M. Candish in his second attempt for the South Seas, upon his constant promise unto me, that when we came to Callifornia, I should there have his Pinnace with my own Bark to search that Northwest discovery upon those back parts of America, but God hath otherwise disposed our purposes in his divine judgements, for Mr. Candish being half way through the Straits of Magilane, and impatient of the tempestuous furiosness of that place, having all his Ships and company eith him, returned for Brasil, by the autority of his command, when with a leading wind we might have passed the same, and returning more than 80 leagues toward Brasil, my self being in his Ship named the Desire without Boat, Oares, Sails, Cables, Cordage, Victuals, or health of my Company sufficient for that attempt, was separated in a freit of weather, and forced to seek the next shore for my relief, & recovering a Harborow by us named Port Desire, being in the latitude of 48 degr. did there repair my most miserable wants, and there staying four months in the most lamentable distress

did again conclude with my Company, to give another attempt to pass the Straits, as my best mean to gain relief. And three times I was in the South Seas but still furious weather forced back again: yet notwithstanding all this my labour to perform the voyage to his profit, and to save my self (for I did adventure, and my good friends for my sake, 1100 pounds in the action) Mr. Candish was content to account me to be the Author of his overthrow, and to write with his dying hand that I ran from him, when that his own Ship was returned many months before me.
I am bold to make this Relation to your Lordship, only to satisfy your Honour of my conversation, for were I faulty of so foul a crime, I were worthy of ten thousand torments." – John Davis. *The Seaman's Secret*. London, Gartrude Dawson, 1657

[18] "the moste grevous storme that ever anye Christian indured vppon the seas", página 7 do manuscrito.

[19] David B. Quinn. *The Last Voyage of Thomas Cavendish*, Chicago, Chicago University Press, 1975. p.39

[20] Cícero Buark. *Ilhabela e Seus Mistérios*, São Paulo, Editora Nagy, 1986

[21] Revista "*Mares do Sul*" Ano 4, no 12, Florianópolis, 1997.

[22] Em matéria publicada no jornal "A Folha de São Paulo" de 18 de janeiro de 1998, alguns exploradores ainda buscam um possível tesouro deixado por Cavendish, quando da sua passagem pela ilha de São Sebastião. Segundo o artigo, estes exploradores teriam em mãos um mapa do tesouro que teria pertencido a um descendente de corsário.

[23] A data correta seria 26 de agosto de 1591.

[24] A data correta seria 3 de fevereiro de 1592.

[25] Capitão John Cocke, primo de Thomas Cavendish.

[26] Alfredo Ellis. *O Thesouro de Cavendish*, São Paulo, Editora Nacional, 1928

[27] Como dito anteriormente, a data de partida de Cavendish foi em 26 de agosto de 1591, obviamente durante o verão do hemisfério norte.

[28] Raimundo Menezes. "*Aconteceu no Velho São Paulo*", São Paulo, Coleção Saraiva, 1954

[29] Eduardo San Martin. "O Erro de Thomas Candish" in "*Terra à Vista*". Porto Alegre, Editora Ofícios e Artes, 1996, p. 39-77.

[30] Anthony Knivet. "*Vária Fortuna e Estranhos Fados*", traduzido por Guiomar Franco. São Paulo, 1947

[31] Folha de São Paulo, "Pirata entra para a história oficial de Ilhabela". Artigo de 18 de janeiro de 1998

[32] David B. Quinn. *The Last Voyage of Thomas Cavendish*. Chicago, Chicago University Press, 1975

[33] "but nowe I am growne so weake & fainte as I am scarce able to holde the penn in my hande"

[34] Ilha de Ascensão.

[35] David B. Quinn. *The Last Voyage of Thomas Cavendish*, Chicago, Chicago University Press, 1975, p. 5

[36] Ibid., p. 6

[37] Ibid., p. 35

[38] Ibid., p. 48.

[39] Morton Bloomfield. *A Linguistic Introduction to the History of English*. New York, Knopf Publishing, 1963, p. 290-291.

[40] Merja Kytö e Suzanne Romaine. *Competing forms of adjective comparison in modern English: What could be more quicker* and *easier* and *more effective*?. Ensaio postado na página da Internet do British National Corpus: http://info.ox.ac.uk/bnc.

[41] Richard Hakluyt (1552?–1616), geógrafo inglês. Um interesse passional pela história das descobertas o levou a colecionar e publicar narrativas de viagens. Promoveu ativamente as descobertas e colonizações inglesas, em

especial na América do Norte. Seu principal trabalho, chamado por J. A. Froude de "a prosa épica da nação inglesa," é "*The Principal Navigations, Voyages, Traffics, and Discoveries of the English Nation* (3 vol., 1598–1600), uma ampliação da versão de um único volume (1589). Outras publicações incluem *Divers Voyages touching the Discovery of America and the Islands Adjacent* (1582) e um relato das descobertas de Hernando De Soto com o título "*Virginia Richly Valued*" (1609). Os manuscritos deixados após seu falecimento foram incluídos por Samuel Purchas em seu *Pilgrims* (4 folios, 1625); outros estão preservados na Biblioteca Bodleian, em Oxford. A publicação das narrativas das primeiras explorações teve seqüência através da Hakluyt Society, fundada em 1846. Columbia Encyclopedia, Columbia University Press, 2000.

[42] "This we see all, and feel daily in ourselves; this in Master Candish here, in Sir Francis Drake before, the sea's two darlings, there, and thence both living and dying; if dissolution of the body may be called a death, where the soul arriveth in heaven, the name fills the earth, the deeds are precedents to posterity, and England their country hath the glory alone that she hath brought forth two illustrious captains and generals, which have fortunately embraced the round waist of their vast mother, without waste of life, reputation and substance; yea victorious over elemental enemies, illustrious in wealth and honour, they have come home, like the sun in a summer's day, seeming greatest nearest his evening home, the whole sky entertaining and welcoming him in festival scarlets and displayed colours of triumph." in *The Cambridge History of English and American Literature*, versão eletrônica no site: http://www.bartleby.com/cambridge/

[43] Na verdade John Cocke, grafado erroneamente.

[44] "Like most writers of his time, Purchas loves to note the freaks and peculiarities of nature, and revels in the wonderful. When he introduces a tragic narrative, like that of the unfortunate Cavendish, on his last journey, he improves the occasion. Cavendish's last letter to his friend and executor, Sir Tristram Gorges, is a pathetic page in our literature; for the dying man, with enfeebled hand, pours forth therein the utter depth of his misfortune. He speaks of tempest, cold, famine, cowardice, mutiny and the ill-fortune of war, saying:
And now by this, what with grief for him [his kinsman, John Locke] and the continual trouble I endured among such hell-hounds, my spirits were clean spent; wishing myself upon any desert place in the world, there to die, rather than thus basely to returne home again.... And now consider whether a heart made of flesh, be able to endure so many misfortunes, all falling upon me without intermission. I thank God that in ending of me, he hath pleased to rid me of all further trouble and mishaps.
But this poignant narrative does not escape the somewhat "precious" pen of Purchas, who had drunk at the Euphuistic spring. He likens the life of the navigator to the change from sunshine to shadow; from day to night, from summer to winter." in *The Cambridge History of English and American Literature*, versão eletrônica no site: http://www.bartleby.com/cambridge/.

[45] Samuel Purchas. *His Pilgrimes* volume IV. Londres, 1625, p.1.193 a 1.201.

[46] "Some passionate speeches of Master Candish against some private persons not employed in this action I haue supressed, some others I haue let passe." in Samuel Purchas. His Pilgrimes volume IV. Londres, 1625, p.1.191.

[47] "infinitli troble you for", manuscrito de Cavendish, folha 1v.

[48] "a hungrye man", manuscrito de Cavendish, folha 2.

[49] Humberto Leitão, *Dicionário da Linguagem da Marinha Antiga e Actual*. Lisboa, Centro de Estudos Ultramarinhos, 1963, p.VII

[50] Susan Bassnett, *Translation Studies*. London, Routledge 1988, p.13

[51] George Steiner. *After Babel: aspects of language and translation*. Oxford: Oxford University Press, 1975, p. 262

[52] Henry Meschonnic. *Pour la poétique II*. Paris: Gallimard, 1973

[53] Lawrence Venuti, *The Translator's Invisibility*. London, Routledge 1995

[54] Ibid.

[55] Eugene Nida, *Toward a Science of Translation*. Netherlands: E. J. Brill, 1964, p.238

[56] Diva Cardoso Camargo. *Os Textos Empresariais e Técnicos e As Modalidades Tradutórias in* Anais do I Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação (I CIATI). São Paulo. UNIBERO 1998. p.165

[57] Paulo Ronai. *A Tradução Vivida*. São Paulo. Editora Nova Fronteira 1992. p.115

[58] Avelino Teixeira de Mota (coord.). *Um Manuscrito Náutico Seiscentista Reencontrado*. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa Tomo XVIII. Lisboa. Academia Científica Lusitana 1976.

[59] Paulo Ronai. *A Tradução Vivida*. São Paulo. Editora Nova Fronteira 1992

[60] Bernardo Gomes de Brito. *História Trágico Marítima*. Rio de Janeiro. Editora Lacerda 1998

[61] Eduardo San Martin. "*O Erro de Thomas Candish*" in "*Terra à Vista*". Porto Alegre. Editora Ofícios e Artes. 1996. p. 39-77.

[62] San Martin. E. *A Viagem do Pirata Richard Hawkins*, Porto Alegre. Editora Artes e Ofícios. 2001

[63] Jornal "O Estado de São Paulo" de 2 de junho de 2001. Caderno de Sábado.

[64] San Martin. Eduardo. *Terra à Vista*, Porto Alegre. Editora Artes e Ofícios. 1996. p.39

[65] Ibid.. p.41

[66] Ibid. p.45

[67] Ibid. p.41

[68] Ibid. p.49

[69] Ibid. p.50

[70] Ibid.. p.75-76

[71] Email de 20 de junho de 2001. Fábio Ramos é doutorando na Universidade de São Paulo e autor do livro "*Naufrágios e Obstáculos*".

[72] O'Scanlan. Timoteo. *Diccionario Marítimo Español*. Madrid. 1831. p.68.

[73] Anthony Knivet (trad. de Guiomar de Carvalho Pinto). "*Vária Fortuna e Estranhos Fados*". São Paulo. Editora Brasiliense 1947. p. 7.

[74] Anthony Knivet (trad. Higino Duarte Pereira). *Narração de Viagem in* Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro. Volume XLI. 1878. p.195

[75] Bernardo Gomes de Brito. *História Trágico Marítima*. Rio de Janeiro: Editora Lacerda 1998. p.32

[76] Avelino Teixeira de Mota (coord.). *Um Manuscrito Náutico Seiscentista Reencontrado*. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa Tomo XVIII. Lisboa. Academia Científica Lusitana 1976

[77] "The seabed below was so narrow. that when we let the anchor go. and attempted to let it hold on the seabed and secure it's cable (or hawser) on the ship. the ship had drifted so far back toward the shore that the ship grounded. (Explanation: Most sailing ships would let go an anchor or two. then let the movement of the waves or tides keep their bows toward the open sea. So the anchor had to have a length of cable from it to the ship. If I remember correctly this is about six times the depth of water or so. A ship could not anchor in water which was too deep. So this passage implies that there was only a narrow shelf or bank under water next to the shore or reef that the ship could attempt to anchor to) (David Meagher. email de 8 de dezembro de 1999)